FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 102 ★ Nº 34.283 — DOMINGO, 12 DE FEVEREIRO DE 2023 — R$ 9,00

ilustríssima ilustrada

MÔNICA BERGAMO

Feliz e um pouco louca

Wanessa Camargo, em 'processo de cura', estreia bloco na folia paulistana C2

Famosos e anônimos mudam pornografia expondo-se em sites como OnlyFans C1

esporte B6
Após adeus de Tom Brady, SuperBowl pode coroar hoje novo rei da NFL

esporte B7
Real Madrid vence e é campeão mundial pela 8ª vez; Flamengo fica com o 3º lugar

PAINEL

Coluna estreia 'Três Poderes', sua nova seção

Política A4

A cantora Wanessa Camargo, que estreia seu próprio bloco de Carnaval, o Xainiró, neste domingo em SP Bruno Santos/Folhapress

Governo vive impasse sobre julgamento de militares suspeitos

Caso pode opor Moraes ao Executivo; juristas se dividem sobre quem deve conduzir apuração de atos golpistas

A indefinição sobre a tramitação dos processos de militares suspeitos de participarem dos ataques golpistas de janeiro em Brasília pode opor o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Passado um mês do episódio, não está decidido se os casos cabem à Justiça comum ou à Justiça Militar.

Relator das investigações, Moraes tem afirmado a pessoas próximas que pretende manter os processos no Supremo — a seu ver, os membros das Forças Armadas envolvidos devem ser julgados pela Justiça comum. O Executivo, entretanto, avaliou inicialmente que estes deveriam ficar na Justiça Militar, posição agora revisitada ante a oposição do magistrado.

A expectativa é que o tema seja rediscutido na próxima semana, e a palavra final sobre a competência para investigar cabe ao Supremo.

A dúvida alimenta a incerteza sobre quando militares podem ser investigados pela Justiça comum e em quais situações devem ser alvo da Justiça Militar. Essa definição divide juristas e o próprio governo. Política A4

Pioneiro no século 19 em saneamento, país ficou para trás

A trajetória do Brasil em saneamento, na qual prevalecem apostas malsucedidas e omissões, ajuda a explicar a posição do país na segunda metade de um novo ranking global de água e esgoto tratados, com dados do Unicef e da OMS. Mercado A18 a A20

Vinicius Torres Freire

Herança maldita tem de ser exposta

Governo não é polícia nem Promotoria, mas tem a obrigação legal de documentar e denunciar os responsáveis pelos crimes no sistema de Justiça sob Jair Bolsonaro. Senão, os criminosos ficarão impunes e prontos para voltar, em 2024 ou 2026. Mercado A17

Laço entre bolsonarismo e Campos Neto é tênue

O laço com o bolsonarismo pôs o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, na mira de integrantes do governo. Ex-colegas de Esplanada e ex-dirigentes do BC, porém, minimizam os momentos em que ele demonstrou proximidade com a gestão Bolsonaro e avaliam sua atuação como técnica. Mercado A17

Ações de Lula irritam agro, e relação com o PT patina A15

Garimpeiros continuam a invadir Terra Yanomami

Equipes do Ibama detectaram fluxo de embarcações de garimpeiros com combustível e comida entrando na Terra Indígena Yanomami, sinal de que prossegue a exploração de ouro e cassiterita. Há também grupos armados dispostos a resistir às ações de desmonte. "Nunca vi tanta gente envolvida em crime ambiental", diz funcionário do órgão. Cotidiano B1

Avião queimado pelo Ibama em operação de combate ao garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami, em pista de pouso perto de Boa Vista Lalo de Almeida/Folhapress

Pré-Carnaval em SP é marcado por chuva e furtos

O começo do pré-Carnaval de São Paulo não aconteceu como esperavam os foliões, já que a chuva forte e os furtos de celular foram atrações do sábado que deu início à festa. Alguns dos blocos agendados também não foram para as ruas. Cotidiano B5

ATMOSFERA

São Paulo hoje

28° 20°

0h 6h 12h 18h 24h

ISSN 1414-5723

EDITORIAIS A2

Um mês depois

Sobre desdobramentos do ataque de bolsonaristas às sedes dos três Poderes em Brasília, que precisa ser investigado em busca de financiadores e mentores.

Em cidade turca onde terremoto fez sumir 20 mil, falta água e sobram ruínas

No meio de um vale, Nurdagi era uma bela cidade de 40 mil habitantes no sul da Turquia até o último dia 5.

Na manhã seguinte, o tremor fez a população reduzir à metade, com cerca de 20 mil pessoas sob escombros.

Não há água nem energia, relata **Ivan Finotti**, e as ruas estão tomadas pelas ruínas de prédios. Mundo A12

Não dá para salvar todos, diz socorrista na Síria

Ammar al-Salmo, coordenador dos capacetes brancos, grupo de socorristas que atua na Síria, fala da dificuldade de resgatar sobreviventes do terremoto que atingiu o país. A12

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Um mês depois

Apenas começou o trabalho de investigar e punir os responsáveis pelo ataque às sedes dos Poderes

Lá se vão mais de 30 dias desde que um punhado de idiotas marchou sobre Brasília, atravessou a Esplanada dos Ministérios e invadiu o Congresso, o Planalto e o Supremo Tribunal Federal.

A passagem do tempo realça o quanto havia de patético e grotesco na tentativa de atacar um governo eleito legitimamente, mas não reduz em uma nesga a torpeza e a gravidade da conduta criminosa.

Seus perpetradores, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), miraram nada menos que a democracia brasileira —e ela saiu incólume. Atingiram, contudo, as sedes dos três Poderes, que sofreram danos proporcionais à estupidez dos celerados.

É conhecido o rastro de destruição deixado naquele 8 de janeiro. Vidros estilhaçados, móveis destroçados, computadores danificados e paredes vandalizadas, além de importantes obras de arte retalhadas, numa demonstração pungente da falta de apreço desses facínoras pela cultura nacional.

Só no Supremo, onde a invasão durou pouco mais de uma hora, 576 objetos sofreram avarias em diferentes graus. Nos demais prédios, estima-se prejuízo de ao menos R$ 6 milhões.

A violência justificou atuação enérgica dos órgãos de Estado. A Advocacia-Geral da União, por exemplo, requereu o bloqueio judicial do patrimônio de 134 pessoas, 5 empresas e 2 entidades suspeitas. A cifra monta a R$ 20,7 milhões.

Em outra frente, 1.420 manifestantes foram detidos em flagrante, numa reação necessária para interromper a prática dos crimes, desestimular sua repetição e garantir o início dos inquéritos policiais.

Estranha, entretanto, que 916 ainda estejam em prisão preventiva, medida em tese excepcional que, quando se alonga, converte-se numa antecipação indevida da pena —um drible nos direitos constitucionais ao devido processo legal e à presunção de inocência.

Por mais que se trate de triste distorção da Justiça brasileira, toda autoridade judicial deveria se empenhar em evitar sua reprodução.

Este caso, em particular, seria didático: mesmo detratores da democracia recebem como resposta o Estado de Direito, com ampla oportunidade de se defenderem antes de conhecerem a sentença.

Não que a prisão preventiva deva ser descartada. Decerto há um núcleo de golpistas mais perigosos que precisam ficar longe das ruas. São os principais financiadores, os reincidentes, os violentos. E, claro, os líderes.

Nenhum esforço restará completo se os responsáveis por organizar e açular a malta permanecerem a salvo do máximo rigor legal. O mesmo se diga de autoridades que, instaladas em cargos públicos, cruzaram os braços.

A desídia das forças de segurança é indesculpável. Foi preciso que Luiz Inácio Lula da Silva (PT) decretasse intervenção no Distrito Federal para que a turba golpista encontrasse resistência efetiva.

No DF, o governador Ibaneis Rocha (MDB) foi afastado, e o ex-secretário de Segurança Pública Anderson Torres, preso, em decisões draconianas do Supremo.

A omissão de ambos durante o 8 de janeiro precisa ser investigada, mas não conta toda a história. Na casa de Torres, a Polícia Federal encontrou, pasme, a minuta de um decreto que autorizaria Bolsonaro a instaurar estado de defesa na sede do Tribunal Superior Eleitoral, a fim de reverter o resultado da eleição presidencial de 2022.

Há ainda outros omissos camuflados com as fardas militares. O Exército, responsável pela segurança do Palácio do Planalto, deixou de proteger um prédio que fica sob sua custódia.

Não surpreende que, passado o alvoroço, Lula tenha demitido o comandante da Força. Mas isso não resolve o imbróglio. É crucial que os membros da caserna adeptos do golpismo também sejam punidos nos termos da lei.

Que nada até o momento tenha respingado sobre eles depõe contra a seriedade das Forças Armadas, cuja reputação precisa ser preservada no país.

O avanço dos processos ainda precisará superar outros obstáculos. Um deles diz respeito à própria estrutura de julgamento. Não se sabe se o STF resolverá manter todos os casos debaixo de suas asas ou se mandará vários deles para a primeira instância.

Outro empecilho pode aparecer por culpa da Procuradoria-Geral da República. Após anos de inação, o chefe do órgão, Augusto Aras, resolveu mostrar serviço e acelerou as denúncias —porém investigadores da PF consideram que a pressa veio a custo da perfeição, com acusações frágeis.

Todavia a Justiça saberá resolver impasses e sanar abusos. Punir todos os responsáveis pela truculência antidemocrática é a melhor forma de desestimular a repetição desse capítulo vergonhoso da história brasileira.

Impactos do ataque de 8/1

- 1.420 presos em flagrante, dos quais 916 permanecem atrás das grades
- 653 denunciados pela Procuradoria-Geral da República
- R$ 20,7 milhões bloqueados, a pedido da Advocacia-Geral da União, de pessoas, empresas e entidades suspeitas
- Governador do Distrito Federal afastado do cargo por 90 dias
- Prisão de Anderson Torres, ex-ministro de Jair Bolsonaro e então secretário de Segurança Pública do DF
- Descoberta de minuta de decreto golpista na residência de Torres
- Substituição do comandante do Exército

A vida é dura

Hélio Schwartsman

Doença, solidão, luto, fracasso, injustiça e absurdidade. Definitivamente, a vida é dura. As seis primeiras palavras são os títulos dos seis primeiros capítulos de "A Vida É Dura", do filósofo Kieran Setiya (MIT). O sétimo capítulo se chama "esperança", mas, paradoxalmente, não destoa tanto dos anteriores.

Cada um deles é um microcosmo no qual o autor vai lançando ideias filosóficas que nos fazem pensar sobre os temas. Há um toque de autoajuda, já que Setiya se esforça para não nos empurrar nem para o desespero nem para o ilusionismo. O foco principal é a reflexão. É Sócrates quem disse que uma vida não examinada não merece ser vivida.

Como aperitivo, parafraseio ideias do autor acerca do fracasso. Um clichê popular é o de que a vida deve ser concebida e avaliada como uma narrativa, uma história que contamos para nós mesmos e em que figuramos como heróis. É uma ideia tão prevalente quanto errada. Não há razão objetiva para valorar a vida nesses termos. Basta lembrar que algumas das atividades mais prazerosas, como passar tempo com amigos, são atélicas, isto é, não têm um objetivo conclusível.

O problema é que damos tanto valor ao eu autobiográfico que consideramos fracasso tudo o que escape às narrativas heroicas. Alguns grupos sociais, como o de americanos brancos que não fizeram curso superior, são especialmente vulneráveis. Para eles, não ter o sucesso descrito em filmes é prova de fracasso pessoal. Outros grupos, até mais pobres, como o de negros sem faculdade, atribuem suas dificuldades não tanto a um fracasso individual, mas a barreiras sociais, como o racismo estrutural.

Para o autor, essa hiperpessoalização é o que explica fenômenos como as mortes por overdose e alcoolismo, que afetam desproporcionalmente os brancos pobres. E, embora Setiya não vá tão longe, isso também pode ajudar a explicar a guinada de certos grupos para a extrema direita em vários países.

helio@uol.com.br

Lula 3 não será Lula 1

Bruno Boghossian

Lula 1 não voltará ao Palácio do Planalto. Quem avisa é Lula 3. Em entrevista no início de fevereiro, o jornalista Kennedy Alencar destacou que o presidente tem hoje um discurso mais incisivo sobre temas econômicos do que em seu primeiro mandato. Em resposta, o petista reforçou que não vai repetir a plataforma que ele adotou há 20 anos para se mostrar amigável aos investidores.

"Entre o mercado e as pessoas que estão com fome, não me perguntem, porque obviamente vou fazer opção por tirar o pessoal da fome", afirmou.

A briga de Lula com o Banco Central não é uma investida pontual. As críticas à taxa de juros, a retórica de conflito com o mercado e a busca por estímulos à economia são reflexos de uma escolha feita pelo petista para buscar a marca que ele pretende imprimir em seu terceiro governo.

Desde que ganhou a eleição, Lula tem repetido em entrevistas e conversas reservadas que não abre mão de entregar resultados na área social, mesmo que tenha que provocar atritos com grupos influentes.

Lula 1 seguiu um método diferente. Sob desconfiança de investidores, o governo firmou um compromisso de controle fiscal e segurou gastos nos anos iniciais do mandato.

O preço político foi alto. A popularidade de Lula teve uma trajetória de queda de 2003 a 2005. Ao fim do terceiro ano de mandato, na esteira do mensalão, só 28% dos brasileiros diziam que o governo era ótimo ou bom. Os números só melhoraram em 2006, com a campanha pela reeleição e o fôlego do Bolsa Família.

O presidente não esconde a contrariedade com aquela linha de governo. Ele só se sentiu confortável no segundo mandato, com cofres abastecidos pelo boom das commodities, a chance de expandir investimentos e programas sociais, e um índice de aprovação de 83%.

Aliados dizem que o presidente quer governar no modo Lula 2, ainda que as condições não sejam as mesmas. Depois de vencer uma eleição apertada, o petista tem menos medo do mercado do que temor de perder sustentação em sua base social.

De uma agendinha de bolso

Ruy Castro

Foi há 60 anos. Tom Jobim se curvou para os aplausos no Carnegie Hall, a 21 de novembro de 1962, e Nova York se apaixonou pela bossa nova. Abriu-se uma ponte aérea Ipanema-Manhattan, e o primeiro a cruzá-la foi o Bossa Três, com o pianista Luiz Carlos Vinhas, o baixista Tião Neto e o baterista Edson Machado. A prova dessa paixão está numa agendinha de bolso de Tião Neto, que me caiu às mãos depois de sua morte, em 2001. Nela, Tião anotou o endereço dos grandes jazzistas de quem ficou íntimo e com quem, de repente, passou a circular. Eis alguns.

O escritório de Duke Ellington ficava na 52 W 58th, ou seja, rua 58 Oeste, nº 52. O de Quincy Jones, na 745 Fifth Avenue. Paul Chambers, o contrabaixista de Miles Davis, morava na 18 W 88th St. O pianista Horace Silver, no 400 Central Park W, apto. 142. O casal Jackie & Roy, a cantora e o pianista, na 4715 Independence Ave. O flautista Herbie Mann, no 7279 Yellowstone Blv.

De alguns Tião só tinha o telefone, ainda com os prefixos alfanuméricos: o dos saxofonistas Gerry Mulligan, SC4-1721, e Stan Getz, LY4-7028; do trompetista Kenny Dorham, PR8-6021; do trombonista J.J. Johnson, TE3-1010; do vibrafonista Gary Burton, SU7-3048; dos magnatas Nesuhi Ertegun, da Atlantic Records, BU8-0064, e Creed Taylor, da Verve, JU2-200; de Helen Keane, produtora de Bill Evans e Harry Belafonte, SA2-2921.

E, claro, o dos brasileiros já instalados: Tom Jobim, FI8-7605; João e Astrud Gilberto, TN2-2000; Luiz Bonfá, CI5-1800. Sem falar nos endereços de trabalho: o Village Vanguard, na 178 7th Av., e o Village Gate, na 178 Thompson St..

Tião era alto, bonitão e usava uma barba de intelectual. O que estaria fazendo na sua agenda o número (RH4-1600) da suíte no Carlyle Hotel da disputada princesa Lee Radzwill, 30 anos, casada com um príncipe polonês no exílio, irmã de Jackie Kennedy e cunhada do presidente John Kennedy?

Inferno a céu aberto

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Populismo não é fenômeno homogêneo. Mas um paradoxo interno a quase todos é o desprezo latente pelo povo.

Nos regimes de ultradireita, isso é aberto e não raro com consequências devastadoras para minorias. A tragédia dos yanomamis, revelada em toda a sua brutalidade, é o flagrante da desumanidade dos quatro anos de bolsopopulismo. Nesse período, centenas de crianças morreram de malária e desnutrição por criminosa falta de assistência, com cumplicidade de grupos financeiros (compradores de ouro ilegais, bancada legislativa garimpeira etc.). Agora fica patente que a ameaça pesava sobre milhares de indígenas.

Muitas décadas atrás, San Tiago Dantas, notável tribuno brasileiro, declarou que "o povo é melhor do que as elites". Deixava implícito que o desapreço era apenas de cima para baixo.

Mas um líder populista, por derramamento afetivo, é capaz de "amar" abstratamente o povo e dele impostar-se como uma espécie de parente divino. Dessa demagogia brota sempre uma alusão hipócrita a valores de família e, por extensão, de pátria, que leva ao patriotismo qualificado pelo escritor britânico oitocentista Samuel Johnson como "último refúgio dos canalhas". Às vezes, é o primeiro. Na realidade, enquanto ideia de organização liberal das massas, povo é uma forma dinâmica: mais do que ser é tornar-se, processo autônomo, sem agente externo, sem demagogo populista.

O quadriênio da infâmia, que resume o bolsopopulismo, foi marcado pelo desígnio de extermínio de indígenas, negros, mulheres, gays. Apenas sobre a campanha física contra os yanomamis, haverá provavelmente uma discussão jurídica para determinar o dolo governamental. Mas é inequívoco o registro histórico da extinção deliberada dos povos originários.

Para o Inominável, a questão deveria ter sido resolvida no passado, a exemplo da cavalaria americana, que dizimou populações nativas. Como parlamentar, insistia no desmonte da reserva yanomami. Já presidente, autorizou garimpeiros a desmatarem, estuprarem, drogarem, transmitirem doenças e contaminarem os rios, extinguindo possibilidades de existência.

Desmobilizado o controle, choveu dinheiro para ONGs evangélicas. Uma delas, com o lema "a serviço do índio pela glória de Deus", recebeu quase R$ 1 bilhão, sem contrapartida. O lado real da narrativa sobre o ouro que faria emergir cidades é a desertificação da floresta e o envenenamento da vida pelo mercúrio: dolo de lesa-humanidade, um inferno.

Isso é o que os tupis-guaranis sempre chamaram de "Abaçaí", um espírito mau, perseguidor. Já o povo yanomami, do qual se sabe que jamais esquece os matadores de seus mortos, está hoje a par do nome jurídico para o crime de que foram vítimas: genocídio, inequívoco.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Justiça para elas pode desenhar novas histórias

Ciência se mostra eficaz contra violência doméstica

Laura Schiavon
Doutora em economia (PUC-Rio) e especialista em avaliação de impacto de políticas públicas e desenvolvimento econômico, é professora da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Ano novo, vidas novas marcadas pela agressão. A violência física e psicológica contra a mulher foi trending topic no país no início do ano após o BBB 23 ser palco de atitudes consideradas abusivas. O episódio motivou um alerta do apresentador Tadeu Schmidt, que repercutiu nas redes sociais. No mesmo período, o jogador Daniel Alves foi preso preventivamente na Espanha sob acusação de estupro e abuso sexual.

As agressões não estão restritas a contextos específicos ou condicionadas ao comportamento das vítimas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada três mulheres já sofreu violência física ou sexual no mundo. Na maioria dos casos, o agressor é o parceiro da vítima. No Brasil, metade dos homicídios de mulheres são cometidos por pessoas próximas à vítima, majoritariamente por companheiros e ex-companheiros.

A violência contra a mulher carece de políticas públicas específicas devido à alta incidência e às características distintas de outros crimes violentos. As denúncias revelam que a maioria dos casos ocorre no ambiente doméstico e é perpetrada por familiares ou parceiros. A revitimização é outra peculiaridade desses casos. Segundo dados do Ligue 180, a maioria das vítimas atendidas relata que sofre agressão pelo menos uma vez por semana.

O sistema de Justiça brasileiro tem estabelecido um conjunto de políticas para a proteção das mulheres, algumas delas com impacto atestado cientificamente. Amplamente conhecida, a Lei Maria da Penha é referência mundial no tópico. Sancionada em 2006, introduziu uma série de inovações para prevenção e redução da violência doméstica contra a mulher, como as medidas protetivas de urgência, a assistência social às famílias e a criação de varas judiciais especializadas.

Em estudo realizado por mim em coautoria com Claudio Ferraz, isolamos o impacto da iniciativa. A Lei Maria da Penha reduziu em 9% o número de homicídios de mulheres por agressão domiciliar nos municípios de pequeno e médio porte. Maior parte desse efeito reflete a redução no número de casos cuja vítima era negra ou de baixa escolaridade. Em consonância com o amadurecimento institucional e o ganho de confiança da população, demonstramos que o efeito da lei foi crescente ao longo dos anos. Estudos conduzidos para os Estados Unidos reiteram o papel da criação de leis específicas para a prevenção e punição da violência doméstica e de gênero.

Apesar de ainda ausente na maioria dos municípios brasileiros, as delegacias e varas especializadas se mostraram eficazes na proteção das mulheres em diversos países. No Brasil, a criação de delegacia das mulheres evitou 5,6 mortes de mulheres entre 15 e 24 por 100 mil habitantes nas regiões metropolitanas entre 2004 e 2009, segundo análise de Elizaveta Perova e Sarah Reynolds. Efeitos na mesma direção foram encontrados em resposta à criação de delegacias especializadas no Peru e na Índia e de varas de violência doméstica na Espanha e no Tennessee (EUA).

Política complementar à expansão das delegacias e varas especializadas, o aumento do efetivo policial feminino pode também proteger vidas. Em uma das poucas avaliações desse movimento, Amalia Miller e Carmit Segal verificaram que o crescimento da participação feminina na polícia dos Estados Unidos entre as décadas de 1970 e 1990 incentivou a denúncia e refreou agressões fatais e não fatais por violência doméstica.

A especialização e a celeridade no sistema judiciário são capazes de reduzir significativamente a violência contra a mulher por meio de prevenção, estímulo à denúncia, proteção às vítimas e redução da revitimização. Essas iniciativas precisam ser implementadas em conjunto com políticas sociais, de promoção da igualdade, atenção à saúde mental e mudança de normas sociais. Uma justiça para elas pode desenhar novas histórias.

Fido Nesti

'Brasil, patriazinha'

Ainda é possível criarmos uma pátria educadora

Tião Rocha
Antropólogo e educador, é presidente do CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento)

Eu me senti muito bem representado pelas pessoas que subiram a rampa do Planalto e colocaram a faixa no presidente Lula. E, como parte delas, escrevo ao novo governo.

Após o pandemônio político e a nuvem sombria que nos afligiu por quatro longos anos, é hora de ressurgirmos das cinzas, como a fênix grega. E retomar o caminhar em direção ao urgente, necessário e oportuno futuro que necessitamos para chegar ao século 21.

Nesse sentindo, temos que recuperar algumas pérolas que foram jogadas aos porcos, mas que permanecem pérolas; joias raras e fundamentais para criar um país que se quer digno e ético, generoso e acolhedor, diverso e complexo, livre e solidário. E para todos, todas e "todes", sem exceção e exclusão.

A primeira pérola surgiu no governo Dilma Rousseff (PT), mas que, infelizmente golpeado, não se realizou: tornar o Brasil uma "pátria educadora". Ao assistir aos esforços do papa Francisco para mobilizar o mundo em prol de um Pacto Educativo Global, a ideia de uma "pátria educadora" torna-se mais que necessária e pode vir a ser um exemplo para o mundo. A oportunidade é agora, quando, pela vontade da maioria do povo brasileiro, a esperança voltou a nascer e a democracia reanimou nossa existência. Tomara que para sempre!

Uma "pátria educadora" tem que se sustentar sobre princípios éticos, perenes e vigorosos para que se consolide para sempre. Quais são eles:

1 - As escolas públicas brasileiras, em todos os níveis, deverão existir em função das suas crianças e jovens estudantes, não o contrário! Os alunos e alunas nunca mais deverão estar à mercê de um sistema formal, discriminatório, anacrônico e falido de ensino;

2 - O sistema de ensino brasileiro, a partir de agora, não poderá perder nenhuma criança e jovem. Nenhuma e nenhum a menos; ninguém deixado para trás!;

3 - A ciência já comprovou que todas as pessoas aprendem tudo o que precisam, necessitam e querem saber, mas cada uma só aprende no seu próprio tempo e ritmo. As crianças adoram aprender. O que elas não gostam é de estudar, porque o sistema de ensino fez da aprendizagem não um prazer, mas uma chatice, num processo defasado, seletivo e excludente. Garantir esse tempo e ritmo de aprendizagem para cada criança e jovem será condição "sine qua non" para que ninguém fique para trás ou seja excluído prematuramente;

4 - Todas as cidades brasileiras deverão se tornar "cidades de aprendizagens". Isso mesmo, ecossistemas de aprendizagens permanentes porque devem abrigar, democraticamente, toda a diversidade de conhecimentos e aprendizagens em seus territórios, sem discriminação ou exclusão;

5 - E que a lição de nossos ancestrais africanos, ainda hoje presente entre os povos macuas, se torne um lema sempre atual para a construção dessa "pátria educadora" que precisamos ser: "Para educar uma criança, é preciso uma aldeia inteira".

A nossa aldeia chama-se "pátria, Brasil!". Meu conterrâneo Guimarães Rosa, se estivesse vivo, diria, mineiramente: "Patriazinha"!

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Fundo Amazônia

Eu me envergonho com o pedido de esmola mundo afora para cuidar da floresta amazônica, com a desculpa de que é do interesse de todos ("Brasil se decepciona com valor oferecido pelos EUA para participar do Fundo Amazônia", Mundo, 11/2).
José E. O. De Vincenzo (Ribeirão Preto, SP)

*

Os resultados são modestos, mas vale a aproximação, os dois falando a mesma língua. Os EUA querem o Brasil do lado da defesa da democracia. Se Lula fosse mais agressivo em relação à invasão da Ucrânia, teria tido obtido mais dinheiro.
Abrão Lacerda (Timóteo, MG)

*

A percepção dos países do Primeiro Mundo sobre corrupção no Brasil é bem perspicaz. O Brasil oferece garantia total de que um dólar doado será usado a que foi destinado?
Luciana Nunes (São Paulo, SP)

Desmatamento

Bem-vindos à realidade virtual do Inpe ("Desmatamento na Amazônia tem queda de 61% em janeiro, aponta Inpe", Ambiente, 10/2).
Marcia Guimaraes (Rio de Janeiro, RJ)

*

Temos mais sorte que juízo. Estivemos perto de ter o país devastado.
Carlos Telles (Porto Alegre, RS)

Fim da Livraria Cultura

Triste pelo falimento da Cultura ("Livraria Cultura tem falência decretada pela Justiça", Mercado, 10/2). Mais triste ainda pelo falimento de livrarias. Cultura e Saraiva quebraram as pequenas, entraram em guerra e quebraram a si mesmas. Deveríamos valorizar as pequenas livrarias e editoras.
Marcelo Augusto Pires (São Paulo, SP)

*

Livros são de cara produção, são caros para o leitor, não dão lucro ao livreiro e pouco ao editor. Ler livros tornou-se "cringe", escrevê-los é coisa de intelectuais alienados, e vendê-los, de abnegados. Aonde vamos?
Wlander Kwasniewski (Campinas, SP)

Autismo e Tarcísio

"Tarcísio diz que errou ao afirmar que autismo pode deixar de existir" (Painel, 10/2). E ainda cortou a distribuição de absorvente, deixando pessoas pobres mais humilhadas.
Alcides Castro (São Bernardo do Campo, SP)

Moro

Moro foi um juiz que corrompeu a Justiça e os processos onde atuou, por interesse próprio ("Moro perde ação, e Glenn Greenwald mantém 'juiz corrupto' contra ele no ar", Mônica Bergamo, 10/2). Não se trata de liberdade de expressão o texto do Glenn, mas de dar nome aos bois.
Cristina Ayres (Rio de Janeiro, RJ)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 3 a 10.fev - Total de comentários: **19.581**

Comentários	Tema	Data
453	Vereadora em SC é cassada por repúdio a gesto apontado como nazista feito por bolsonaristas (Política)	4.fev
403	Lula vê traição de presidente do BC e tentativa de levar Brasil à recessão (Mônica Bergamo)	4.fev
350	Lula se desfaz de promessa e muda opiniões de campanha em 1 mês de governo (Política)	9.fev

ASSUNTO COMO VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, AVALIA O PRIMEIRO MÊS DO GOVERNO LULA?

Travado, mas coerente. Está do lado forte do Senado/Congresso, apesar de não ser maioria.
Lucas Barros de Andrade (Caruaru, PE)

*

Muito bom. Apesar da tentativa de golpe e da máquina inchada de militares, já andamos mais que nos últimos quatro anos. Só de estarmos interrompendo o genocídio yanomami já fez valer demais meu voto.
Juliana Freitas (Teresópolis, RJ)

*

Péssimo, ainda está em campanha de eleição e não tem entendimento entre Presidência e ministérios. Muitas informações desencontradas e um pensamento retrógrado.
Eduardo Lopes (Recife, PE)

*

Preocupante. Ele está falando muito o que não devia, está travando a economia.
Ana Luíza Álvares (São Paulo, SP)

*

Péssimo. Prometeu governar para todos, frente ampla, construção de pontes. Entregou um governo inchado, petistas em todos cargos relevantes, reedição do "nós contra eles", ideias ultrapassadas na economia e relações exteriores.
Jairo Soterio (São José dos Campos, SP)

*

Necessário, pertinente e objetivo.
Otavio Meirelles de Magalhães (Rio de Janeiro, RJ)

*

Péssimo. Um governo que se baseia, até agora, em bravatas, autoritarismo, corrupção, ausência de gestão econômica e que conversa apenas com um setor imbecilizado da esquerda radical.
José Igor Alves da Silva (Petrolina, PE)

*

Bom até o Lula começar a bombardear o Banco Central.
Maria Vilma Garcia (Presidente Prudente, SP)

*

Não é possível ver a "cara" do governo ainda. Tenho a impressão que ele ainda está testando o espaço e a força, como na briga com o BC. O ponto principal é que, apesar do 8 de janeiro, parece que a normalidade institucional voltou.
Rodolfo Toledo Raffaelli (Campo Grande, MS)

*

Avalio como desafiador e positivo, pois os acontecimentos para desconstrução da democracia foram enormes, porém Lula soube lidar muito bem e com firmeza!
Carlos Teixeira (Cerquilho, SP)

*

Fraco. Nomeação excessiva de ministros, muitos deles sem credibilidade suficiente para o cargo, acomodação de cargos com critérios apenas partidários, visão revanchista e não de estadista.
Eduardo Muzzolon (São Paulo, SP)

*

Maravilhoso! Lula é um grande estadista, respeitado internacionalmente, é um homem íntegro e honrado. Já mostrou que sabe governar e ama o Brasil e os brasileiros. É um grande alívio vê-lo na Presidência.
Eneida Vieira Santos (Rio de Janeiro, RJ)

*

Apesar do governo Lula ter começado antes da posse, o mês de janeiro foi de muito trabalho em favor do povo. Foram dias de começar a limpar a sujeira e reestruturar a casa destruída.
Marizete Waldhelm (Goiás, GO)

*

Péssimo. Não fez nada e ainda está fissurado no Bolsonaro.
Fabio Barduzzi Rodrigues (Joinville, SC)

*

Ainda não teve tempo de mostrar a que veio, há muitas forças contrárias e ocultas agindo, mas já respiramos outros ares.
Sérgio Vicientin (Curitiba, PR)

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Tábula rasa

A bancada do PT na Câmara articula proposta de emenda para alterar o artigo 142 da Constituição, que trata das Forças Armadas. Os objetivos são barrar militares da ativa em cargos civis de governos, limitar operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLOs) e encerrar as leituras golpistas que são feitas do texto. A iniciativa junta projetos dos deputados Alencar Santana e Carlos Zarattini. O tema tem ainda simpatia de Rui Falcão, que deve presidir a CCJ, por onde a tramitação começaria.

PISAR EM OVOS O ponto mais sensível é mudar o trecho do artigo 142 que, na visão de bolsonaristas, autorizaria intervenção das Forças Armadas, o que já foi contestado por diversos juristas. Além disso, a proposta inclui a restrição da atuação interna dos militares a missões civis, como a que hoje acontece na terra yanomami, sem mais operações de segurança urbana do tipo das que já ocorreram no Rio de Janeiro e em outros estados.

FOCO O deputado Jilmar Tatto (PT-SP) será o secretário de Comunicação da Câmara, com responsabilidade sobre os órgãos de divulgação da Casa. A indicação foi do PT, onde ele exerce a mesma função na Executiva Nacional.

CARAVANA Segundo Tatto, um dos objetivos é fazer uma pesquisa para aferir a imagem dos deputados e tentar mudar a percepção sobre o trabalho parlamentar. Ele pretende promover uma programação itinerante dos órgãos da Casa, como a TV Câmara, para divulgar as atividades dos deputados junto às suas bases.

INIMIGO ÍNTIMO O governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues (PT), agregou à sua base um deputado estadual do PL, partido de Jair Bolsonaro. Raimundinho da JR foi nomeado vice-líder da maioria na Assembleia. Nacionalmente, PT e PL estão em polos opostos, mas em alguns estados têm atuado de forma conjunta.

LÁ E CÁ Pré-candidato a prefeito de SP em 2024, o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL-SP) vai dedicar três dias da semana, de sexta a domingo, para se reunir com apoiadores e lideranças de bairros, periferias e cidades nas quais teve votação expressiva. De terça a quinta, que concentram sessões e votações do Congresso, estará em Brasília.

RECUO A Fundação Butantan rescindiu contrato com o escritório de advocacia Manssur, cujo objetivo era processar veículos de imprensa que fizessem cobertura negativa sobre a entidade e diretores. Como revelou o Painel, o contrato de R$ 500 mil foi assinado em dezembro pelo presidente da entidade, Dimas Covas. Na quinta (9), ele colocou seu cargo à disposição do governo estadual após um longo processo de desgaste.

PRO BONO Segundo o Butantan, já houve notificação do escritório sobre a rescisão e nenhum valor foi desembolsado. Dimas é alvo de suspeitas envolvendo sua gestão, como contratos com indícios de superfaturamento e pagamento de salários exorbitantes para diretores do órgão.

VENTO Passado mais de um mês dos ataques golpistas de 8 de janeiro, o Palácio do Planalto continua sem os vidros do andar térreo, por onde se acessa o prédio. Embora haja uma entrada com raio-x em operação, na prática, é possível entrar por qualquer lado do edifício.

APAGÃO Segundo a Casa Civil, que cuida da administração dos palácios, há alta demanda pelos serviços necessários, porque outros prédios públicos foram depredados. O fornecedor de vidros não consegue atender aos pedidos, por exemplo, e também há falta de pessoal para fazer o serviço. Até o momento, já foi desembolsado R$ 1,5 milhão na reconstrução da sede do Executivo.

ELEVADOR O Painel estreia neste domingo (12) a seção Três Poderes. Publicada semanalmente, trará notas sobre quem ganhou e quem perdeu na semana que passou e um tópico quente a respeito da que se inicia.

Três Poderes

VENCEDORA DA SEMANA:
Autonomia do BC, criticada por Lula e PT, mas fortalecida após apoio de líderes partidários e do comando do Congresso.

PERDEDOR DA SEMANA:
Ibaneis Rocha (MDB), governador afastado do DF, que minimizou o risco do 8 de janeiro, segundo mensagens divulgadas pela PF; retorno ao cargo ficou mais distante.

FIQUE DE OLHO:
PT fará reunião do diretório e ato de aniversário na segunda (13), com presença de Lula. Previsão de mais ataques ao BC e 'herança maldita' de Bolsonaro.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado R$ 29,90	Digital Premium R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 942,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.189,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.501,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.618,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 2.008,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
344.969 exemplares (dezembro de 2022)

Flávio Dino e Alexandre de Moraes durante cerimônia na sede da PF em Brasília Marcelo Camargo-10.jan.22/Agência Brasil

Incerteza em julgamento de militares pode opor Moraes e governo Lula

Ministro do STF quer que fardados acusados de golpismo sejam julgados pela corte; Dino e Múcio defendiam casos na Justiça Militar

Catia Seabra e José Marques

BRASÍLIA Um cenário de incerteza envolve o futuro de investigações sobre militares que participaram das investidas golpistas de Jair Bolsonaro (PL) e de seus apoiadores, o que pode resultar em atrito do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal).

A indefinição é a respeito da tramitação dos casos dos fardados na Justiça comum ou na Justiça Militar.

Relator das investigações no STF, Moraes tem afirmado a pessoas próximas que pretende manter todos os casos na corte. Ou seja, na visão de Moraes, militares envolvidos nos ataques antidemocráticos devem ser julgados pela Justiça comum.

No governo, houve uma avaliação inicial de que os casos deveriam ficar na Justiça Militar, mas a posição contrária de Moraes fez com que o entendimento fosse reavaliado. A expectativa é que o tema seja novamente discutido nos próximos dias.

A palavra final sobre a competência para investigar os militares é do Supremo, caso provocado —restando ao governo exercer influência nos bastidores ou eventualmente se manifestar nos processos.

A dúvida sobre quem vai julgar esses casos se dá em um cenário de incertezas sobre quando militares podem ser investigados pela Justiça comum e em quais situações devem ser alvo da Justiça Militar. A definição dessa competência divide juristas.

No próprio governo, integrantes da Polícia Federal defendem que os enquadramentos indicados por Moraes em suas decisões sobre os ataques antidemocráticos apontam para crimes comuns. Portanto, deveriam ser julgados no STF ou na primeira instância do Judiciário.

Outros membros do governo divergem. Houve um entendimento de bastidores entre representantes dos ministérios da Justiça e da Defesa, além da AGU (Advocacia-Geral da União), segundo o qual as apurações envolvendo fardados deveriam ficar com a Justiça Militar. O tema foi debatido durante reunião de ministros com o presidente Lula há cerca de 20 dias.

Durante a reunião, o ministro Flávio Dino (Justiça) disse que vinha sendo questionado, inclusive pela imprensa, sobre o andamento das investigações sobre militares que participaram nos atos antidemocráticos.

De acordo com relatos, Dino disse que não poderia responder pelo Exército, até porque invadiria as atribuições da Defesa. Traçando uma linha em um pedaço de papel, ele delimitou as incumbências do Ministério da Justiça e afirmou que não poderia passar de determinado ponto, a menos que fosse demandado.

Ao assumir a palavra, o ministro da Defesa, José Múcio, concordou que apurações sobre fardados deveriam ficar com a Justiça Militar. Informou que um inquérito já havia sido encaminhado ao Ministério Público Militar e fez ainda um relato sobre sanções aplicadas contra integrantes das Forças.

Pouco depois, integrantes do governo foram informados de que Moraes defendia que o STF analisasse os casos envolvendo tanto civis como fardados. Isso gerou uma mudança na postura de Múcio e Dino.

O ministro da Defesa, por exemplo, passou a dizer a interlocutores que ainda não há uma definição. Ele também tem afirmado que não se opõe a deixar os casos na esfera civil, mas que vai levar o assunto aos comandantes das três Forças.

Na mesma linha, Dino passou a afirmar que o tema da competência ainda não está resolvido.

Como mostrou a **Folha**, mesmo após repetidas promessas de que todos serão punidos, até o momento nenhuma investigação ou ação da Polícia Federal, Procuradoria-Geral da República ou de órgãos de fiscalização do governo respingou em integrantes das Forças Armadas.

A ausência de militares entre os alvos ocorre mesmo após um oficial da Polícia Militar do Distrito Federal apontar em depoimento à PF que a cúpula do Exército do governo Bolsonaro impediu a desocupação do acampamento golpista em frente ao quartel-general em Brasília.

Jorge Naime, ex-chefe do setor de operações da PM, afirmou que o Exército frustrou todas tentativas de desmobilização do acampamento — ele responsabilizou o então comandante da Força, Marco Antonio Freire Gomes, e o chefe do Comando Militar do Planalto, Gustavo Henrique Dutra. O PM está preso desde 7 de fevereiro e é investigado também pelo episódio do dia 8 de janeiro.

O entendimento sobre em qual esfera esses processos relacionados a militares devem ser julgados também divide especialistas. Para a criminalista Carolina Carvalho de Oliveira, o foro correto é a Justiça Militar, já que há uma legislação específica a respeito desse tema: o Código Penal Militar de 1969.

"Todo militar responde pelo Código Penal Militar. No código, a gente tem a relação de crimes, tipificados, que podem ter a mesma pena do Código Penal normal ou não, mas a tramitação é feita na Justiça Militar, com procedimento específico e apuração por inquérito policial militar", afirma ela.

Já o professor de direito constitucional Lenio Streck afirma que, em regra geral, esses militares devem ser julgados pela Justiça comum. "Não se trata de crimes militares, a menos que o militar que os cometeu estivesse em serviço. Nesse caso, responderia perante a Justiça Militar", afirma.

O advogado especializado em direito penal Sérgio Bessa diz que a questão "é bastante controversa, especialmente porque a tipificação das condutas apuradas ainda é incerta na fase investigativa".

"Para que o caso seja julgado pela Justiça Militar, há que se definir, primeiramente, se as abomináveis condutas do fatídico dia 8 [de janeiro] podem ser consideradas crimes militares", diz ele, que em uma análise prévia entende ser o caso.

"Porém, há, ainda, outro impasse relativo à competência na medida em que há autoridades com foro especial investigadas, o que também gera controvérsia sobre a primazia da Justiça Castrense [militar] em relação à Justiça comum. O tema certamente terá que ser enfrentado pelo Supremo Tribunal Federal", afirma.

+ MILITARES EM ATOS GOLPISTAS

O Ministério Público Militar soma 8 investigações preliminares sobre oficiais nos ataques golpistas

Procedimentos, chamados "notícia de fato", têm apurações diversas

Nenhuma denúncia foi apresentada até o momento

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

O cercadinho do mercado

Jornais abdicam do contraditório e de tentar apurar as motivações de Lula

José Henrique Mariante

"O que está por trás do conflito entre Lula e BC e quais os impactos para a economia." O título, publicado por O Estado de S.Paulo na terça-feira (7), promete uma resposta, mas não a entrega. A reportagem ouve agentes do chamado mercado, que predizem catástrofes e classificam como ingênuo o discurso de Lula. O que está por trás do conflito, porém, continua lá, quieto, escondido, pois o mercado, não menos ingênuo, também não sabe o que se passa.

*Outras tantas reportagens sobre economia nos últimos dias, em diversas publicações, não fizeram diferente. Analistas insistiram na necessidade de um Banco Central autônomo, da manutenção das metas de inflação, da responsabilidade fiscal e na certeza de que a língua solta do presidente da República só faria as taxas futuras subirem. "Uma coleção de equívocos", disse à **Folha** José Roberto Mendonça de Barros. Na esteira de outras declarações parecidas, o economista afirmou que "está ocorrendo à esquerda o que ocorria à direita: falar para a plateia". Lula, por essa tese, estaria falando a um cercadinho próprio, como o antecessor, Jair Bolsonaro, que pregava todas as manhãs aos desvairados de camisa canarinho.*

Uma colega da Redação então pergunta: quem comporia o cercadinho do petista? Enquanto Bolsonaro defendia criminalização do aborto, o direito de andar armado e sair atirando, de expressar ódio sem consequências e que índio quer celular, enfim o mundo palpável do cidadão de bem, Lula achou por bem elevar a conversa e discorrer sobre os fundamentos da política fiscal com seus seguidores?

*Dois caminhos para discussão. Primeiro, o da mídia. Escreveu-se bastante sobre o falatório do presidente, mas pouco se apurou sobre suas razões. Em um e outro escaninho restou a versão de que ele já estaria antecipando o fracasso de um primeiro ano de governo com meros 40 dias de caneta na mão. Apontar para Roberto Campos Neto seria adiantar também um bode expiatório. O presidente do BC, na visão de petistas, estaria sabotando o mandatário, mostrou uma reportagem da **Folha** no último fim de semana.*

*É um direito da esquerda imaginar que quem foi votar de camisa canarinho e participava do grupo "Ministros Bolsonaro" no WhatsApp possa apresentar algum viés na condução de seu trabalho. Seria, então, dever das Redações apurar a existência de conflito de interesse ou as motivações do governo em precipitar o clima de desconfiança. A mídia, em sua maioria, pulou a etapa de investigação e foi direto para a da crítica. Em dez dias, só na **Folha**, cinco editoriais se debruçaram sobre o assunto, sem qualquer restrito a argumentações técnicas.*

*A boa prática jornalística pediria também algum investimento no contraditório. Quase não houve. Uma das exceções ao cercadinho do mercado foi um artigo de André Lara Resende no Valor Econômico, desdenhando do propalado abismo fiscal e distribuindo espetadas em instituições financeiras e veículos de imprensa, inclusive neste jornal. Outro economista distante da corrente majoritária, André Roncaglia comentou na **Folha** sobre "a abusiva autonomia do Banco Central".*

A segunda trilha para debate seria a da comunicação de Lula, vista como uma espécie de repetição, para alguns aprimorada, para outros piorada, da polarização tão cara ao presidente anterior. Talvez a política nacional não seja mais viável longe dos extremos. O Globo fez a conta: em 40 dias, 20 menções explícitas à "herança maldita" de Bolsonaro.

A expressão lembra o primeiro mandato, quando Lula também soltava os cachorros, não no presidente do BC, pois Henrique Meirelles era então uma de suas âncoras de credibilidade, mas em diversas outras direções. Tempos diferentes, em que os latidos da manhã eram ponderados pelos bombeiros do próprio governo à tarde, e o noticiário editado à noite se consolidava pela média do dia. Não há mais dia ou noite no jornalismo. O que Lula fala vai para o ar imediatamente, como ocorria com Bolsonaro, sem filtro, sem edição, sem rascunho. Quando Haddads e Padilhas entram no circuito, estrago feito ou não, fica difícil modular qualquer coisa.

Ainda mais na dinâmica atual do noticiário, uma corrida anabolizada pelo ctrl C + ctrl V, que empilha declarações, sem que elas se sucedam, se modifiquem ou se expliquem.

Ritmo aparentemente confortável para Bolsonaro, candidato antissistema, que se valia do antagonismo com a mídia para alimentar as suas hordas. Levou um tempo para jornalistas entendermos como lidar com o discurso desenfreado.

A estratégia não parece fazer muito sentido para Lula, que se elegeu construindo pontes e supostamente não irá a lugar algum se as queimar. É isso? Alguém tem que apurar.

Governo avalia manter chefe da Codevasf

Engenheiro Marcelo Moreira tem apoio de Lira e Alcolumbre para seguir em estatal alvo de suspeita de corrupção

Mateus Vargas e Cézar Feitoza

BRASÍLIA O governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) avalia manter o engenheiro Marcelo Moreira no comando da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba) e trocar superintendentes nos estados.

Moreira foi indicado pelo deputado Elmar Nascimento (União Brasil-BA) para presidir a empresa em 2019, no início do governo Jair Bolsonaro (PL). A estatal mudou de vocação na gestão Bolsonaro e passou a escoar verbas de emendas parlamentares em obras de pavimentação e na compra de maquinários, como tratores.

Marcelo Moreira (à esq.) com o então presidente Jair Bolsonaro, Davi Alcolumbre e Rogério Marinho Alan Santos-8.set.20/PR/Divulgação

Hoje o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e o senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) defendem a permanência do engenheiro, segundo parlamentares e integrantes do governo que acompanham as discussões.

Durante o governo Bolsonaro, a Codevasf ainda se tornou alvo de suspeitas de corrupção apuradas pela Polícia Federal e de atuação de cartel de empresas, sob análise no TCU (Tribunal de Contas da União).

Parlamentares que integraram a base de Bolsonaro dominam as indicações das 12 superintendências da estatal.

Há apadrinhados do ex-ministro Ciro Nogueira (PP-PI), além do ex-senador Fernando Bezerra (MDB-PE), que foi líder do governo Bolsonaro, no comando dos braços estaduais da empresa pública. A estatal também abriga parentes de parlamentares.

Irmã de Nogueira, a advogada Juliana e Silva Nogueira Lima recebeu um cargo em 2019 de assessora de Moreira, com salário de cerca de R$ 19 mil.

Já o superintendente em Penedo (AL), Joãozinho Pereira (PP), é primo de Lira, e fez do órgão federal uma espécie de governo local paralelo, como mostrou a **Folha**.

Em agosto de 2022, a PF disse ter encontrado indícios de corrupção dentro da Codevasf, e afastou Julimar Alves da Silva Filho do cargo de gerente da estatal sob suspeita de ter recebido propina de R$ 250 mil da Construservice. Essa empreiteira tem como sócio oculto o empresário conhecido como Eduardo DP, que chegou a ser preso durante as investigações da PF.

Eduardo DP esteve com o presidente da Codevasf em dezembro de 2020 representando a Construservice.

Em outra frente, o TCU apura se a campeã de verbas de pavimentação da Codevasf, a Engefort, é a principal beneficiada de um cartel de empresas que fraudaria disputas da estatal.

As empreiteiras e a companhia negam irregularidades.

Agora, ao menos metade das superintendências deve mudar de comando para abrigar aliados da base do governo Lula — e retirar bolsonaristas—, dizem integrantes do atual governo e da companhia.

Durante a transição de governo, aliados de Lula chegaram a usar a Codevasf como mau exemplo de clientelismo com recursos de emendas. Integrantes da gestão petista agora afirmam que cabe ao ministro da Integração e do Desenvolvimento Regional, Waldez Góes, definir o futuro da estatal.

Um dos fiadores da permanência de Moreira na estatal, Alcolumbre foi o responsável pela ida de Góes ao ministério.

A Codevasf se tornou um dos órgãos mais cobiçados por congressistas pela agilidade em executar contratos de pavimentação e de doação de maquinário.

Turbinada por emendas de deputados e senadores, o orçamento da estatal foi de R$ 1,2 bilhão para R$ 3,3 bilhões de 2019 a 2022, cifra superior à dos ministérios do Meio Ambiente e do Turismo no último ano.

O orçamento aprovado no Congresso em 2022 e sancionado por Lula em janeiro ainda reserva cerca de R$ 6,5 bilhões para indicações de deputados e senadores da Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo. Parte desse valor deve ser destinado para a Codevasf.

Hoje sob influência do ex-senador Fernando Bezerra (MDB), a superintendência de Petrolina é disputada por lideranças do PSB de Pernambuco.

No Maranhão, o PC do B é uma das legendas que tenta indicar o novo superintendente. Governadores do PT no Nordeste trabalham para mudar o comando da Codevasf.

Líder da União Brasil na Câmara, Elmar Nascimento era próximo do pai de Marcelo Moreira, o empresário baiano José Moreira Pinto Netto, dono da Caaba Engenharia.

Nascimento disse a interlocutores que a manutenção de Moreira na presidência da Codevasf não seria uma indicação sua ao governo Lula. O deputado tem dito que Lira e Alcolumbre se aproximaram do engenheiro nos últimos três anos, por coordenarem a distribuição das emendas de relator; e que a permanência dele no cargo se deveria aos dois.

Para fontes que acompanham as discussões, a posição do líder da União Brasil é uma forma de manter o discurso de que o partido se posiciona como independente do governo petista —mesmo com a chefia de três ministérios— e ampliar a margem de negociação para outros cargos no segundo e terceiro escalões na Esplanada.

Elmar já havia emplacado o irmão, Elmo Vieira, no comando da superintendência da Codevasf em Juazeiro (BA), em 2018. Ele deixou o cargo em 2020 e venceu a disputa para prefeito de Campo Formoso (BA).

A **Folha** revelou que, em plena campanha eleitoral, a Codevasf doou e instalou cisternas em residências marcadas com adesivos de propaganda de Elmar Nascimento.

Aliados de Lula também usaram a estatal para escoar verbas parlamentares, como o próprio ministro Góes quando governava o Amapá.

Já o ministro das Comunicações, Juscelino Filho (União Brasil-MA), direcionou recursos para Vitorino Freire (MA), cidade comandada por sua irmã, a prefeita Luanna. O TCU vê desvios de R$ 700 mil em dois contratos de pavimentação por causa da cobrança de sarjetas que não foram erguidas.

Em nota, a Codevasf disse que possui "sólida estrutura de governança e colabora ativamente com a atuação de órgãos de fiscalização e controle e da Justiça".

"Os procedimentos licitatórios da companhia são realizados com estrita observância à legislação aplicável e são abertos à livre participação de empresas de todo o país. As licitações proporcionam economia à administração pública na execução de ações e projetos de desenvolvimento regional."

A estatal ainda declarou que as nomeações de diretores são aprovadas pelo conselho de administração e seguem exigências técnicas.

Deputada Maria do Rosário (PT-RS), que será a única com cargo na Mesa Diretora da Câmara dos Deputados Billy Boss/Câmara dos Deputados

Mulheres foram menos de 10% dos chefes do Congresso

Nos últimos 20 anos, homens dominaram cargos de comando na Câmara e Senado

Victoria Azevedo, Thaísa Oliveira e Cézar Feitoza

BRASÍLIA Nos últimos 20 anos, mulheres ocuparam menos de 10% dos assentos das Mesas Diretoras da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

Realizada no começo do mês, a eleição dos cargos para este biênio elegeu apenas a deputada Maria do Rosário (PT-RS), que será a 2ª secretária na Câmara. No Senado, não foram eleitas mulheres.

Esse cenário não difere do das últimas dez eleições das Casas.

Levantamento da **Folha** com dados oficiais do Congresso aponta que, dos 121 cargos disponíveis na Câmara nos últimos 20 anos, apenas 10 foram ocupados por mulheres. No Senado, elas ficaram com apenas 11 dos 121 cargos.

Nenhuma mulher, na história, foi eleita presidente da Câmara ou do Senado.

Quem chegou mais alto nos postos de comando foram as ex-senadoras Rose de Freitas (ES) e Marta Suplicy (SP), em 2011. Rose, à época deputada federal, foi 1ª vice-presidente da Câmara. Marta foi 1ª vice do Senado, mas deixou o cargo no ano seguinte para ser ministra da Cultura no governo Dilma Rousseff (PT).

Na Câmara, o biênio com maior representatividade das parlamentares foi há dois anos, com três mulheres na Mesa: Marília Arraes (2º secretária), Rose Modesto (3º secretária) e Rosângela Gomes (4º secretária).

Marília Arraes e Rose Modesto, no entanto, não terminaram o período nos cargos porque trocaram de partido e perderam as vagas. Elas foram substituídas por Odair Cunha (PT) e Geovânia de Sá (PSDB), respectivamente.

No Senado, 6 dos 11 cargos ocupados por mulheres no período foram de suplentes. O biênio com maior participação de mulheres foi 2011-2012, com três: Marta Suplicy (1ª vice-presidência), Maria do Carmo Alves (3ª suplente) e Vanessa Grazziotin (4ª suplente).

Embora a decisão final seja no voto, a indicação do parlamentar que vai disputar o cargo normalmente é feita pelo líder do partido —e de forma já acordada com os demais líderes da Casa.

A participação de mulheres pode ainda subir ligeiramente neste ano com a escolha dos suplentes no Senado, já que lá apenas os titulares foram definidos até o momento.

Para a senadora Eliziane Gama (PSD-MA), líder da bancada feminina do Senado, a escolha de mulheres para as vagas de suplência não resolve nem minimiza o problema, já que as parlamentares só vão assumir os cargos se e quando os titulares estiverem ausentes.

"Eu tenho muita convicção hoje: a gente não vai avançar sem ser através do sistema de cotas, de uma ação mais coercitiva para ocupar espaços de poder. [A indicação de mulheres para a Mesa] não vai ocorrer a bel prazer dos líderes do Congresso Nacional", afirma.

Como, segundo ela, a situação não vai mudar se depender apenas da vontade dos homens —que estão em ampla maioria na Câmara e no Senado— é preciso aprovar projetos como a PEC (proposta de emenda à Constituição) apresentada em 2015 pela deputada Luiza Erundina (PSOL-SP).

O texto garante a representação proporcional de mulheres na composição das Mesas e das comissões. Eliziane Gama também tem defendido um projeto de sua autoria que estabelece que, a cada eleição com duas vagas para o Senado, uma delas seja reservada pela chapa a mulheres.

Mesmo com a maior bancada feminina da história do Senado —com 15 das 81 vagas—, as mulheres também não conseguiram "chegar lá" neste ano. A falta de representatividade foi motivo de reclamação durante a eleição da Mesa Diretora, após a vitória de Rodrigo Pacheco (PSD).

"Estamos no século 21 e não é mais possível, toda vez em que se tem um processo nesta Casa, uma senadora ter que se levantar e dizer: presidente, nós existimos!", protestou a senadora Leila Barros (PDT-DF) na sessão do último dia 2.

Em resposta, Pacheco pediu para que os líderes indiquem senadoras para os cargos de suplência. Para Leila, o apelo do presidente mostra que o machismo ainda está enraizado no Congresso Nacional —e que o processo de mudança será árduo.

"O Brasil ainda está muito atrasado com relação à igualdade entre homens e mulheres. Nós estamos vivendo um processo de mudança que começou em 1979, com a posse da primeira senadora eleita, Eunice Michiles. De lá para cá, conquistamos espaços, mas o Brasil ainda é uma nação machista", diz.

> Eu tenho muita convicção hoje: a gente não vai avançar sem ser através do sistema de cotas, de uma ação mais coercitiva para ocupar espaços de poder
>
> **Eliziane Gama (PSD)**
> Líder da bancada feminina do Senado

Única mulher na Mesa Diretora da Câmara desse biênio, Maria do Rosário diz que é preciso realizar mudanças legais para alterar esse cenário, como aplicação de um critério crescente de cotas para alcançar a paridade de gênero, e que o tema seja discutido na sociedade "como elemento constitutivo da democracia".

Ela será a 2ª secretária, cargo responsável pelas relações internacionais da Casa com as embaixadas e o Ministério das Relações Exteriores, auxiliando na emissão dos passaportes diplomáticos, passaportes oficiais e vistos para missão oficial concedidos a parlamentares e servidores.

Para a parlamentar, é preciso aumentar muito o número de mulheres na representação política "para que sejamos vistas igualmente como capazes e confiáveis para o exercício de cargos de poder".

"Vemos que, no Judiciário as mulheres obtiveram esse avanço, porque o acesso é por critérios mais técnicos do que políticos e culturais. Por isso, é preciso superar as visões de gênero na própria sociedade, elegendo mais mulheres, e reunir forças para promover sua ascensão nestas instâncias políticas", diz.

Para Flávia Biroli, professora do Instituto de Ciência Política da UnB, a sub-representação de mulheres nos cargos das Mesas Diretoras é um efeito da falta de representatividade delas nas próprias Casas.

"Mulheres têm dificuldades para se eleger e, uma vez eleitas, são mantidas em posições periféricas do ponto de vista das hierarquias internas das Casas. O que é necessário para uma mulher ocupar um espaço de destaque não é o mesmo que é necessário para os homens."

Ela afirma que isso passa pelos partidos políticos —e defende a adoção de um mecanismo de cotas. "Se não tiver reserva e cotas, os partidos seguem com as mesmas práticas. O que muda é quando tem uma regulamentação", diz Biroli.

Desde os anos 90, cotas eleitorais de gênero e raça surgiram com o objetivo de elevar a participação feminina e de negros na política. Apesar de serem maioria na sociedade, são minoria no Legislativo e no Executivo. Em 2022, por exemplo, dos 513 deputados federais eleitos, 422 eram homens.

Raquel Lyra busca driblar insatisfações de deputados em PE

José Matheus Santos

RECIFE A governadora de Pernambuco, Raquel Lyra (PSDB), busca a consolidação de uma base aliada na Assembleia Legislativa em meio a episódios polêmicos de início de governo. Além de embates com o PSB, que deixou o poder após 16 anos, exonerações provocaram reações de aliados e adversários.

Com a oposição minoritária na Assembleia Legislativa, o desafio do governo é atrair deputados de partidos que se colocam em posição de independência. Em troca, os parlamentares esperam acenos do governo com cargos na máquina pública.

Com três deputados eleitos, o PSDB conseguiu emplacar o novo presidente da Casa, deputado estadual Álvaro Porto. Ele está no terceiro mandato e é conhecido pela interlocução aberta com diferentes quadros da Assembleia. Foi eleito pela unanimidade dos 49 parlamentares.

O governo avalia que o novo presidente da Alepe poderá ajudar na formação da base aliada de Raquel, ainda que a eleição de Álvaro Porto tenha sido fruto de um movimento dele, sem interferências do Palácio do Campo das Princesas.

Por outro lado, Porto disse a deputados que não quer uma Assembleia subserviente ao governo e que, se for necessário defender o Poder Legislativo, terá embates com o Executivo.

Além do PSDB, a outra bancada que está fechada com Raquel é a do PP. Juntos, os dois partidos possuem 11 deputados. Há sinalizações em partes de outras bancadas sobre a possibilidade de aderir ao governo, principalmente com a demanda dos parlamentares para levar recursos aos redutos eleitorais.

O governo contabiliza ainda ao menos seis votos na bancada do PSB, derrotado nas urnas em 2022. São esperados na base aliada deputados que apoiaram Raquel no segundo turno, após Danilo Cabral perder no primeiro turno.

A bancada do PL, bolsonarista, está no bloco independente da Casa. O Solidariedade, liderado no estado pela ex-deputada federal Marília Arraes, também ficará independente.

Uma ala do partido não quer fazer oposição a Raquel e está insatisfeita com a ex-candidata a governadora derrotada no segundo turno pela forma de condução da legenda durante a campanha eleitoral, na distribuição de recursos.

Na União Brasil, o grupo ligado ao ex-prefeito de Petrolina Miguel Coelho, que apoiou Raquel no segundo turno após ter sido derrotado na disputa pelo governo, e a ala vinculada ao deputado federal Luciano Bivar, presidente do partido, ficarão independentes.

Com 7 deputados, a federação PT, PC do B e PV terá posição de independência ao governo.

Na oposição, além do PSOL, deverá ficar praticamente metade da bancada do PSB. A expectativa do núcleo duro do partido é que ao menos 6 dos 13 deputados da bancada estejam na oposição.

Governadora de Pernambuco, Raquel Lyra (PSDB), durante evento em São Paulo Marcelo Chello - 8.dez.22/Folhapress

A governadora chegou a pedir a Miguel Coelho indicação para uma secretaria de médio porte no governo, mas o grupo político dele não viu expressividade nas pastas sugeridas.

Além de rachas internos nos partidos, Raquel Lyra terá de superar insatisfações dos deputados estaduais para a consolidação da base aliada.

A governadora optou por nomes técnicos na montagem do secretariado, sem consulta aos deputados estaduais. Dos 27 escolhidos, 14 são homens e 13 são mulheres.

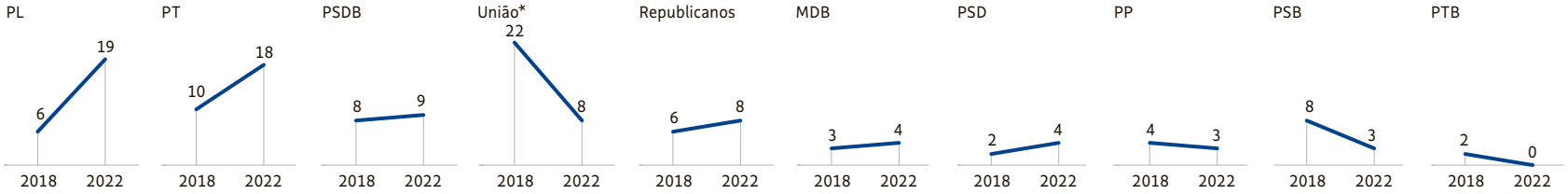
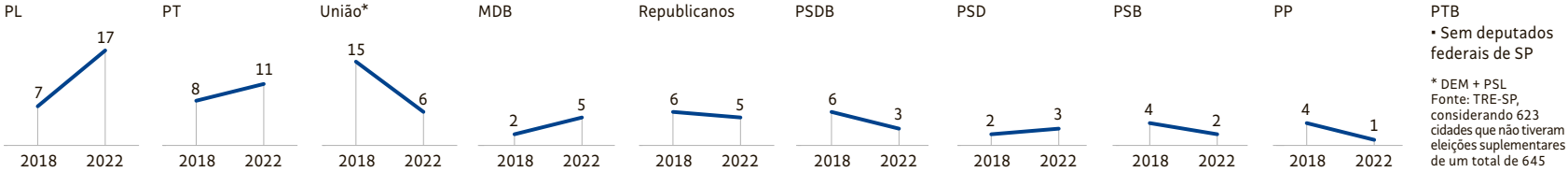
As bancadas do PSDB, do PP e de deputados aliados ao governo de outros partidos esperam agora espaços no segundo escalão.

A exceção no secretariado é o ex-deputado Daniel Coelho (Cidadania), agora secretário de Turismo. Ele não conseguiu se reeleger para a Câmara em 2022 e tenta fazer da nova pasta uma vitrine para disputar a Prefeitura do Recife.

O nome de Daniel Coelho, porém, não é fato consumado no grupo de Raquel Lyra. Outro nome cotado é o da vice-governadora Priscila Krause (Cidadania). Havia a expectativa de que Priscila pudesse acumular o cargo com uma secretaria, o que não aconteceu.

A primeira polêmica do governo também teve relação com cargos.

Na primeira semana do mandato, Raquel Lyra exonerou servidores estaduais em cargo comissionado ou função gratificada e revogou trabalho remoto e licenças, exceto para serviços essenciais de saúde e educação.

Em seguida, houve recuo, e a governadora deixou no cargo gerentes de escolas, em razão da proximidade da volta às aulas.

Partidos miram prefeitos do PSDB após derrota em SP

Mesmo com racha interno, tucanos buscam manter mandatários, que já se aproximam da base de Tarcísio

Carolina Linhares e Joelmir Tavares

SÃO PAULO O vácuo aberto com o fim do domínio do PSDB na política paulista iniciou uma disputa entre partidos pelo capital eleitoral que os tucanos ainda mantêm—um conjunto de prefeitos que comandam cerca de 40% dos municípios do estado.

A expectativa de dirigentes partidários, de parlamentares e de prefeitos é a de que haja uma migração dessa massa de prefeitos para siglas consideradas mais atraentes—seja porque compõem o Governo de São Paulo, como PSD e Republicanos, ou por terem uma bancada de deputados federais mais numerosa, casos de PL, União Brasil e MDB.

O PSDB, que passa por uma mudança no comando com a ascensão do governador Eduardo Leite (RS) à presidência da sigla, fala em reconstrução e busca manter os prefeitos na legenda. Alguns deles consultados pela **Folha**, porém, já avaliam propostas de concorrentes.

Em 2020, o PSDB ficou muito à frente dos demais ao eleger 172 prefeitos no estado. Ainda assim, nos últimos dois anos, o partido levou a cabo uma ofensiva para incorporar mais mandatários, desidratando siglas como o PSD e o PTB. Agora, o movimento inverso pode ocorrer.

A estratégia de crescimento estava ligada aos projetos eleitorais de João Doria (ex-PSDB), que mirava a Presidência da República, e de Rodrigo Garcia (PSDB), que tentou se manter no Palácio dos Bandeirantes, ambos sem sucesso.

Cerca de 50 das novas filiações ocorreram no contexto das prévias presidenciais tucanas entre Doria e Leite em 2021. Na época, aliados do gaúcho acusaram o paulista de filiar prefeitos fora do prazo apenas para aumentar o colégio eleitoral de Doria. Agora, o grupo de Leite diz que a legenda deve apostar em sua veia programática para não perder prefeitos.

Segundo os principais prefeitos do PSDB paulista, que representam oposição interna a Leite, mais do que o encolhimento do partido, o que pode provocar uma debandada coordenada da sigla é a ameaça de interferência do comando nacional na política do estado—intenção que aliados de Leite negam.

Em resposta a um pedido da **Folha** via Lei de Acesso à Informação, o Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo informou que os tucanos somam 238 prefeitos num universo de 623 cidades que não tiveram eleição suplementar—o estado tem 645 municípios no total.

Dependentes de verbas estaduais e federais, principalmente em municípios pequenos, os prefeitos buscam se filiar em partidos aliados do governador em busca de repasses mais ágeis e mais robustos.

Mirando a eleição de 2024, os mandatários também tendem a migrar para legendas com bancada federal numerosa, o que significa mais verba do fundo eleitoral e tempo de propaganda no rádio e na TV.

Os convênios do governo com as prefeituras eram, na gestão Doria, controlados pelo secretário de Desenvolvimento Regional, Marco Vinholi, que é também o presidente do PSDB paulista.

Agora quem pilota a máquina é o presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, que é secretário de Governo de Tarcísio de Freitas (Republicanos), responsável pela articulação com prefeitos e deputados.

O PSD elegeu 65 prefeitos em 2020 e manteve 46, após as investidas tucanas. Nos bastidores, políticos dizem que Kassab deve dar o troco em Vinholi, mas há cautela ao tratar o tema para evitar acusações de uso da máquina em benefício de interesses partidários.

"O PSDB deve perder muitos prefeitos, e provavelmente mais para o PSD, por causa do Kassab, que é uma liderança mais próxima e tem um partido mais organizado que o Republicanos", diz o professor George Avelino, da FGV.

Segundo Avelino, pesquisas mostram haver adesão de prefeitos a governadores tanto em estados ricos como em pobres.

À **Folha** Kassab afirma que a mudança dos prefeitos é natural, mas que o PSD não vai lançar uma investida para atraí-los. Focado no governo, ele diz que a gestão Tarcísio vai atender a todos, sem olhar filiação.

Segundo aliados, Kassab vai ter postura discreta para evitar crises com outras siglas, o que poderia afetar o governo. Mas integrantes do PSD veem uma chance para o crescimento, e prefeitos relatam que o partido sinaliza estar de portas abertas. Além de Kassab, o vice-governador Felicio Ramuth é do partido.

Um exemplo dessa atração natural foi a chegada da prefeita de Bauru, Suéllen Rosim, no mês passado. Com passado bolsonarista, ela deixou o PSC e declarou ter aceito um convite de Kassab para se aproximar da base de Tarcísio.

O PSD também atraiu a senadora Mara Gabrilli, que fez carreira no PSDB e saiu com críticas ao partido.

> “
> O PSDB deve perder muitos prefeitos, e provavelmente mais para o PSD, por causa do Kassab, que é uma liderança mais próxima e tem um partido mais organizado que o Republicano
>
> **George Avelino**
> professor da FGV

O então governador João Doria e Marco Vinholi em evento 8.mai.19/Governo do Estado de SP

Prefeitos dizem avaliar troca de legenda para 2024

Prefeitos ouvidos pela reportagem falam com naturalidade sobre a busca de alinhamento com o governo da vez. Muitos elogiam a postura aberta da gestão Tarcísio.

Prefeito de Guaraçaí (cidade com 8.000 habitantes perto da divisa com Mato Grosso do Sul) e filiado há 30 anos ao PSDB, Airton Gomes diz que não se movimenta para deixar o partido, mas já foi sondado por emissários do PSD—e não descarta eventual migração.

Gomes reclama da falta de orientações do comando tucano e diz que "está faltando diálogo" da sigla com os prefeitos. "Perdemos a eleição, mas o partido continua e não nos procurou para conversar."

A prefeita de Ferraz de Vasconcelos, Priscila Gambale, que foi eleita pelo PSD e mudou para o PSDB, diz que avalia permanecer no partido, mas tem conversa com a antiga sigla e com o Podemos.

"Foi mais do que justo mudar para o partido do governo [o PSDB à época] pela gratidão por todo o trabalho conduzido", diz ela, em referência à ajuda financeira ao município.

A reportagem encontrou ainda dois prefeitos que se filiaram ao PSDB, mas que não perderam seus vínculos com os antigos partidos. Em Cachoeira Paulista, Antonio Carlos Mineiro retornou para o MDB. Já em Barbosa, Rodrigo Primo disse que se mantém como presidente local do PSD e deve voltar para a sigla.

Ao mesmo tempo em que enxergam no espólio tucano uma oportunidade e traçam suas estratégias, representantes de partidos ponderam que ter um grupo amplo de prefeitos ajuda, mas pode não ser suficiente para vencer uma eleição–como foi o caso de Rodrigo.

Em nota, o Republicanos diz ter a meta de "crescer com qualidade", agregando prefeitos alinhados ao manifesto da legenda, e que o trabalho é feito por meio de líderes locais que analisam cenários e possibilidades.

Líder do PL na Assembleia, o deputado Ricardo Madalena diz que o partido tem condições de ocupar o espaço do PSDB. Todos os órgãos municipais estão sendo divididos entre os deputados da sigla para que indiquem aliados e ampliem a capilaridade.

Para o deputado federal Júnior Bozzella, vice-presidente da União Brasil no estado, a mudança de prefeitos conforme a conveniência "vira um toma lá dá cá" que pode ser nocivo.

Ele tem conversado com os mandatários para atraí-los e diz que uma vantagem de seu partido é escapar da polarização nacional.

Já o presidente do MDB, Baleia Rossi (SP), quer eleger 200 prefeitos em 2024, além de reeleger Ricardo Nunes (MDB) na capital.

Vinholi minimiza os conflitos internos do PSDB e vê com naturalidade a busca dos demais partidos por filiados. Mas, segundo ele, a sigla historicamente elege o maior número de prefeitos e isso deve se manter. Na última eleição, os tucanos lançaram cerca de 450 candidatos e querem repetir o feito. "A imagem do PSDB é positiva no estado e nas próprias cidades pela sua boa gestão", diz.

A reforma tributária de Lula

A PEC 45 contempla as exigências da eficiência e da igualdade

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Lula teve um primeiro mês de governo de muito trabalho, que incluiu derrotar um golpe e interromper um genocídio. Mas a pauta econômica só deve começar a ser tocada agora, pois as duas grandes prioridades do governo para o primeiro semestre —a aprovação da reforma tributária e criação da nova regra fiscal— dependiam da posse do novo Congresso.

Há uma chance razoável de Lula 3 tornar os impostos brasileiros mais eficientes e justos. Para isso, são necessárias duas reformas, e as duas estão nos planos do governo: a primeira simplifica e torna eficiente o furdunço de Satã que é nosso atual sistema tributário. A segunda reforma deve tratar sobretudo do Imposto de Renda e terá como objetivo colocar o fisco para trabalhar pela igualdade, o que, no Brasil, ele nunca fez.

A proposta de simplificação deve ser aprovada primeiro, porque já há projetos sobre isso andando no Congresso. O principal deles, a PEC 45, proposta pelo deputado Baleia Rossi (MDB-SP), substitui cinco impostos sobre consumo por dois, tornando a tributação brasileira mais parecida com o modelo do imposto sobre valor adicionado (IVA) que é a regra nos países desenvolvidos.

Segundo Baleia Rossi, em depoimento ao episódio do podcast do MDB de 22 de janeiro, a PEC 45 não foi encampada pelo governo Bolsonaro porque Paulo Guedes preferia a CPMF.

Ninguém discorda que nossa estrutura tributária é um problema. Investidores que pensam em colocar dinheiro estudam como funciona o ICMS por cinco minutos e já pensam, "Ok, Brasil não dá, quem é o próximo em ordem alfabética, Brunei, vamos ver como são os impostos no Brunei".

Segundo o secretário extraordinário de reforma tributária do governo Lula, Bernard Appy, estudos mostram que o Brasil é 20% mais pobre por ter impostos tão distorcidos.

Para quem se interessar, há um estudo do Ipea de 2019, de autoria dos economistas Rodrigo Orair e Sergio Gobetti, que discute a PEC 45 em detalhe, com o rigor que é característico nos autores (texto para discussão nº 2.530, "Reforma Tributária e Federalismo Fiscal: uma análise das propostas de criação de um novo imposto sobre o valor adicionado para o Brasil").

Até hoje, o grande obstáculo para implementar no Brasil o IVA —que, repito, é o que existe nos países de economia mais eficiente— foi a resistência de estados e municípios que temem perder arrecadação no curto prazo. Orair e Gobetti mostram que a PEC 45 tem mecanismos de compensação e potencial para gerar crescimento econômico que tornam "remotos" os riscos de que estados e municípios tenham perdas de arrecadação com a nova regra.

Embora a redistribuição de renda não seja o objetivo central dessa reforma —ela será o centro da proposta de reforma do Imposto de Renda—, as projeções de Orair e Gobetti mostram que a aprovação da PEC 45 já reduziria a regressividade dos impostos sobre consumo brasileiros. O tamanho dessa redução dependeria de como funcionaria um de seus mecanismos: uma forma de cashback, de devolução de impostos pagos para os trabalhadores mais pobres.

Enfim, a PEC 45 é uma proposta que contempla as exigências da eficiência e da igualdade. É, portanto, um excelente ponto de partida para um governo de frente ampla, e uma chance de esquerda e centro-direita discutirem crescimento, e não apenas graus de ajuste.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. Camila Rocha, **Angela Alonso** | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo | SÁB. Demétrio Magnoli

Fernando Haddad, Luiz Inácio Lula da Silva e Guilherme Boulos durante evento em Santo André Marlene Bergamo - 25.mar.22/Folhapress

PT esvazia em SP, tropeça em renovação e vê PSOL avançar

Partido, fundado na capital paulista, cederá vaga a Boulos na eleição de 2024

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Fundado em São Paulo há 43 anos, o PT passa por um esvaziamento em seu berço, com a perspectiva de ficar sem candidato próprio na eleição para prefeito da capital pela primeira vez em quatro décadas, em meio ao ritmo capenga de renovação dos quadros e ao avanço do PSOL no campo da esquerda.

A legenda, criada oficialmente em 10 de fevereiro de 1980 durante um encontro no Colégio Sion, na região central paulistana, vê hoje seu núcleo de poder se deslocar para Brasília, com o início do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e tenta contornar fragilidades na terra de origem.

A presidência estadual da sigla está de mudança, com a saída de Luiz Marinho para virar ministro do Trabalho. Ele chegou ao cargo em 2017 e disputou as três eleições seguintes, o que uma ala enxergou como prejudicial ao andamento da máquina partidária. Marinho se elegeu deputado federal em 2022.

O mais cotado para substituí-lo é Kiko Celeguim, deputado federal em primeiro mandato. Com carreira política feita em Franco da Rocha —onde seu pai, Mário Maurici, foi prefeito—, o parlamentar de 38 anos é citado como um dos novatos em ascensão na legenda, muitos dos quais ainda com baixa projeção.

O vácuo de nomes com capacidade de obter votos, somado ao desgaste de membros históricos e à saída de cena de outros, ajuda a explicar a decisão inédita de não lançar postulante à disputa da Prefeitura de São Paulo para apoiar a candidatura do deputado federal Guilherme Boulos (PSOL).

Fechado por Lula e pelo comando nacional do PT, o acordo fez parte da costura para unificar a esquerda em torno de Fernando Haddad (PT) na campanha a governador. Boulos, que abriu mão de concorrer em troca do apoio em 2024, agora é cobrado a estreitar relações com os petistas para consolidar a aliança.

Líderes do partido ouvidos pela **Folha** dizem que o acerto será honrado, mas não descartam pressão da base para que o PT tenha protagonismo na disputa. Uma hipótese ventilada é fazer prévias para escolher o nome que deve ser apresentado ao PSOL para fechar a composição, provavelmente na vaga de vice.

Na legenda, que já governou a cidade três vezes, há o temor de que a ausência de candidato majoritário dificulte a eleição de vereadores do PT.

Um influente membro, com acesso privilegiado a Lula, diz que o partido está totalmente desestruturado no estado, o que se reflete na queda no número de prefeitos. O risco é, nas palavras desse interlocutor, virar o PT do Rio de Janeiro —referência à perda de musculatura da sigla no estado vizinho.

As queixas recaem principalmente sobre ocupantes de cargos decisórios, seja pelo "encastelamento" de parte deles nas funções, o que favorece a perpetuação e inibe a oxigenação, seja pelo comando vacilante.

Um aliado do partido nas últimas eleições relata ter ficado impressionado com o que chama de inconsistência do núcleo dirigente do PT no estado e afirma que isso respingou na campanha de Haddad. As críticas vão na linha de que a legenda se "oligarquizou" e acabou engolida pela burocratização.

Os estragos da Operação Lava Jato na reputação da sigla e o antipetismo latente no interior derrubaram ao longo da última década a capilaridade da legenda no estado. As votações expressivas do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) demonstraram isso.

O PT, que chegou a eleger 70 prefeitos no estado em 2012, caiu para 8 em 2016 e apenas 4 em 2020 (Araraquara, Diadema, Matão e Mauá). A bancada de deputados estaduais conseguiu crescer em 2022, chegando a 18 cadeiras, ante 10 na eleição anterior. A de federais passou de 8 para 11.

Vários fatores são mencionados como justificativa para a guinada positiva no ano passado, como a recuperação parcial da imagem do partido perante o eleitorado e o impulso dado pela candidatura de Lula em uma batalha altamente polarizada com Bolsonaro, que influenciou todo o pleito.

O perfil das bancadas eleitas, no entanto, é emblemático do momento que o partido vive. A maior votação para estadual (807 mil votos) foi a do veterano Eduardo Suplicy. Outros nove foram reeleitos e, dos 18 deputados, 5 são mulheres —entre elas Thainara Faria, apontada como uma promessa da legenda.

Entre os federais, repete-se a tendência geral de homens, brancos, acima dos 50 anos e com ascendência na estrutura partidária. A única mulher é Juliana Cardoso, que teve a vitória celebrada também pelo fato de ser indígena, o que sinalizaria ligação com o eleitorado jovem e as bandeiras identitárias.

O fiasco de candidaturas voltadas às pautas da diversidade e da inclusão foi creditado ao avanço do PSOL nesse terreno. Um grupo entende que o sucesso de Boulos, com mais de 1 milhão de votos para deputado federal, ofuscou petistas que tinham como mote temas sociais, como as questões racial e LGBTQIA+.

Porta-vozes do partido admitem os percalços, mas afirmam que o contexto geral é favorável à revigoração da sigla, principalmente se o governo federal estiver bem avaliado. Lula e Haddad superaram em votação na capital os adversários bolsonaristas, mas perderam no restante do estado.

"A meu ver, o PT está se fortalecendo em São Paulo", diz Suplicy, que deixa a cadeira de vereador da capital em março para assumir como deputado estadual. "Com o fato de termos agora Lula e tantas ministras e ministros, acho que temos tudo para renovar e ver novos valores aparecendo."

Presidente do partido na capital paulista, Laércio Ribeiro minimiza o impacto da ida de nomes como Haddad, Marinho, Alexandre Padilha e Jilmar Tatto para Brasília, sob o argumento de que interessa aos líderes do partido manter pontes no estado mesmo tendo funções no governo ou no Congresso.

"O espaço de todos eles é o estado, e vão conciliar os trabalhos porque não seriam quem são sem São Paulo", diz.

O diretório municipal do PT chegou a ser alvo de uma ação de despejo de sua sede, em setembro do ano passado, por dívidas de aluguéis. Segundo Ribeiro, os valores foram pagos, e o local continua aberto. O diretório estadual entregou a antiga sede e agora funciona junto com o nacional.

Para a cientista política Maria do Socorro Braga, a fragmentação interna da legenda no estado contribui para o desgaste, com muitos dos conflitos sendo arbitrados pelo comando nacional e pelo próprio Lula.

"Não dá para esconder que o partido vem se fragilizando, com a redução da capacidade de eleger prefeitos e vereadores, embora se mantenha hegemônico na esquerda. Houve um distanciamento das bases sociais e agora o desafio é retomar os vínculos com a sociedade civil", diz a professora da UFSCar.

A desorganização do partido no âmbito estadual, completa a pesquisadora, pode também ser atribuída à desarticulação do grupo que estava com Lula em 2003 e ajudou a fixar o petismo em São Paulo —com nomes como José Dirceu e Antonio Palocci, que foram tragados por escândalos e se afastaram.

Números do PT em São Paulo

4
prefeitos foram eleitos no estado em 2020 (Araraquara, Diadema, Matão e Mauá); em 2016, foram 8

135
vereadores foram eleitos no estado em 2020; em 2016, foram 197

18
deputados estaduais foram eleitos em 2022; em 2018, foram 10

11
deputados federais foram eleitos em 2022; em 2018, foram 8

44,7%
foi o percentual de votos obtido no estado por Lula no segundo turno contra Bolsonaro (55,2%); na capital, o candidato do PT teve 53,5%, e o do PL, 46,4%

44,7%
foi o percentual de votos obtido no estado por Fernando Haddad no segundo turno contra Tarcísio de Freitas (55,2%); na capital, o candidato do PT teve 54,4%, e o do Republicanos, 45,4%

2
foram as vezes que o PT chegou ao segundo turno na eleição para governador, com Haddad em 2022 e José Genoino em 2002 — nenhum deles vitorioso

3
foram as vezes que o PT foi eleito para governar a capital paulista (com Luiza Erundina, em 1988, Marta Suplicy, em 2000, e Haddad, em 2012)

16,7%
dos votos foi o total obtido por Haddad na tentativa de reeleição a prefeito, em 2016, quando foi derrotado já no primeiro turno pelo então tucano João Doria (53,2%)

8,6%
foi o percentual de votos obtido pelo candidato do PT à Prefeitura de São Paulo em 2020, Jilmar Tatto, que terminou em 6º lugar, o pior resultado do partido na cidade na história; Guilherme Boulos (PSOL) obteve 20,2% e foi ao segundo turno, mas perdeu para Bruno Covas (PSDB)

Apoiadores de Bolsonaro em ato antidemocrático diante do quartel-general do Exército, em Brasília Pedro Ladeira - 27.dez.22/Folhapress

Religião que usa ayahuasca vive crise por bolsonarização

Discurso político incomoda membros da União do Vegetal e caso vai à Justiça

José Marques

BRASÍLIA A União do Vegetal entrou em uma crise interna após a cobrança de mestres da religião por apoio dos integrantes ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e até por participação em atos golpistas contra a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A religião é conhecida pelo ritual do chá de ayahuasca e pela defesa de princípios como a paz e preservação das florestas.

O incômodo com o discurso político desses líderes fez o caso chegar, inclusive, à Justiça. Integrantes da União pediram a proibição temporária do uso do chá, bebida com efeitos psicodélicos, para investigar a sua utilização de forma descontextualizada, com doutrinação ideológica a favor de atos antidemocráticos pela cúpula do grupo.

No Brasil, o uso da ayahuasca é permitido apenas em rituais religiosos. A reportagem da **Folha** conversou com membros e ex-membros da União do Vegetal, sob reserva, que apontam que a instituição vem se bolsonarizando desde 2018, mas que atingiu o ápice durante e logo após as eleições do ano passado.

Procurada, a UDV afirmou que é apartidária, não professa ideologias políticas e não teve preferências por candidatos a presidente da República. Diz, ainda, que chegou a afastar dirigentes que cometeram excessos.

Houve afastamento de pessoas que defenderam atos golpistas, mas também de quem criticou em público a entidade pelo proselitismo de mestres a favor de Bolsonaro.

Um dos expoentes da religião é o empresário Luís Felipe Belmonte, um dos organizadores da tentativa frustrada de criar a Aliança pelo Brasil, partido que pretendia abrigar os apoiadores de Bolsonaro.

Antes do segundo turno das eleições, um dos principais líderes da União do Vegetal, Raimundo Monteiro, 88, o mestre Monteiro, enviou uma mensagem a integrantes da religião afirmando que havia duas agendas antagônicas no país.

Em menção indireta aos dois candidatos à Presidência, respectivamente Bolsonaro e Lula, disse que uma das agendas defendia "valores cristãos, sustentados pela União do Vegetal", como "a família tradicional —homem, mulher e filhos", enquanto a outra propunha "pautas incompatíveis com os mais elementares fundamentos morais e espirituais de nossa doutrina".

"Não se trata aqui de cercear os direitos de cidadania dos nossos filiados, mas de lembrá-los que, acima das ideologias (sejam elas quais forem) e dos interesses políticos, estão os princípios morais e espirituais da doutrina da União do Vegetal", orientou.

Arrematou o comunicado dizendo que, para ficar no "caminho da retidão", é necessário seguir a "doutrinação reta" do mestre, "sem dela divergir em qualquer circunstância e sob qualquer pretexto, seja na vida particular, seja na vida pública".

Após as eleições, Monteiro apareceu em fotos em meio aos atos em frente ao Quartel-General do Exército em Campo Grande (MS), em manifestações de teor golpista.

Conhecido por ter relação próxima com José Gabriel da Costa, o mestre Gabriel (1922-1971), fundador da União do Vegetal, Monteiro é tido como um dos mestres mais respeitados e tratado no site da entidade como "um zeloso guardião dos tesouros da UDV".

> "Não se trata aqui de cercear os direitos de cidadania dos nossos filiados, mas de lembrá-los que, acima das ideologias (sejam elas quais forem) e dos interesses políticos, estão os princípios morais e espirituais da doutrina da União do Vegetal
>
> **Mestre Monteiro**
> líder da União do Vegetal, em mensagem velada pró-Bolsonaro

A mensagem não foi repassada oficialmente pela UDV, e o mestre Monteiro anunciou que iria parar de participar das reuniões do conselho da cúpula religiosa.

Ele não foi o único a se manifestar favoravelmente aos atos golpistas. Outros mestres e integrantes também se expressaram nesse sentido em grupos da UDV.

Um integrante da cúpula da religião na Bahia gravou vídeos em atos golpistas afirmando que Bolsonaro vinha mandando mensagens cifradas para os seus seguidores no sentido de que não deixaria a Presidência —segundo a **Folha** apurou, ele foi afastado pela UDV.

A escalada de apoio a Bolsonaro e aos golpistas causou reações de adeptos da religião. Em carta aberta, membros criticaram a "manifestação de apoio, por parte de pessoas da alta hierarquia da União, a posicionamentos políticos" que consideram contrários aos do mestre Gabriel.

Afirmaram que, "longe dos discursos superficiais de direita e de esquerda", não se alinhavam a discursos de ódio ou de preconceitos contra as minorias, à defesa da ditadura militar e à liberação de armas de fogo —bandeiras da gestão Bolsonaro.

"Como hoasqueiros [consumidores de ayahuasca], que bebem o Vegetal, composto de duas plantas nativas da floresta Amazônica e que compreendem a natureza como sagrada, temos nos sensibilizados bastante com a questão ambiental. A desregulamentação das políticas ambientais, anunciada desde a época de campanha, está sendo colocada em prática", afirmaram.

Em vídeos, outros integrantes da União do Vegetal também reagiram à defesa de políticos. "Nunca tinha visto entrar a política dentro da nossa religião", disse um deles, Agamenon Honório, em um vídeo, citando eleições desde a de Fernando Collor, em 1989.

Agamenon, que afirma ser integrante da União do Vegetal há 34 anos, foi afastado após ter publicado o vídeo.

Em uma entrevista ao canal Daniel Gontijo, do YouTube, um ex-integrante da UDV, Armando Grisi, também fez uma série de críticas a pessoas na cúpula da religião, que estariam "fomentando a desordem" ao defender a reunião de pessoas em frente a quartéis.

Em uma ação popular apresentada ao STF (Supremo Tribunal Federal) em 10 de janeiro, um ex-membro da UDV, Alexandre de Oliveira Rodrigues, pediu a "proibição em caráter temporário do uso do chá para investigar a possível utilização descontextualizada do chá ayahuasca".

O relator do processo, ministro Ricardo Lewandowski, afirmou que o caso deve ser decidido pelo TJ-DFT (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios) e enviou os autos para a corte. Ainda não há uma decisão do tribunal.

União do Vegetal diz ser apartidária e afastou dirigentes

Procurada pela reportagem, a União do Vegetal disse em nota que é uma instituição religiosa apartidária, que não "professa ideologias políticas e não teve preferência ou indicação por qualquer candidatura à Presidência da República nas eleições passadas".

"As expressões de preferências políticas de alguns de seus associados não representam a UDV, sendo apenas manifestações de caráter estritamente pessoais", diz nota do presidente da UDV, Tadeo Feijão.

A UDV apresentou uma carta circular de dezembro do ano passado ressaltando que a religião é apartidária.

A nota diz que a religião "não permite manifestações políticas em seu âmbito, tendo tomado providências nos casos em que foram verificados excessos, inclusive com afastamento de membros integrantes da direção".

Afirma ainda que a ação popular é "uma iniciativa sem fundamento e sem nenhuma base probatória".

"A UDV conta, entre seus mais de 22 mil associados, com pessoas com filiação a diversos partidos políticos."

Ministra ligada a milicianos ajuda PT, afirma pesquisadora

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO A ministra do Turismo, Daniela Carneiro (União Brasil), aliada política de milicianos do Rio de Janeiro, não tem um comportamento que desvie do padrão da Baixada Fluminense, sua base eleitoral.

A avaliação é da cientista política Mayra Goulart, coordenadora do Laboratório de Partidos, Eleições e Política Comparada da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), que estuda as relações políticas da região.

Daniela fez campanha ao lado de ao menos três acusados de liderar milícias em Belford Roxo, além de parentes de outro. Eles também foram nomeados em cargos da prefeitura da cidade.

*

Qual é o cenário político da Baixada Fluminense envolvendo as milícias ou outros grupos criminosos? Na Baixada Fluminense, assim como em outros territórios do Rio de Janeiro, o crime organizado tem um papel preponderante de maneira cotidiana.

É muito difícil ter um prefeito de uma cidade da Baixada Fluminense que não tenha relações com a milícia e com outras, entre aspas, lideranças daquele território.

Ele precisa disso para administrar a cidade. Mas não é possível fugir de alianças políticas eleitorais com esses grupos? Nada é impossível. Mas, na nossa pesquisa, não há uma atuação muito desviante de um certo padrão de cultivar uma política local. É uma política local não orientada de maneira ideológica.

Não quer dizer que essas pessoas não tenham suas ideologias, geralmente mais conservadoras. Mas a performance política delas não tem essa dimensão de opinião pública tão determinante como tem, por exemplo, nos nossos casos desviantes, como Lindbergh [Farias], [ex-prefeito] em Nova Iguaçu.

Os políticos desses locais não devem ser cobrados para tentar mudar essa dinâmica? Devem ser cobrados e responsabilizados. São dois planos discursivos. Uma coisa é como as coisas são, e outra como elas devem ser.

Quando digo que esse tipo de política local inclui uma relação não tão desejosa com, entre aspas, lideranças que cometem ilegalidades, isso não é bom nem desejável. Isso é como as coisas são.

O problema é que o denuncismo não deve se sobrepor à capacidade descritiva.

Denunciar que a Daniela tem contato com a milícia não pode bloquear nossa visão de que prefeitos da Baixada Fluminense têm relações com a milícia. A única diferença da Daniela e Waguinho de outros prefeitos é a proximidade atual com um partido de esquerda.

No caso da ministra, qual é a responsabilidade política dela? Minha pesquisa tenta compreender o que tem nessa dinâmica política local que, de alguma maneira, dificulta a esquerda de construir essas relações.

Uma das coisas que sobressai é uma certa ênfase nos políticos de esquerda em concentrar as suas energias numa discussão ideológica de opinião pública, enquanto políticos mais à direita ou de centro-direita, ou do centrão, se comprometem em fazer esse jogo da política local. Bombardear a única indicada no ministério que vem do Rio de Janeiro e que vem desse lugar de fazer política, que entremeia no território, é simbólico.

O Waguinho deu propriamente muito voto para o Lula. [Um ministério] não é uma retribuição na mesma medida se a gente olhar para o passado. Mas se a gente olhar para o futuro, a gente tem um governo nacional que precisa, na eleição daqui a dois anos, amparar o seu governo em apoio os políticos locais.

Alinhavar o apoio de um prefeito num território que não tem tradição de proximidade de como o campo da centro-esquerda é importante para o PT.

Esses grupos não podem se sentir fortalecidos pelo fato de uma aliada estar no ministério? Um dos acusados de chefiar uma milícia que a apoiou falou do orgulho de vê-la no cargo. Acho um salto muito longo para um tipo de poderio que tem um retorno muito imediato. É uma renda que vem do controle da violência, num território local. Esse negócio funciona muito bem para eles precisarem desses tiros tão longínquos. Vejo mais é uma certa dificuldade da opinião pública, de maneira geral, de sair de um espectro de político mais elitista, que circula nesse ambiente de opinião pública, e lidar com outro tipo de político que está mais no campo das classes populares.

Quando você mantém um discurso principiológico voltado à opinião pública, você exclui territórios cuja política não se determina a partir desse tipo de conteúdo. Com isso você exclui aqueles cidadãos que não se veem representados na política nacional.

Dessa forma, não se está colocando no mesmo nível o que se chama de clientelismo e uma situação de crime, de controle de território? Aquilo que é ilegal precisa ser combatido, condenado, até para a gente não colocar tudo no mesmo patamar. Uma política local de atendimento direto à população não significa a mesma coisa que controlar com a violência um território. O que a milícia faz não é política. Ela usa da violência para extorquir população.

O que estou dizendo é que a relação da Daniela com o crime organizado provavelmente não é maior do que se a gente for pegar outras relações de políticos do Nordeste com um tipo de agronegócio misturado com criminalidade e violência.

Daniela Carneiro com o presidente Lula no anúncio de nomes do primeiro escalão do governo Pedro Ladeira-29.dez.22/Folhapress

No Rio, como somos uma vitrine do Brasil, essas relações são muito expostas.

A Daniela não é uma exceção. Mas ela está parecendo muito por quê? Porque o que é uma exceção é a relação do PT, e de qualquer tipo de partido de esquerda, com esses territórios e com essa população.

É uma aliança adequada? Não pode dar um sinal errado nessas regiões de que aliados dos grupos criminosos estão com força? Acho importante diferenciar a indicação de uma ministra que teve como aliado político um miliciano de um presidente que fez discursos em plenário dizendo que a milícia é uma coisa positiva. É preciso diferenciar esse salto.

Mas, em razão desse posicionamento do ex-presidente, devemos normalizar esses elos? Se ela cometer crime, tem que ser indiciada, tem que ser punida. Mas a condenação prévia de alguém que até então é inocente leva um tipo de caça às bruxas que favorece a ascensão de pessoas que não tenham trajetórias políticas. É essa coisa da nova política que resultou muito mal. No Rio de Janeiro, por exemplo, resultou no [Wilson] Witzel.

Juliana Freire

Lula quer o quarto polo naval

Os outros três afundaram

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Outro dia Lula anunciou: "Vamos voltar a construir navios nos estaleiros do Rio de Janeiro".

Boa ideia. O Brasil tem litoral, comércio, gasta uma fortuna em fretes marítimos e precisa de plataformas para exploração de petróleo. Como Asmodeu esconde-se nos detalhes, antes de colocar um só centavo na ressurreição de um polo naval onde quer que seja, conviria um exercício de humildade, explicando porque a geração de Lula financiou três polos navais, com três fracassos, um pior que o outro.

O primeiro polo naval nasceu no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Atolou, e os grandes prejudicados foram os estaleiros que receberam incentivos e financiamentos públicos. O segundo polo nasceu durante o milagre brasileiro, na ditadura. Também atolou, com uma peculiaridade: o desastre materializou-se numa emissão de papéis da dívida da Superintendência de Marinha Mercante, a Sunamam. Em 1979, ela tinha um orçamento maior que o de muitos ministérios e funcionava como um verdadeiro banco. E como banco quebrou, com um buraco que pode ter chegado a US$ 1 bilhão em dinheiro de hoje. À época esse ervanário era chamado de "moeda podre". Se fosse moeda de banco, valeria zero, como era da Viúva, rendeu cerca de 70% do seu valor de face, servindo para comprar ativos da mesma Boa Senhora. Assim, banqueiros e empresários compraram empresas estatais.

O terceiro polo surgiu no governo de Lula. Chegou a gerar perto de 100 mil empregos. Importaram-se soldadores brasileiros que trabalhavam no Japão. Uma de suas joias era o estaleiro OSX, de Eike Batista. Quebrou com um espeto de R$ 4,2 bilhões. As petrorroubalheiras do consulado petista afogaram estaleiros e perderam-se dezenas de milhares de empregos. O petroleiro João Cândido, construído em Pernambuco, foi lançado ao mar em 2010 e adernou. Só voltou ao mar dois anos depois. Empresas beneficiadas por encomendas nesse terceiro polo naval ficaram mais conhecidas pelo que contaram à Justiça do que pelo que produziram.

Na retórica de Lula, não houve na história humana uma geração que financiasse quatro polos navais. O Japão, Coreia e Singapura financiaram os seus uma só vez. Quando aconteceram problemas, os magnos foram para a cadeia e os operários continuaram a trabalhar, produzindo navios a custos competitivos.

Se Lula quer financiar o quarto polo naval, pouco lhe custaria reunir meia dúzia de técnicos para que lhe mostrassem como atolaram os três anteriores. Parte da resposta está nas roubalheiras.

Já que a conversa gira em torno dos estaleiros do Rio de Janeiro, vale a pena girar a roda da história. Apesar de muita gente boa acreditar que Portugal proibia a instalação de qualquer tipo de indústria no Brasil, é bom relembrar que, na Ilha do Governador, em janeiro de 1663, foi lançado ao mar o galeão Padre Eterno, um dos maiores navios do seu tempo. Podia transportar 4.000 caixas de açúcar.

A coroa da riqueza não traz sorte

Em Pindorama, o título de "o homem mais rico do Brasil" não dá sorte aos seus titulares. Em 2012 esse galardão era exibido por Eike Batista, com uma fortuna avaliada em US$ 30 bilhões. Deu no que deu.

Eike passou o título ao empresário Jorge Paulo Lemann, que encabeça a lista dos dez mais com uma fortuna estimada em US$ 16,1 bilhões, acompanhado pelos seus sócios Marcel Telles (US$ 10,8 bilhões) e Carlos Alberto Sicupira (US$ 8,8 bilhões). Com a bancarrota da rede Americanas, a mágica da trinca tisnou-se.

Ao contrário de Eike Batista, cujos negócios tinham muito pó e ao pó retornaram, a fortuna de Lemann, Telles e Sicupira deverá resistir ao tranco da Americanas e eles manterão boas posições na lista dos bilionários.

Na sequência, vem Eduardo Saverin (US$ 6,8 bilhões), um homem de sorte que se associou a Mark Zuckerberg quando ele lançou o Facebook, ainda como estudante em Harvard. Ele é um ponto fora da urucubaca porque, mesmo tendo nascido no Brasil, foi jovem para Miami e vive em Singapura.

Durante alguns anos, o banqueiro Joseph Safra disputou a posição. Homem discreto, atravessou em silêncio divergências e/ou brigas com irmãos, inclusive com a cunhada Lily, viúva de Edmond, morto em Monte Carlo em 1999. Joseph morreu em 2020. Seu patrimônio teria passado dos US$ 19 bilhões.

Enquanto a rede Americanas está na frigideira, devendo ao banco Safra cerca de R$ 2 bilhões, Alberto Safra, filho do "seu" José, abriu um processo contra a mãe e dois irmãos na Justiça americana, acusando-os de terem-no prejudicado na herança. O litígio envolve a holding que controla o Safra National Bank, que não tem relação com a casa de crédito da família no Brasil.

A lista dos bilionários brasileiros guarda uma diferença com a dos americanos. Apesar das encrencas em que se metem, Jeff Bezos, Elon Musk e Bill Gates associam seus nomes a transformações na economia. Um revolucionou o comércio, outro meteu-se com o carro elétrico e o terceiro, há tempo, mudou o rumo do negócio da informática.

Os militares de volta

Com a ida de militares às terras dos yanomamis em missão de socorro aos índios atormentados pelo garimpo e com o voo da Força Aérea para ajudar os chilenos a controlar incêndios florestais, as Forças Armadas brasileiras retornam a uma de suas virtuosas atribuições.

Como diria o poeta Cacaso, o vinagre vira vinho.

Durante a ditadura, ele escreveu:

Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre.

Bolsa Vermeer

O Rijksmuseum de Amsterdã abriu uma exposição inesquecível, daquelas que só acontecem em décadas. Mostra 28 pinturas de Johannes Vermeer (1632-1675). Um prodígio, porque hoje existem menos de 40 quadros do artista com autenticidade comprovada. Há 30 anos, outra mostra juntou apenas 21.

De graça, o site do Rijksmuseum oferece na rede um serviço excepcional para quem tiver algum tempo para jogar fora. Numa visita eletrônica perfeitamente calibrada e narrada pelo inglês Stephen Fry (com legendas em inglês) vai-se por cada um dos quadros, com explicações didáticas e eruditas. Com cerca de cinco minutos para cada tela, percebem-se detalhes pelos quais se poderia passar batido. As pérolas das garotas, os tapetes em cima das mesas ou o erotismo em diversos lábios.

Como na rede pode-se ver os quadros sentado e como não é preciso ver todos de uma vez, o Rijksmuseum deu ao mundo uma verdadeira Bolsa Vermeer.

Não custa lembrar que o pintor levou uma vida dura. Criou 11 filhos, morreu arruinado aos 43 anos e sabe-se muito pouco de sua vida. Um de seus patronos era padeiro.

Por séculos Vermeer foi tão subestimado que punham nomes de outros em suas telas. Seu "O Concerto", roubado de um museu de Boston, nunca mais foi visto. Valeria US$ 250 milhões.

União Brasil, Avante e PP miram federação, mas há entraves locais

Partidos somam 115 deputados e, após acordo, devem ultrapassar o PL como maior bancada da Câmara

Cézar Feitoza e Victoria Azevedo

BRASÍLIA As cúpulas do Progressistas, União Brasil e Avante querem fechar nos próximos dias uma federação entre os três partidos. Com o acordo, a bancada na Câmara deverá ter 115 deputados, levando em conta os parlamentares atualmente em exercício.

Caso se concretize, a federação pode se tornar a maior bancada da Casa, ultrapassando o PL do ex-presidente Jair Bolsonaro, que conta com 99 parlamentares.

Um entrave para a conclusão do acordo, no entanto, é a busca de uma solução para ajustes regionais que precisam ser costurados —alguns parlamentares do PP e da União Brasil estão céticos quanto à criação da federação.

Isso porque a federação obriga uma atuação partidária conjunta por ao menos quatro anos nos âmbitos municipal, estadual e nacional, o que inclui as disputas eleitorais desse período.

O próprio presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), está empenhado para que a federação dê certo. Ele afirmou a interlocutores na semana passada que a aliança deverá sair do papel. Resta fazer as costuras regionais de cada estado.

Na sexta-feira (10), Lira confirmou que há uma movimentação nas cúpulas das três legendas para que a federação se concretize.

"São partidos importantes, com bancadas expressivas. No caso de ocorrer e se efetivar [o acordo], darão contribuição de equilíbrio também para que o eleitorado, os estados e a população brasileira possam acompanhar mais facilmente o desempenho de cada federação", afirmou Lira a jornalistas, após participar de evento no Espírito Santo.

Segundo ele, a formação de federações também facilita a "tramitação de matérias com construção de consensos mais aproximados da população".

> Particularmente, acho muito bom que os partidos se organizem em federações. Se isso vingar, será bem recebido. E temos tido um excelente diálogo com os líderes desses partidos
>
> **Alexandre Padilha**
> Ministro da Secretaria de Relações Institucionais

Segundo parlamentares, o presidente do PP, Ciro Nogueira, discutiu com a bancada da legenda no Senado a criação da federação. Os senadores não apresentaram objeções.

O senador Esperidião Amin (PP-SC) afirmou à **Folha** que "a federação está na fase das proclamas do casamento".

Desde setembro de 2022, PP e União Brasil discutem uma atuação conjunta. Inicialmente, a proposta era os partidos se fundirem em um. A ideia causou uma série de divergências nos estados, já que em muitos deles políticos das duas siglas são adversários.

A federação foi a forma encontrada de reduzir o impacto regional da atuação conjunta dos partidos, uma vez que ela não anula completamente as estruturas das legendas que a compõem.

Para solucionar o impasse, as cúpulas dos partidos discutem um critério para a distribuição de forças nos estados.

Nos estados em que o governador for filiado a um dos três partidos, o grupo aliado ao chefe do Executivo estadual terá precedência na definição do presidente do diretório. É o caso de Goiás, cujo governador, Ronaldo Caiado, é da União Brasil.

Nas regiões em que a federação não tiver governador, a precedência será definida pela quantidade de senadores. Se houver empate, o último critério será a quantidade de deputados eleitos no estado.

O critério não agradou a todos. Em Pernambuco, por exemplo, há disputa de espaço entre Luciano Bivar (União Brasil), Mendonça Filho (União Brasil) e Dudu da Fonte (PP). Na Bahia, Cacá Leão (PP) e ACM Neto (União Brasil) também têm atritos.

Uma fuga à regra deve ocorrer em Minas Gerais, que, segundo relatos feitos à **Folha**, deve ser o único estado comandado pelo Avante. Esta teria sido uma condição apresentada pelo presidente da legenda, Luís Tibé, no processo de construção da federação.

A montagem da federação tem sido conduzida pelo líder da União Brasil na Câmara, deputado Elmar Nascimento (BA); o vice-presidente do partido, Antônio Rueda; Ciro Nogueira e Arthur Lira.

Tibé entrou nas negociações recentemente. A entrada do Avante na federação é uma forma de o partido sobreviver politicamente diante da pequena bancada que elegeu (7 deputados).

Os detalhes da federação têm sido discutidos por advogados dos três partidos. A expectativa é que um regimento seja redigido nos próximos dias.

Apesar de o Avante integrar a base de apoio do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e de ter apoiado o presidente já durante a campanha eleitoral, petistas ouvidos pela **Folha** afirmam que a união da sigla à União Brasil e ao PP não seria uma sinalização negativa para o governo.

O principal expoente do Avante é o deputado André Janones (MG), que teve papel de destaque na estratégia de comunicação da campanha de Lula nas redes sociais.

Essas fontes ressaltam que PP e União não têm bancadas unificadas, ou seja, já abrigam parlamentares que apoiam Lula e outros que são de oposição. Nesse sentido, a federação não representaria um bloco de oposição ao governo.

O ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, afirma que as federações "ajudam a estruturar o debate político do país e com o governo".

"Eu, particularmente, acho muito bom que os partidos se organizem em federações. Se isso vingar, será bem recebido. E temos tido um excelente diálogo com os líderes desses partidos", disse Padilha à **Folha**.

Sob reserva, um líder do PT reforça a visão de Padilha e diz que a eventual federação facilitaria a comunicação com o governo, uma vez que concentraria o diálogo com menos atores políticos.

Há ainda uma avaliação entre parlamentares de que o recurso das federações será cada vez mais frequente diante da necessidade de sobrevivência dos partidos.

Um dos motivos é a preocupação das legendas em superar a cláusula de barreira, mecanismo que estabelece percentual mínimo de votos e de deputados eleitos para manter o acesso à propaganda partidária e ao fundo eleitoral.

mundo

Terremoto esmaga cidade na Turquia e faz prédios virarem montes de areia

Nurdagi, vilarejo que tinha 40 mil moradores, enfrenta falta de caixões para enterrar vítimas de sismo

Ivan Finotti

NURDAGI (TURQUIA) Para chegar lá, a rodovia passa por belos morros nevados, repletos de arbustos escuros. A estrada sinuosa exibe moinhos de vento e pequenos povoados até que, lá embaixo, revela-se um vale muito verde. No centro desse vale está Nurdagi. Na manhã do último domingo (5), ali era uma bela cidade com 40 mil pessoas, a cerca de 75 km de Gaziantepe, a capital da província no sul da Turquia.

Prédios de cinco ou seis andares dividiam as ruas com lojas e pequenos restaurantes. Um único semáforo comandava o trânsito na rotatória de entrada. Após a madrugada de segunda-feira (6), tudo mudou. Nurdagi virou uma cidade esmagada. Centenas de prédios estavam no chão.

Segundo moradores e equipes de resgate, a população havia se reduzido a 20 mil. Quase todos os outros 20 mil estariam enterrados sob os escombros. O número não foi confirmado por autoridades.

A **Folha** visitou a cidade na sexta-feira (10), e a desolação é estarrecedora. A região foi o epicentro do terremoto que matou até agora mais de 28 mil pessoas no país e na vizinha Síria na última semana.

Não há nem sequer ruas, pois os prédios caíram em cima delas. Não se pode dizer qual é o escombro de qual edifício, tudo se mistura como areia. Nenhuma loja possui vidros mais. Milhares de tendas da Afad, a agência de desastres turca, espalham-se onde há espaço livre. Não há água nem energia. As pessoas se aquecem queimando madeira retirada das casas. Dezenas de equipes trabalham a cada cem metros, com tratores, escavadeiras. As ambulâncias se revezam quando há corpos.

No começo da tarde, surge a notícia de que uma pessoa foi encontrada viva em uma das escavações próxima à entrada da cidade. Será possível, após cinco dias enterrado? A equipe usa ferramentas que abrem concreto e cortam os vergalhões usados nas construções. Cerca de 40 pessoas sobem em uma montanha de detritos para tentar ver melhor a retirada. Há uma faixa que impede os curiosos de entrar.

Um bombeiro abre um cobertor metálico dourado e cobre o homem. Logo depois, ele é levado de maca até a ambulância. Descobrimos depois que não é um turco, mas um sírio de 55 anos, pai de seis crianças. A primeira coisa que ele pediu quando o resgate chegou até ele foi um cigarro.

Antes dele, os filhos já haviam sido retirados. Todos mortos. Todos, no entanto, aferram-se à vida salva. "Deus é bom", gritam os socorristas, assim que a porta da ambulância é fechada. "Deus é bom", respondem todos que acompanham. O mantra é repetido e respondido mais duas vezes.

Uma senhora que não teve forças para se levantar e acompanhar o salvamento está sentada em uma cadeira de plástico. Ela é entrevistada por uma jornalista canadense que trabalha para a TV chinesa.

Sua história é curta e imensa: o marido, a filha de 30 anos e mais três crianças de 5, 8 e 13 anos estão enterrados na pilha de escombros atrás dela. Ela toca a pilha vez ou outra.

O socorrista Ihsan Dolor explica que o prédio onde a senhora vivia tinha dez apartamentos. "Estimamos que havia cerca de 40 pessoas quando caiu. Já extraímos 30 corpos." Há entre 600 e 2.000 socorristas atuando em Nurdagi.

O cemitério local não tem mais espaço. Durante o dia, uma procissão fúnebre de carros utilitários chega com cadáveres. Não há caixão para todos. Usam-se lonas ou sacos. Uma escavadeira abre covas.

O governo turco calcula 13,5 milhões de pessoas afetadas de alguma forma pela tragédia, num país de 85 milhões. Na sexta, o ministro do Urbanismo, Murat Kurum, afirmou que são 12.141 o número de edifícios que colapsaram. A cifra, no entanto, deve aumentar à medida que as inspeções continuarem.

De acordo com o Departamento de Engenharia Terrestre da Universidade do Bósforo, que estimou a destruição sofrida pela cidade de Kahramanmaras, com 670 mil habitantes, 2.192 edifícios ficaram completamente destruídos, e 20 mil, de um total de 50 mil, estão inabitáveis.

À imprensa local o governador Mahmut Demirtas disse que "cidadãos benevolentes se mobilizaram". "Chegou um grande carregamento aqui de alimentos e roupas. Equipes de busca e salvamento, além de voluntários, foram mobilizados. Houve uma coordenação sistemática em Nurdagi. Começamos a montar barracas para os nossos cidadãos ficarem. Criaremos áreas onde eles possam ficar com algum conforto."

As casas desses cidadãos, se não caíram inteiras, estão pela metade. Sem paredes, um quarto azul se revela a quem passa numa rua nos limites da cidade. Uma penteadeira, um espelho surpreendentemente inteiro, os travesseiros e o cobertor com motivos florais ainda estão em cima da cama de casal.

No cômodo ao lado, a mesa de jantar ainda tem a toalha posta. Duas poltronas e um sofá imaculados, brancos, resistem e parecem deslocados em meio aos buracos nas paredes.

Fotos Ivan Finotti/Folhapress

1 Prédio destruído na cidade turca de Nurdagi, onde estima-se que metade da população esteja desaparecida **2** Interior de residência colapsada após terremoto que atingiu a Turquia e a Síria **3** Almofada em formato de coração de moradores do vilarejo afetado pelo sismo

País reabre fronteira com a Armênia pela 1ª vez em 35 anos

A passagem de cinco caminhões com ajuda para as vítimas do sismo, neste sábado (11), levou à reabertura da fronteira entre Turquia e Armênia, países com longo histórico de conflitos.

'Ouvimos gritos sob os escombros, mas não dá para salvar todos', afirma Capacete Branco

Dani Avelar

SÃO PAULO Socorristas que atuam em áreas controladas por rebeldes na Síria relatam impotência na tentativa de resgatar sobreviventes após o terremoto de magnitude 7,8 que atingiu o país e a Turquia.

"Dá para escutar as pessoas gritando debaixo dos escombros, mas não temos combustível e equipamentos suficientes para salvar todos", afirma à **Folha**, por chamada de vídeo, Ammar al-Salmo, coordenador dos Capacetes Brancos na província de Aleppo.

O tremor deixou mais de 28 mil mortos na Síria e na vizinha Turquia. Para além das dificuldades impostas pelo conflito na região, os socorristas têm enfrentado frio e neve para fazer o trabalho.

Na maior parte da Síria, o socorro pós-sismo tem sido tocado pelo regime do ditador Bashar al-Assad. Já na Turquia, que concentra a maior parte das mortes, quem lidera os esforços é o governo de Recep Tayyip Erdogan.

Já a região noroeste da Síria é controlada por grupos rebeldes e organizações jihadistas que lutam na guerra civil no país, iniciada em 2011. A área não tem recebido ajuda humanitária de nenhum lado, segundo Salmo. Apenas na sexta o regime sírio aprovou a chegada de auxílio a zonas fora do controle da ditadura, em cooperação com a ONU, o Crescente Vermelho turco e a Cruz Vermelha internacional.

"Do regime sírio não esperamos nada, eles não se importam com a vida dos sírios. A ONU tampouco deu uma resposta eficaz", afirma. "A fronteira está aberta, estamos recebendo corpos de sírios refugiados na Turquia que morreram no terremoto. Mas não recebemos nenhuma ajuda humanitária até agora."

> Do regime sírio não esperamos nada, eles não se importam com a vida dos sírios. A ONU tampouco deu uma resposta eficaz
>
> **Ammar al-Salmo**
> coordenador dos Capacetes Brancos em Aleppo

Os Capacetes Brancos atuam no resgate de vítimas de bombardeios do regime sírio e de forças da Rússia, aliada de Assad no conflito. O grupo, de acordo com Salmo, conta com cerca de 2.000 voluntários.

No momento do terremoto, Salmo estava num escritório dos Capacetes Brancos, em um prédio com estruturas reforçadas. Mas quatro socorristas da organização morreram na tragédia, conta ele. "Ninguém está totalmente a salvo. Todos fomos afetados."

Ele ainda tem esperança de encontrar pessoas atingidas pelo sismo com vida. "Já fizemos resgates até 72 horas após bombardeios, mas depois desse período as chances de encontrar sobreviventes diminuem consideravelmente. Estamos trabalhando sem parar."

Salmo afirma que, para além da ajuda emergencial para realizar os resgates, será necessário apoio de longo prazo para reconstruir a infraestrutura da região. "Já são 12 anos de sofrimento devido à guerra. Os sobreviventes do terremoto estão exaustos."

Equador mergulha em tensão

Derrota de Lasso em plebiscito revela insatisfação com avanço do narcotráfico

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da **Folha** em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

A crise política que se manifesta no Peru agora atinge também o Equador.

Embora não tenha havido, por enquanto, uma explosão de manifestações de rua, o país andino mergulha num ambiente de tensão que opõe o presidente, o direitista Guillermo Lasso, ao Congresso e à parte importante da sociedade, como organizações indígenas e sindicatos. Há, ainda, seu arquirrival, o ex-mandatário esquerdista Rafael Correa, que, condenado por corrupção, comanda do exterior a oposição.

Lasso vem amargando queda de popularidade —tem hoje 16% de aprovação, segundo o instituto Market— devido principalmente à deterioração da segurança e à difícil recuperação econômica no pós-Covid. A pobreza no Equador atinge 25% da população, e mais de 70% dos trabalhadores são informais.

Nos últimos anos, o país atraiu cartéis internacionais de drogas. Como consequência, terminou 2022 com recorde de assassinatos, 4.539, mais do que o dobro do ano anterior, 2.048. Às rebeliões nos presídios que já causaram quase 500 mortes somam-se homicídios cometidos por facções criminosas. Também se tornaram comuns os sequestros e os episódios de extorsão.

A taxa de homicídios está em 25 casos a cada 100 mil habitantes, segundo a ONG Insight Crime, cifra superior à de países com problemas crônicos de violência.

Para tentar se fortalecer politicamente, Lasso convocou os equatorianos às urnas para propor a alteração de oito pontos da atual Constituição, promulgada em 2008, na gestão de Correa. A consulta incluía propostas para reduzir o número de congressistas, o que aumentaria o poder do Executivo e diminuiria a representação de províncias menores, a introdução do mecanismo de extradição de criminosos aos EUA e uma regulamentação mais rígida para a criação de partidos políticos. Lasso também propôs acabar com instrumentos de participação cidadã que se tornaram destaques da Constituição correísta.

A derrota de Lasso foi arrasadora. O "não" venceu em todas as oito perguntas. No mesmo pleito, houve votações para prefeitos e governadores, em que o CREO, partido do presidente, perdeu os principais redutos eleitorais do país, como Quito e Guayaquil, para nomes da sigla de Correa.

O Executivo agora está mais isolado, com um Congresso dominado pela oposição e um movimento indígena que volta a se organizar. Em 2019, o Equador viveu protestos liderados por esse setor da população, em semanas de medo e tensão detonadas pelo aumento no preço dos combustíveis.

À época, o então presidente, Lenín Moreno, depois de jornadas de repressão, acabou recuando da decisão. O acordo a que chegou, porém, era frágil e tampouco tocou em questões importantes para os indígenas, como a demanda por maior representatividade política, a diminuição da exploração mineradora em suas terras e a proteção de fontes de água, entre outros.

Analistas veem no atual cenário a possibilidade de um novo "estallido", uma explosão social.

Os indígenas e a população rural são os que mais sentem o avanço do narcotráfico e a deterioração da economia. Tudo indica que Lasso terá dois anos difíceis adiante. Agora, as demandas contundentes dos protestos de 2019 são mais numerosas, o que pode levar a uma nova onda de manifestações.

| DOM. Sylvia Colombo | **SEG. David Wiswell** | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick

Boric sofre com baixa aprovação próximo de chegar a 1 ano no poder

Marcado por rejeição à nova Constituição, presidente do Chile enfrenta crise na segurança e crescimento da direita

Clara Balbi

SÃO PAULO Prestes a completar um ano como presidente do Chile, Gabriel Boric, 37, equilibra-se numa corda bamba.

De um lado, o mais jovem líder da história do país recorre cada vez mais à esquerda tradicional que criticava à medida que os setores progressistas que o ajudaram a se eleger se mostraram despreparados para governar. De outro, a direita, que ganhou força com a rejeição em plebiscito da proposta de uma nova Constituição, vem retomando seu lugar na política a ponto de ameaçar a governabilidade do presidente.

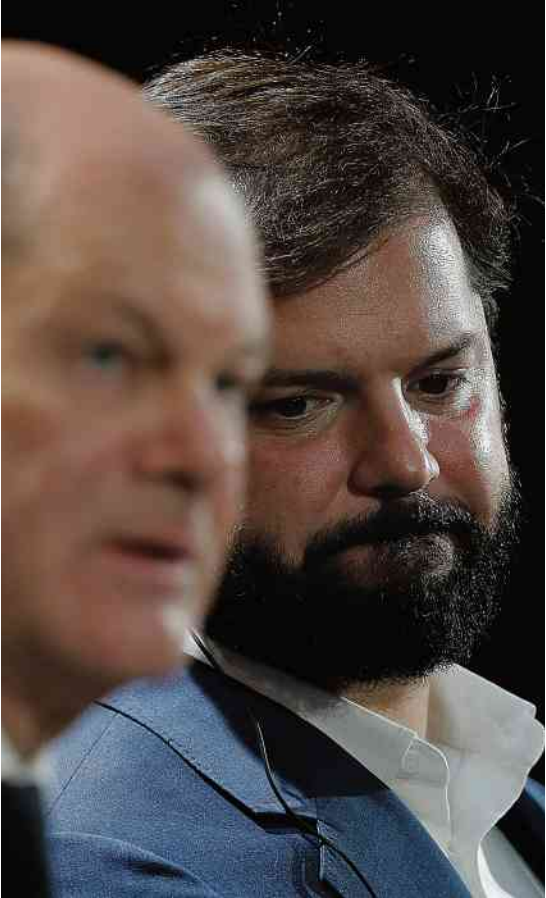
A solução de Boric tem sido caminhar pelo centro, uma guinada que, lembra Fabricio Pereira da Silva, professor de ciência política da Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), vem desde os atos que mobilizaram o país em 2019 e permitiu que ele se colocasse como um presidenciável viável.

Mesmo assim, para os chilenos, tropeços têm sido mais frequentes que acertos. O mais recente deles ocorreu em dezembro, quando indultou 12 condenados por crimes cometidos na onda de manifestações.

Ainda que fosse uma promessa de campanha, a decisão custou a Boric seu chefe de gabinete e mais uma ministra e levou o líder esquerdista a atingir seu pior nível de popularidade até aqui: seu governo foi reprovado por 70% dos chilenos nas duas primeiras semanas de janeiro, segundo pesquisa do Cadem.

Simón Escoffier, professor da Pontifícia Universidade Católica do Chile, define os perdões como "um grande erro", sobretudo pelo momento em que se deram. Às portas de concedê-los, Boric negociava com siglas ao centro e à direita um pacote de leis para ajudar a controlar a crise de segurança pública no país.

Mas os indultos, que incluíram a soltura do ex-guerrilheiro José Mateluna Rojas, condenado por assalto a banco em 2013 num processo muito controverso, fizeram com que o bloco interrompesse os diálogos.

A crise na segurança é hoje, aliás, o maior dos problemas do presidente. Dados da Fundação Paz Cidadã mostram que o "índice de temor", que mede a percepção de insegurança pública entre os chilenos, atingiu no ano passado 28%, a maior cifra desde 2000.

Boric em pronunciamento com o premiê alemão, Olaf Scholz, no Palácio de La Moneda, em Santiago Javier Torres - 29.jan.23/AFP

Embora a sensação de insegurança seja grande, dados indicam que o número de delitos em si não aumentou tanto assim e é ainda menor do que os dos anos pré-pandemia. O que tem ocorrido é um incremento de crimes violentos, algo a que o Chile não está acostumado.

No primeiro semestre de 2022, a quantidade de homicídios no país aumentou 28,7% em relação ao mesmo período de 2021, de acordo com a Subsecretaria de Prevenção ao Delito.

Especialistas creditam o fenômeno ao surgimento de crimes "importados" do resto da América Latina, como assaltos a mão armada em plena luz do dia e mortes por encomenda. Silva, da Unirio, pondera que há também uma campanha na mídia conservadora para explorar os episódios de violência.

"Parece um eterno programa do Datena", afirma, acrescentando que muitas vezes essas atrações policialescas misturam crimes comuns e atos de vandalismo em protestos. "Todos os crimes são explorados assim, e eles demandam do governo: 'O que que vocês vão fazer?', 'vocês apoiam delinquentes, movimentos terroristas'."

O resultado tem sido um fortalecimento da direita que, segundo Escoffier, não só tem começado a copiar táticas digitais usadas por suas contrapartes em países como Brasil ou Argentina, como se apossa cada vez mais do processo para formular uma nova Constituição, reiniciado no final de 2022.

"O processo foi extremamente cooptado pelos partidos políticos, que viram isso como uma chance de excluir a população", afirma o sociólogo, acrescentando que mesmo na imprensa o tema perdeu espaço. Ao mesmo tempo, acrescenta ele, a proposta está gradativamente perdendo do apoio público. Pesquisa do CEP (Centro de Estudos Públicos) mostra que a porcentagem de chilenos que acreditam que a nova Carta pode resolver os problemas do país foi de 56% em 2019 para 37% em 2022.

Ambos os pesquisadores avaliam que a rejeição da proposta de Constituição no ano passado foi a maior derrota da gestão esquerdista. Silva argumenta que o ideal para o presidente é que o processo termine o mais rapidamente possível —ainda que seja algo pouco realista. "Parece-me que o governo Boric vai ficar enrolado com isso até o final, sem conseguir governar propriamente", diz.

Escoffier é outro a afirmar que os arranjos para a Constituinte atravancam o governo. Muitas das promessas de campanha do presidente tinham como pré-requisito uma estrutura institucional diferente.

Além disso, as negociações acerca do novo documento têm drenado seu poder de barganha —muitas vezes, quando a esquerda quer fazer valer seu ponto de vista acerca de algum aspecto do texto, a direita procura compensações fora desse âmbito. "O processo constitucional costumava ser visto como um bastião pelo governo, algo que daria poder a ele. Agora, é um passivo de risco", resume Escoffier.

O pesquisador chileno não concorda totalmente com a avaliação de que o melhor é que o processo constitucional se encerre de uma vez. Para ele, Boric quer aprovar a proposta para ser o presidente que capitalizou politicamente em cima dela, não importa o resultado. Mas se a nova Carta for muito convencional, como caminha para ser, o presidente não teria ganhos políticos, mas perdas.

"Se for assim, a imagem do governo será danificada, e a direita, que não está no poder agora e portanto não pode ser tão responsabilizada, sairá empoderada."

Caça dos EUA derruba objeto que sobrevoava Canadá, em 3º caso em 7 dias

SÃO PAULO O primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, afirmou ter ordenado a derrubada de um objeto não identificado que sobrevoava o país neste sábado (11). O Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte abateu o artefato, que no momento da queda estava em Yukon, no noroeste do território.

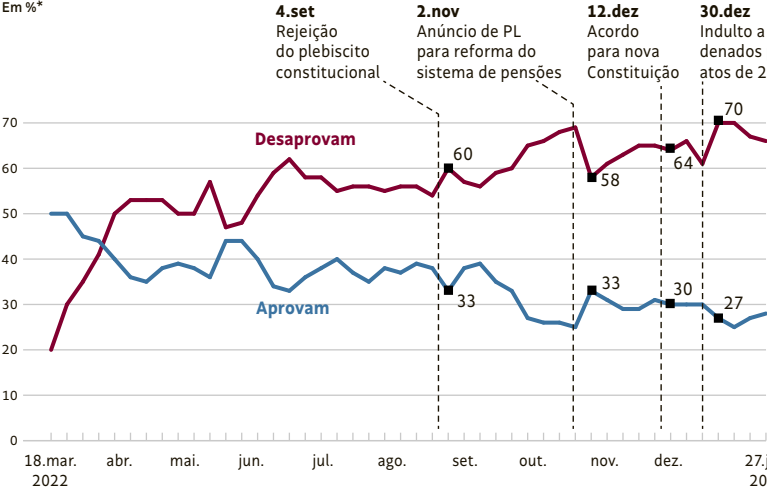
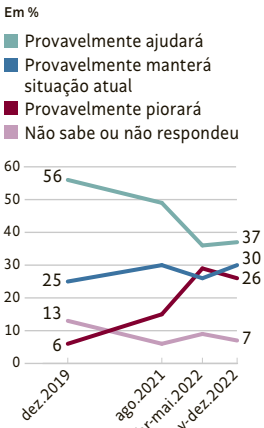
"Caças canadenses e americanos foram designados, e um F-22 dos EUA disparou com sucesso contra o objeto", disse o premiê. "Falei com Biden à tarde. Agora, as Forças do Canadá vão recolher e analisar os destroços."

Trata-se do terceiro caso do tipo na região neste mês. Na semana passada, Washington abateu, também com um caça, um balão chinês que sobrevoava a Carolina do Sul. Antes, o item passou por Billings, no estado de Montana, onde fica uma base militar com silos de mísseis balísticos intercontinentais. Para os EUA, o item servia a espionagem; para Pequim, o objeto realizava pesquisas, sobretudo meteorológicas.

Na sexta (10), um segundo objeto de alta altitude que sobrevoava o território americano foi derrubado. De acordo com o governo americano, o item, que passava pelo estado do Alasca, foi detectado na noite de quinta-feira (9) e voava a 12 km de altitude —por isso, trazia riscos à aviação civil.

Os casos elevaram as já acirradas tensões entre China e EUA e resultaram no adiamento da visita do secretário de Estado americano, Antony Blinken, responsável pela diplomacia americana, a Pequim.

Uma série de episódios recentes contribuiu para deteriorar as relações sino-americanas. A expansão da presença militar dos EUA no Sudeste Asiático, criticada pelos chineses, por exemplo, acontece de forma simultânea às ameaças da China contra Taiwan, ilha que Pequim considera uma província rebelde.

Depois que o balão chinês foi derrubado, Pequim disse ter recusado um telefonema do secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, que queria falar com seu homólogo chinês, Wei Fenghe, para discutir o incidente. A China justificou a decisão dizendo que a atitude americana foi irresponsável e não criou um clima "propício ao diálogo".

Manifestante em Nantes exibe cartaz com a frase 'aqui jaz minha pensão' durante ato neste sábado (11) contra projeto de reforma da Previdência Sebastien Salom-Gomis/AFP

> [Na reforma proposta pelo governo] as mulheres terão de trabalhar dois anos a mais, sendo que já desempenham mais funções não remuneradas durante a vida do que os homens
>
> **Kenza Ezzemzemi**
> servidora pública e membro da aliança de movimentos sociais Revolução Permanente

Feministas denunciam 'reforma sexista' de Macron para pensões

Greves gerais e atos contra proposta do governo francês mobilizam mulheres

Fernanda Mena

TOULOUSE (FRANÇA) "Reforma sexista, greve feminista", dizia o cartaz exibido pela servidora pública Kenza Ezzemzemi, 24, no último dia 7, em Toulouse, no sul da França, durante a terceira jornada de manifestações e greve geral contra a proposta de reforma da Previdência do governo de Emmanuel Macron.

O projeto, apresentado no início de janeiro pela primeira-ministra Elisabeth Borne e que agora passa pelas comissões do Parlamento sob forte resistência dos partidos de centro e de esquerda, pretende aumentar a idade mínima para a aposentadoria, de 62 para 64 anos, até 2030. A reformulação quer também prolongar os anos de contribuição, de 42 para 43 anos, já em 2027 para que se tenha acesso a uma pensão integral.

Nos atos da terceira onda de mobilização desde o anúncio de Borne, foram grupos feministas que abriram as passeatas com cartazes como o de Kenza, gritos de guerra e paródias de hits da música pop que falam sobre baixos salários, trabalho doméstico, patriarcado e igualdade e anunciam: "C'est la greve feministe!" (é uma greve feminista).

"As mulheres terão de trabalhar dois anos a mais, sendo que já desempenham mais funções não remuneradas durante a vida do que os homens", diz Kenza, que afirma ser parte da aliança de movimentos sociais Revolução Permanente. "Se olharmos por essa perspectiva, a reforma é ainda mais injusta."

Ela se refere a cuidados com a casa, filhos e pessoas idosas, desproporcionalmente desempenhados por mulheres na França, assim como no Brasil. Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos (Insee), enquanto 7% dos homens inativos afirmam estar sem trabalho formal por motivos familiares ou por executarem trabalhos domésticos, entre as mulheres inativas esse percentual é de 54%.

Esse dado está refletido na taxa de emprego de 2021, que também aponta para a disparidade de gênero. As francesas atingem o pico na faixa entre 35 e 40 anos, quando 88% dos homens estão empregados, contra 76% das mulheres.

Para a professora Delphine Lannes, 46, o fato de as mulheres tirarem licença-maternidade ou interromperem o trabalho temporariamente para cuidar dos filhos torna impossível o pagamento das cotas necessárias à aposentadoria integral. "Queremos algo mais justo e que partilhe a riqueza que, de uma maneira ou de outra, ajudamos a produzir."

A assistente social Alina Rubio, 65, ilustra a observação da professora. Apesar de já ter idade para se aposentar segundo a regra ainda vigente, ela ainda não conseguiu cumprir as cotas de contribuição necessárias para receber o benefício integral. "Tive dois filhos, tirei licenças, trabalhei meio período por muito tempo. Agora, venho aqui por meus filhos e netos", diz.

A reforma da dupla Macron-Borne parece espelhar ou mesmo aprofundar as desigualdades de gênero na sociedade francesa. Hoje, as mulheres recebem pensão média de € 1.274 por mês, 24% menos que os homens (€ 1.674). Isso porque as mulheres ganham, em média, salários 16% menores do que os homens.

Elas são maioria em atividades menos valorizadas dos setores de educação, saúde e limpeza e também estão desproporcionalmente presentes nos trabalhos de meio período –28% das mulheres contra 8,3% dos homens têm esse tipo de arranjo de trabalho.

Um estudo de impacto sobre a proposta de reforma da Previdência apontou que as mulheres serão mais penalizadas pelo projeto. Enquanto os franceses terão que trabalhar cinco meses a mais para se aposentar segundo as novas regras propostas, as francesas precisarão de sete meses.

Quando questionado sobre o assunto, o próprio ministro das Relações com o Parlamento, Franck Riester, um tanto envergonhado, admitiu diante do Senado, na semana passada, que "elas são, de certa forma, penalizadas pelo adiamento da idade legal". "Isso não se pode negar."

A primeira-ministra correu para consertar a situação. "Não posso deixar que se diga que nosso projeto não protegeria as mulheres. Pelo contrário", disse. Em uma tentativa de apagar o fogo, Borne propôs que pessoas em carreira longa, ou seja, que começaram a trabalhar antes dos 21 anos, possam antecipar a aposentadoria para os 63, não 64. Trata-se de uma medida que não fazia parte do primeiro texto proposto.

"A diferença entre as mulheres trabalhadoras organizadas e Borne é que ela é uma mulher burguesa, que não precisa se submeter a trabalhos violentos e mal pagos", diz Rozenn Kovol, 21, do coletivo feminista De Pão e de Rosas. "Essa é uma reforma antifeminista e patriarcal", afirma ela, antes de pegar seu megafone e puxar o coro de uma versão de "Freed from Desire", canção de Gala Rizzatto, rebatizada como "Sem a gente, o mundo para" por um grupo feminista de Rennes, no norte da França.

A letra, que se tornou um dos hinos do protesto, diz: "Nosso trabalho, assalariado ou quase de graça, faz o capitalismo perdurar. Antes da corveia, é tempo de bloquear tudo. Revoltar-se! E isso vai explodir".

Coruja exótica escapa de zoológico e vira celebridade no Central Park

Leonardo Stamillo

NOVA YORK "O que as pessoas estão vendo? Ah, é uma coruja!" "É muito grande para ser uma coruja. Deve ser uma águia!" "Eu não estou vendo nada!" "Bem no alto da árvore. Mais para cima! Viu?"

O diálogo ocorreu entre curiosos que se aproximavam de um grupo de fotógrafos tentando um registro da mais nova celebridade do Central Park: Flaco, a coruja Bufo-real que escapou do zoológico do parque. Na tarde do último dia 2, funcionários perceberam que a coruja tinha desaparecido. A trama de metal que a mantinha em seu espaço no zoo havia sido cortada.

Poucas horas depois, a polícia de Nova York, que investiga o incidente no zoológico como vandalismo, recebeu um chamado: Flaco estava na Quinta Avenida, uma das vias mais famosas da cidade.

"Quando cheguei, a polícia tinha isolado a esquina com a rua 60ª. A coruja estava na calçada, assustada", disse o programador Edmund Berry. "Depois de um tempo, os policiais disseram que tentariam pegá-la, mas a coruja acabou voando no sentido do Central Park."

Berry faz parte da comunidade de observadores de pássaros de Nova York. Ele foi um dos primeiros a compartilhar uma foto do animal nas redes.

A Bufo-real é uma das maiores corujas do mundo, podendo chegar a quase dois metros de envergadura e pesar até 5,5 kg. É mais comumente encontrada na Europa, na Ásia e no norte da África. A notícia de que a coruja estava desaparecida se espalhou rapidamente entre os observadores de pássaros, que, desde então, estão mobilizados para fazer registros de Flaco enquanto a coruja explora Nova York.

Locais em Nova York onde a coruja Flaco foi avistada

Dados cartográficos: Google Maps

Depois de escapar da polícia na Quinta Avenida, o bicho foi visto na Fonte Pulitzer, perto do tradicional hotel The Plaza, onde provavelmente passou sua primeira noite fora do zoológico. Na manhã seguinte, a coruja voltou para dentro do Central Park e ficou quase o dia todo em uma árvore no Santuário Hallet.

O frio de -15ºC não foi suficiente para desanimar os observadores. "Estava tão frio que o produto que uso para limpar as lentes da câmera congelou!", disse o fotógrafo amador Suresh Easwar, que regressou no mês passado de uma viagem para a Índia, onde tentou, sem sucesso, fotografar uma coruja semelhante à Bufo-real: "Foi muito irônico voltar à Nova York e poder fazer a foto literalmente no quintal da minha casa".

Apesar do interesse em fazer fotos ou apenas observar Flaco livre, as pessoas que têm acompanhado a coruja estão preocupadas com a segurança dela.

Pode parecer contraditório, mas voltar ao seu espaço restrito no zoológico pode ser a melhor opção. De acordo com um porta-voz da Wild Bird Fund, ONG que cuida da reabilitação de aves em Nova York, animais criados em zoológicos acabam perdendo instintos de sobrevivência e precisam de ajuda para comer e evitar acidentes com outros animais ou no ambiente da cidade.

Flaco, a coruja Bufo-real que escapou do zoológico do Central Park, em Nova York Manhattan Bird Alert via The New York Times

O ambiente urbano pode ser desafiador até mesmo para corujas selvagens. Há quase dois anos, uma coruja-barrada morreu no Central Park, após ser atingida por um carro da equipe do parque. Barry, como acabou ficando conhecida, foi adotada como mascote da cidade.

"Além de linda, Barry tinha muita personalidade", lembra o fotógrafo Lei. Uma autópsia constatou que Barry estava intoxicada por veneno contra ratos, uma das principais presas de corujas. Como se sabe, não faltam ratos em Nova York.

Para evitar que Flaco também acabe intoxicado, funcionários do zoológico têm deixado comida por onde ele passa. As tentativas de resgate acontecem à noite, quando as corujas são mais ativas. Nessa semana, Flaco apareceu numa árvore perto do zoo; passou dois dias na região e depois voltou ao Santuário Hallet. A Bufo-real não parece pronta para voltar ao confinamento.

mercado

Sacos com 1 ton de café em silo; retirada da Conab do Ministério da Abricultura irritou setor Paulo Whitaker - 10.dez.2015/Reuters

Ações de Lula irritam agro, e relação com o PT patina

Governo afirma, porém, que vem melhorando imagem do país no exterior

Matheus Teixeira e Thiago Resende

BRASÍLIA A atuação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no início do governo não tem agradado a grande parcela do agronegócio. Já integrantes do governo dizem que o setor tem registrado avanços —especialmente no mercado internacional.

De um lado, produtores rurais reclamam de um esvaziamento do Ministério da Agricultura, de outro, o governo faz acenos frequentes à causa ambiental. Os conflitos dificultam ainda mais pavimentar o caminho para uma reconciliação de Lula com um setor fortemente influenciado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Já era aguardada pelo agronegócio uma gestão que desse mais prioridade à preservação do ambiente em relação à anterior, mas a expectativa era que o mandatário se empenhasse mais na missão de fortalecer pontes com o setor.

É comum em todos os governos a existência de disputas internas entre os ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura. Esse foi um dos principais motivos, por exemplo, do pedido de demissão de Marina Silva da pasta ambiental em 2008, quando, entre outras situações, entrou em rota de colisão com colegas por ser contra a ideia de flexibilizar a restrição de crédito agrícola a quem desmatou sem licença ambiental e sem registro da propriedade.

Em seu terceiro mandato, Lula dá sinais de que não pretende correr o risco de perder mais uma vez Marina, que voltou à chefia da pasta 15 anos depois.

Nessa linha, o presidente fortaleceu os ministérios do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Agrário e enfraqueceu o da Agricultura.

A pasta responsável por dialogar com o agronegócio perdeu o comando de diversas áreas em relação ao último governo —como a estatal Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), a pesca (que virou um ministério) e o cooperativismo.

A função do ministério, agora, ficou mais voltada à fiscalização da produção de alimentos e à política agrícola.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário, por sua vez, foi recriado e fortalecido. A pasta responde pela questão das cooperativas, pela Conab e pelo Sistema de Gestão Fundiária, que estava no Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Para a chefia da pasta do Desenvolvimento Agrário, foi escolhido o deputado federal eleito pelo PT Paulo Teixeira (SP).

Na Conab, o petista nomeou o ex-deputado estadual e candidato a governador em 2022 do Rio Grande do Sul Edegar Pretto, que tem uma ligação histórica com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Ao tomar posse, Pretto afirmou que a empresa vai retomar os estoques públicos de alimentos para combater a fome e estabilizar os preços. "Durante o último governo, essas políticas foram abandonadas, e isso contribuiu enormemente para o aumento do preço dos produtos da cesta básica", disse.

Integrantes do Ministério da Agricultura e da bancada ruralista se aliaram para tentar reduzir o enfraquecimento da pasta. Isso pode ser feito com articulação política no Congresso

Segundo políticos ligados ao agronegócio, a força do chefe do Desenvolvimento Agrário no governo ficou clara numa reunião recente sobre a estiagem no estado gaúcho.

O encontro ocorreu no Ministério de Agricultura, que historicamente tratou do tema e é chefiado pelo senador licenciado Carlos Fávaro —mas quem conduziu a reunião foi Teixeira.

Ruralistas também reclamam de o ministro do Desenvolvimento Agrário ter afirmado, em entrevista à **Folha**, que os títulos dados por Bolsonaro a assentados são "papel de pão" e não têm valor jurídico.

Isso sinaliza que ele considera nula a principal ação da gestão anterior na área de reforma agrária, a distribuição de títulos de propriedade para assentados.

Outra crítica do setor é que o Cadastro Ambiental Rural saiu do Ministério da Agricultura e foi para o Ministério do Meio Ambiente, o que gera temor de que a pasta de Marina Silva possa dificultar o acesso dos produtores ao programa de regularização ambiental.

Integrantes do governo dizem que as medidas adotadas por Lula mudaram a imagem do Brasil no exterior e isso tem gerado avanços na área.

O governo tem ressaltado que, logo no primeiro mês, a China habilitou mais 25 frigoríficos brasileiros a exportarem para o país. A Indonésia, por sua vez, habilitou 11 frigoríficos brasileiros de carne bovina.

Enquanto isso, Lula retomou uma agenda de relações bilaterais com a Alemanha, maior economia da Europa, e um dos principais agentes para destravar o acordo do Mercosul com a União Europeia.

Para integrantes do Ministério da Agricultura, o principal desafio será continuar mostrando que o governo terá uma atuação implacável com o desmatamento ilegal e que a agenda sustentável tem ganhado cada vez mais espaço.

Depois de visitar a Argentina, Uruguai e os Estados Unidos, Lula deve ir à China, principal parceiro comercial do Brasil.

Apesar da aproximação com países consumidores de produtos brasileiros, ruralistas ainda são céticos em relação ao efeito da imagem de Lula e Marina para o agronegócio no exterior.

Empresários do setor estão concentrados ainda em questões internas e dizem que a atuação de Lula neste ano não condiz com a condução da campanha petista no ano passado.

Devido à grande influência bolsonarista, o agronegócio foi eleito como um dos principais desafios do então candidato à Presidência da República. Para criar pontes com o setor, Lula se aproximou do ex-deputado Neri Geller e de Fávaro. Ambos passaram a ser os responsáveis por tratar de agronegócio com Lula e por reduzir a resistência ao petista entre os produtores rurais e entidades da área.

Uma vez eleito, Lula nomeou Fávaro ministro, mas frustrou o movimento de Geller para se tornar chefe da Conab.

Tensão na relação

Críticas do agro
- Conab e Incra saíram do Ministério da Agricultura para MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário)
- Ministro do MDA sinalizou anular títulos dados por Bolsonaro a assentados
- Cadastro Ambiental Rural foi para o Ministério do Meio Ambiente

Avanços no front internacional
- Indonésia habilitou 11 frigoríficos brasileiros de carne bovina para exportar para o país
- China habilitou mais 25 frigoríficos brasileiros a exportarem
- Reuniões bilaterais entre Brasil e Alemanha, maior economia da Europa

Agro não vai pagar conta da reforma tributária, diz líder da bancada

ENTREVISTA PEDRO LUPION

Thiago Resende e Danielle Brant

BRASÍLIA O presidente da bancada ruralista, deputado Pedro Lupion (PP-PR) disse que o início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deu sinais ruins para o agronegócio e que o setor não vai pagar a conta de um eventual aumento de impostos após a reforma tributária.

"Eu acho que as demonstrações do governo nesse primeiro mês não foram nem um pouco positivas para o agro. Isso nos preocupa. Essa questão [do esvaziamento] do ministério [da Agricultura] ficou muito ruim."

Lupion ainda criticou a postura de Lula nas críticas ao presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, embora pondere que juros baixos são positivos.

"Isso [tom de Lula] gera uma uma tensão no mercado completamente desnecessária, o risco Brasil aumenta. Isso aumenta custo."

Ele vê com preocupação uma das principais prioridades de Lula na área econômica, a simplificação do sistema tributário brasileiro. Entre os temores, o futuro da Lei Kandir —que isenta produtos exportados do estadual ICMS.

"Acho que essa conta não pode ser paga pelo agro e não vamos deixar isso acontecer."

*

Quantos deputados e senadores a FPA [Frente Parlamentar da Agropecuária] reúne atualmente? Tenho que ver o número mais recente, mas acredito que estamos próximos dos 300. Isso representa um aumento em relação à legislatura anterior, principalmente no Senado.

Nós já começamos a sentir um envolvimento muito maior dos senadores com a nossa bancada. Então acho que a gente vai conseguir destravar as pautas. Nos últimos quatro anos nós conseguimos avançar muito a nossa pauta na Câmara, mas no Senado encontramos uma barreira bem complicada.

Quais projetos? Estão parados no Senado os projetos de licenciamento ambiental, a regularização fundiária e a nova lei de defensivos.

O projeto de defensivos agrícolas ficou conhecido como "PL do Veneno" antes de algumas alterações na Câmara. Aliados ruralistas do governo defendem a versão mais recente da proposta, mas a ala ambientalista resiste. Isso realmente tem chance de avançar? É uma questão de narrativa. O objetivo nada mais é do que modernizar o setor de licenciamento de defensivos agrícolas. Não é retroceder. É modernizar.

A gente precisa ter produtos modernos, moléculas modernas que fazem com que a gente tenha menos aplicações com produtos que deixam menos resíduos e que a gente consegue ter uma eficiência maior. Eu vi produtos nos Estados Unidos que estão dez anos na nossa frente. Tem produtos que a gente está tentando licenciar aqui no Brasil que eles já não usam mais e estão obsoletos.

Qual a avaliação da bancada em relação às mudanças feitas neste governo? O Ministério da Agricultura tem um histórico muito bom mesmo nos governos do PT, ao qual ideologicamente somos contrários. O ministro [Carlos] Fávaro é extremamente bem intencionado.

O que nos preocupa hoje é como ficou essa reorganização dos ministérios. O Ministério da Agricultura infelizmente ficou muito enfraquecido. Não tem sentido nenhum essa história da Conab [a estatal Companhia Nacional de Abastecimento] no MDA [Ministério do Desenvolvimento Agrário]. Não há qualquer tipo de negociação em relação a isso. A gente precisa que isso [voltar a Conab para a Agricultura] aconteça.

Há outros pontos? Nos preocupa muito a questão da agricultura familiar.

No último Plano Safra, 70% das contratações foram para agricultura familiar. Não é aquela agricultura familiar de subsistência. A grande agricultura familiar no Brasil é um negócio, está inserido no mercado.

O objetivo do MDA não é agricultura como negócio. O objetivo do MDA é a questão social da agricultura. A agricultura familiar não é uma política social, hoje é um negócio, é uma relação comercial.

O agronegócio apoiou majoritariamente Bolsonaro, e havia receio em relação a como seria o governo Lula. Como o setor está vendo esses primeiros 30 dias? Eu acho que as demonstrações do governo nesse primeiro mês não foram nem um pouco positivas para o agro. Isso nos preocupa.

Essa questão do ministério ficou muito ruim. A fala do ministro [do Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira, de que títulos dados por Bolsonaro a assentados são papel de pão e não têm valor jurídico] foi muito ruim. É uma sinalização horrível para nós.

O próprio MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra] tem feito sinalizações extremamente negativas.

Existem sinalizações positivas por parte do ministério da Agricultura, existem sinalizações negativas por parte do MDA.

Continua na pág. A16

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Luiz Fernando Figueiredo

Esperar para discutir meta de inflação é contraproducente

SÃO PAULO O conflito do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contra o Banco Central deve perder temperatura nos próximos dias, segundo as previsões de Luiz Fernando Figueiredo, ex-diretor do Banco Central e presidente do conselho da Jive Investments.

Ele avalia que os sinais dados pelos ministros Fernando Haddad (Fazenda), Simone Tebet (Planejamento) e Alexandre Padilha (Relações Institucionais) tenham ajudado a acalmar os ânimos, mas a crise já deixou impactos.

Diante do ponto a que se chegou, Figueiredo defende que se antecipe o debate sobre revisão da meta de inflação. "Essa discussão tomou um calor e uma dimensão muito grande. Eu acho que esperar até junho é contraproducente. Se é para discutir, se discute já e se define já", diz.

*

Qual foi o saldo dessa escalada retórica de Lula contra o BC durante a semana? O saldo foi uma elevação das expectativas de inflação, o que torna muito mais difícil o trabalho do Banco Central e joga para a frente a possibilidade de queda das taxas de juros.

Para dar uma ideia, antes da discussão sobre responsabilidade fiscal e Banco Central, o mercado já previa uma queda de juros entre abril e maio, ou seja, daqui a dois meses. Só que isso tudo mudou, porque as expectativas subiram muito. Então, o saldo é uma queda na confiança, receio e expectativas de inflação mais alta e, muito provavelmente, uma taxa de juros mais alta.

A fervura deve baixar nas próximas semanas? A minha impressão é que deve baixar. Houve um aceno do Banco Central, do próprio Roberto Campos na ata, dizendo que o ajuste fiscal ajuda a reduzir inflação. Houve uma conversa dele com a ministra Simone Tebet. O Haddad reconheceu que a ata foi mais simpática. Acho que há uma tentativa por parte de Fernando Haddad, Simone Tebet, Alexandre Padilha de convergir e baixar essa temperatura.

Acho que do lado do Roberto Campos, a mesma coisa. Vamos ver se se constrói uma ponte para acalmar, mas vai depender da postura do próprio presidente.

Se o resultado econômico das falas de Lula é tão ruim, qual seria, na sua opinião, o objetivo político? É muito difícil dizer. Existe uma rejeição a tudo o que foi feito pelo governo anterior, em vários assuntos, no trato dos bancos públicos, das empresas públicas, reforma trabalhista, até na da Previdência se falou, lei das estatais e por aí vai.

Nessa mesma linha, por mais que tenha sido algo feito pelo Congresso, ou seja, o Banco Central se tornou formalmente independente pela aprovação no Congresso, o Roberto Campos veio do governo anterior. Então, é mais uma rejeição ao que vem do governo anterior, mesmo que o Banco Central tenha se tornado um organismo de Estado e não mais de governo. Quando ele adquiriu a independência, ele se tornou uma entidade como o Judiciário, as Forças Armadas.

E a ideia de antecipar revisão de meta de inflação teria qual efeito? O processo normal é que na reunião do conselho monetário de junho se discute a meta dois anos à frente. Agora, essa discussão tomou um calor e uma dimensão muito grande. Eu acho que esperar até junho é contraproducente. Se é para discutir, se discute já e se define já. Por que esperar até junho? Os agentes todos vão ficar com receio do que vem pela frente por mais três ou quatro meses. Como essa discussão chegou ao grau que chegou, acho que ela tem de ser discutida já. Se define e pronto.

Se isso acontecer, então talvez ele tenha atingido algum objetivo prático de influência sobre o Banco Central? Talvez sim. Agora, vamos lembrar que no formato que temos no Brasil, o Banco Central cumpre o que foi definido pelo conselho monetário. Então, se o conselho monetário decide uma inflação de 5%, o Banco Central vai perseguir isso. O que ele tem é independência para perseguir uma meta definida pelo conselho monetário do qual o Banco Central é um de três votos.

Questionamento e pressão sempre teve de todos os lados? Como lidar com isso? O modelo de Banco Central independente formalmente é o modelo seguido por todos os países razoáveis no mundo, tando de primeiro mundo como emergentes. Esse é um arcabouço que dá liberdade para eles fazerem o que quiserem, apesar dessa ou daquela pressão.

No meu período no Banco Central, o [ex-presidente] Fernando Henrique Cardoso nos deu total liberdade. Nem ele nem o ministro Malan falavam sobre política monetária em nenhum momento. Agora, essa foi uma liberdade de que foi dada, ou seja, em qualquer momento poderia ser retirada.

Por exemplo, vamos imaginar essa mesma discussão sem ter o Banco Central independente, ou seja, questionamentos da meta, da taxa de juros. Hoje, está em 13,5%. Ia estar em 16% ou 17%. O custo de rolagem da dívida subiu, mas teria subido duas ou três vezes mais. O que está se falando publicamente só não está sendo seguido por causa da formalização da independência do Banco Central.

Há alguns anos, eu escrevi um artigo sobre isso em que eu chamava de Lei de Responsabilidade Monetária. A política vai para um lado ou outro, tem interesses, mas essa decisão tem que ser técnica. Não quer dizer que o Banco Central acerte todas as vezes, mas ao longo do tempo ele vai acertando mais do que errando.

Raio-X
Presidente do conselho de administração da Jive Investments e ex-diretor do Banco Central entre 1999 e 2003, o economista trabalhou em instituições financeiras como Banco BBA, Banco Nacional e JP Morgan. Ele também foi sócio-fundador da Mauá Capital e um dos fundadores da Gávea Investimentos.

Agro não vai pagar conta da reforma tributária, diz líder da bancada

Pablo Valadares/Divulgação Câmara

Pedro Lupion (PP-PR), 39
Formado em publicidade, o paranaense também é empresário e cientista político. Está em seu segundo mandato como deputado federal. Antes, teve dois mandatos de deputado estadual no Paraná. Ele assumiu o comando da bancada ruralista em fevereiro de 2023

Continuação da pág. A15

É óbvio que o grande agro brasileiro, a grande maioria dos produtores rurais brasileiros não apoiou o governo, mas, como diz o ministro Fávaro, a eleição acabou. A gente precisa sobreviver. Isso vai depender de o governo não nos prejudicar, não nos atacar, não acabar com as políticas públicas voltadas para o agro.

O primeiro mandato do governo Lula foi impulsionado pelo ciclo de commodities. Qual o cenário agora? Acho que as commodities agrícolas brasileiras vão continuar sendo a mola propulsora do país, vão continuar sendo a grande maioria da nossa balança comercial. Nós temos uma legislação hoje que facilita a exportação delas.

Temos uma preocupação gravíssima com a reforma tributária. A Lei Kandir é algo essencial para o agro brasileiro. Essa isenção de taxação de exportações faz com que a gente tenha a competitividade que nós temos hoje com os nossos grandes concorrentes —leiam-se Estados Unidos e Europa—, e a gente precisa continuar com isso.

Qual projeto de reforma tributária passa, na sua avaliação? Dentro dessa reforma tributária, nós vamos tratar de IVA [Imposto sobre Valor Agregado, a ser criado a partir da fusão de outros tributos]. Vamos tratar de imposto único, alguém vai ter que pagar essa conta. Essa compensação vai sair de tributo de algum lugar. O Estado não vai perder; como sempre no Brasil, né? Então a gente precisa entender quem vai pagar essa conta.

Acho que não pode ser paga pelo agro e não vamos deixar isso acontecer. Hoje nós temos vantagens de concorrência internacional justamente por causa da legislação vigente. A gente paga e paga bastante imposto. O que a gente tem hoje, uma vantagem, é a questão do ICMS de exportação, que é uma questão da Lei Kandir que a gente precisa manter.

É óbvio que, se houver qualquer tipo de prejuízo, de aumento de taxação ao agronegócio brasileiro, nós vamos reagir frontalmente e temos número para isso.

> **É óbvio que, se houver qualquer tipo de prejuízo, de aumento de taxação ao agronegócio brasileiro, nós vamos reagir frontalmente e temos número para isso**

Qual a sua visão sobre a atuação do presidente Lula e de alguns ministros contra os juros e contra o presidente do BC? O Congresso Nacional aprovou a autonomia do BC justamente para que isso não aconteça. Eu lamento muito, porque isso gera uma tensão no mercado completamente desnecessária, o risco Brasil aumenta. Isso aumenta custo. Então, para nós, isso é muito preocupante.

Agora, é óbvio que controlar juro é positivo. Você ter juro baixo é positivo. Mas você tem que pensar na inflação. Eu prefiro ter juro um pouco mais alto e não ter inflação do que o contrário.

E os juros no setor? No ano passado, o cálculo do Plano Safra foi extremamente difícil porque nós estávamos saindo de uma pandemia, tinha uma dificuldade imensa. Nós temos aquela tarefa de tentar deixar o juro abaixo de dois dígitos para o plano Safra, que é o juro subsidiado. E isso tem um custo gigantesco.

Reforma tributária deve seguir caminho da Previdência para acelerar trâmite

Estratégia busca agilizar a aprovação na Câmara de um texto acordado pelas duas Casas; medida é uma das prioridades de Lula

Danielle Brant e Thiago Resende

BRASÍLIA O grupo de trabalho na Câmara que vai debater a reforma tributária deve contar com um relator do Senado, a exemplo do que ocorreu na reforma da Previdência. A ideia é acelerar a tramitação do texto ao contar, desde o começo das discussões, com a avaliação da Casa vizinha.

Os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), devem se reunir para discutir os detalhes do rito. O alagoano já sinalizou disposição para levar o texto ao plenário em 60 a 90 dias.

Na reforma da Previdência, o relator no Senado, Tasso Jereissati (PSDB-CE), e outros senadores participaram das discussões sobre o texto na comissão especial da Câmara e fizeram sugestões. Apresentada em fevereiro de 2019, a PEC (proposta de emenda à Constituição) que mudou as regras da aposentadoria foi promulgada em novembro, menos de nove meses depois.

No entanto, o Senado ainda aprovou mudanças na proposta que já havia sido chancelada pelos deputados.

Escolhido para ser o relator da reforma tributária no grupo de trabalho, o deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB) já tem familiaridade com a discussão. Ele foi nomeado pelo então presidente da Câmara, Rodrigo Maia (RJ), para dar o parecer sobre a PEC 45, de autoria do presidente do MDB —o deputado Baleia Rossi (SP)— e que teve como mentor o atual secretário extraordinário da reforma tributária do Ministério da Fazenda, Bernard Appy.

AS PECS

PEC 45
- Substitui cinco tributos atuais (PIS, Cofins, IPI, ICMS e ISS) por um Imposto sobre Bens e Serviços (IBS)

PEC 110
- Unifica PIS e Cofins em um novo tributo; e o ICMS (estadual) e o ISS (municipal) em outro

A PEC 45 substitui cinco tributos atuais (PIS, Cofins, IPI, ICMS e ISS) por um Imposto sobre Bens e Serviços (IBS).

O formato final do texto deve contemplar também aspectos da PEC 110, do Senado Federal. Ela também propõe fusão de impostos, mas uma das principais diferenças em relação à 45 é que são dois tributos resultantes das junções, não um.

Na 110, seriam unificados os federais PIS e Cofins em um novo tributo; e o ICMS (estadual) e o ISS (municipal) em outro.

No Senado, a reforma tributária era relatada por Roberto Rocha (PTB-MA), cujo mandato se encerrou em janeiro. Portanto, cabe a Pacheco escolher um novo representante da Casa para fazer a interlocução com a Câmara.

Lira quer tentar instalar o grupo de trabalho da Câmara nesta semana.

A reforma tributária foi escolhida como a uma das prioridades do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no primeiro semestre no Congresso. É provável que essa seja a primeira PEC de interesse do Planalto.

Parlamentares e o próprio governo avaliam que o texto da reforma tributária deve ser desidratado, em meio a pressões setoriais. O esforço para aprovar a mudança na tributação do consumo busca também abrir caminho para a etapa posterior, que é a discussão da renda.

Lula e a maldição bolsonarista

Governo tem de denunciar crime em vacinas, educação, estatais, estradas e mais

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

O massacre dos yanomami é o exemplo mais horroroso da herança maldita de Jair Bolsonaro. Foi exposto por jornalistas da plataforma Sumaúma, baseada em Altamira, Pará, zona de guerra social e ambiental, de pistolagem contra líderes de movimentos populares e de destruição da vida em geral. O governo de Luiz Inácio Lula da Silva pegou o bastão da denúncia e toma providências para conter o genocídio e a razia de matas, terras e águas.

Governo não é polícia nem promotoria, mas tem a obrigação legal de documentar e denunciar os responsáveis pelos crimes ao sistema de Justiça. Se fizer uma varredura elementar, vai encontrar facilmente outros ataques contra indígenas.

No entanto, os ataques contra a vida, a negligência criminosa e a violência ignara contra a competência e a decência humana básicas foram muito além nos anos de trevas. Daqui a algum tempo, há o risco de que o governo Lula, como qualquer outro, entre na rotina e seja absorvido por dificuldades e crises ou conveniências políticas. Assim, a denúncia bem documentada dos anos de trevas pode se tornar apenas um slogan esquecido, "sem anistia".

Algumas barbaridades estão à vista de todos, faz tempo. A taxa de vacinação das crianças começou a cair a partir de 2015. Nos anos de trevas de Bolsonaro, baixaram a níveis críticos e criminosos. É possível que a desordem causada pela epidemia tenha contribuído em parte para o problema, que, no entanto, piorava muito logo antes da explosão da Covid.

A taxa de vacinação contra a paralisia infantil andava pela casa de 98% de 2011 a 2015. Baixou a 84% em 2016. Em 2021, dado mais recente disponível, para 69%. No caso da tríplice viral (sarampo, caxumba, rubéola), era de quase 100%. Em 2021, de 73%. Etc.

Bolsonaro e milícias fizeram campanha contra vacinas, óbvio. Mas quais foram os responsáveis pela negligência na administração, dominada por tantos médicos bolsonaristas e por generais e coronéis?

Como está a investigação da facilitação de compra de armas, mesmo pelas normas depravadas do bolsonarismo? Como azeitou o tráfico de armas para o crime? Quem levou dinheiro do lobby?

O governo Lula está prestes a confirmar o domínio da política negociata sobre a Codevasf, agência de desenvolvimento do interior fantasiada de estatal, por conveniência administrativa. É feudo de PP e União Brasil, concedido por Bolsonaro, local de desova de emendas parlamentares e investigado por Polícia Federal e TCU. É um vulcão de escândalos prestes a explodir. A lava escorrerá no governo petista.

Lula diz que a Advocacia-Geral da União vai entrar com uma ação contra a privatização da Eletrobras, aliás judicializando a política, o que prometeu não fazer. Quer ter controle sobre a ex-estatal. Nada diz sobre o lobby que embutiu na lei da porca privatização favores a empresários graúdos, como nada disse sobre as benesses que o Congresso concede a lobbies do setor de energia.

O que o governo já sabe sobre o desmonte do Inep e sobre as verbas dos pastores adoradores do ouro no ministério da Educação? Sobre o descalabro do Enem?

O que se sabe sobre a manutenção de estradas e infraestrutura de transporte em geral, que daqui a pouco vão se esfarelar, talvez ainda sob Lula? De mais notório, o governo petista até agora dedicou-se mais a tratar de juros e dívida, de modo desinformado, contraproducente e politiqueiro.

Não é possível ter um programa de governo, na prática, sem saber o tamanho do desastre (com o que vai se saber também dos responsáveis). Os criminosos do bolsonarismo ficarão impunes e prontos para voltar, em 2024 ou 2026, se nada for feito para responsabilizá-los.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Campos Neto 'bolsonarista' divide opiniões

PT diz que proximidade com ex-presidente afeta atuação no BC; para integrantes da autarquia, atuação é técnica

Marianna Holanda e Nathalia Garcia

BRASÍLIA O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, entrou na mira de integrantes do governo, inclusive de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que exploram a proximidade dele com políticos bolsonaristas para ampliar o desgaste do chefe da autoridade monetária.

Ex-colegas de Esplanada e ex-dirigentes do BC ouvidos pela **Folha**, contudo, minimizam os momentos em que Campos Neto mostrou maior proximidade com o governo Jair Bolsonaro (PL) e dizem que sua atuação tem sido estritamente técnica à frente da instituição.

A relação de petistas era considerada cordial com Campos Neto até o BC manter a taxa básica (Selic) em 13,75% ao ano e indicar que pode sustentar os juros elevados por mais tempo. Aos olhos de Lula, o presidente da autarquia passou de "economista competente" às vésperas das eleições a "esse cidadão" ao final do primeiro mês de governo.

Procurado, Campos Neto disse por meio de sua assessoria que não iria se manifestar.

Com o temor de que os juros altos comprometam o crescimento da economia brasileira, Lula e interlocutores voltaram à carga contra Campos Neto resgatando diferentes episódios para reforçar os laços dele com Bolsonaro.

O mais recente episódio rememorado por petistas para corroborar a tese de falta de isenção do presidente do BC é uma imagem da fotógrafa da **Folha** Gabriela Biló, mostrando que Campos Neto ainda era integrante de um grupo de WhatsApp chamado "Ministros Bolsonaro". Ele perdeu o status de ministro quando foi aprovada a lei de autonomia do BC pelo Congresso Nacional, em fevereiro de 2021.

Depois que a imagem da tela de celular do senador Ciro Nogueira (ex-Casa Civil) foi a público revelando a presença do chefe da autarquia no chat, no dia 10 de janeiro, Campos Neto deixou o grupo. Mas a exposição da foto gerou desconforto entre os petistas.

Campos Neto também fez um "bate e volta" entre Brasília e São Paulo, em 1º de janeiro, que chamou a atenção de aliados de Lula. Pela manhã, participou da posse de Tarcísio de Freitas, ex-ministro da Infraestrutura no governo Bolsonaro, eleito governador de São Paulo depois de ter sido apadrinhado pelo ex-presidente. Foi a única solenidade da esfera estadual que contou com sua presença.

Gabriela Biló - 10.jan.2023/Folhapress

Ueslei Marcelino - 27.abr.2020/Reuters

7. ago.2021 Reprodução Instagram @fabiofaria.br

1 Campos Neto aparece como integrante de grupo de ministros bolsonaristas em tela de celular de Ciro Nogueira, **2** se encontra com Paulo Guedes e Bolsonaro no Palácio do Alvorada **3** e comparece a churrasco de fogo de chão promovido pelo ex-ministro bolsonarista Fabio Faria (2º da esq. para a dir.), com a presença de Ciro Nogueira (dir.) e Tarcisio de Freitas (esq.)

À tarde, embarcou de volta a Brasília, onde acompanhou a posse de Lula. Horas depois, pegou outro avião para São Paulo para participar de um jantar da posse de Tarcísio.

Durante o governo Bolsonaro, Campos Neto frequentou confraternizações ao lado de outros bolsonaristas. Em 2021, foi a um churrasco na casa do então ministro Fábio Faria (Comunicações), dias depois da posse de Nogueira.

Embora nunca tenha sido do círculo íntimo do ex-chefe do Executivo, Campos Neto gozava da simpatia de diferentes alas do governo e do próprio Bolsonaro. Apesar da autonomia do BC, participou de reuniões com integrantes do Planalto nas quais era consultado sobre os impactos de medidas do governo na economia.

Campos Neto foi alçado ao posto de chefe da autoridade monetária por influência do então ministro Paulo Guedes (Economia). Os dois tiveram divergências, mas continuaram atuando juntos.

Segundo auxiliares da gestão passada, pesava na relação deles o fato de Campos Neto sempre ser citado como possível ministro da Economia nos momentos em que Guedes passava por turbulências.

Desde integrantes da ala política até bolsonaristas mais radicais e parlamentares viam com bons olhos uma eventual gestão de Campos Neto. Ele, contudo, sempre rechaçou a possibilidade. Em conversas privadas, dizia que não tinha a intenção de ser ministro —sobretudo no lugar de Guedes.

Diante dos ataques do novo governo a Campos Neto, ex-colegas de Esplanada saíram em defesa do dirigente. A avaliação é de que os petistas buscam um culpado para o caso de a economia não decolar.

A interlocutores, o presidente do BC disse que está só fazendo o seu trabalho e que não tem como reduzir a inflação só porque o governo deseja.

A presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann (PR), é apontada como uma das principais vozes críticas a Campos Neto no entorno do presidente.

No mais recente episódio de fritura, ela disse à **Folha** que o chefe da instituição está do lado de Bolsonaro e defendeu ainda que a política monetária obedeça à linha defendida pelo presidente Lula.

"O presidente do Banco Central estava em um grupo de ministros de Bolsonaro até há pouco tempo. Então ele tem um lado. Lado de Bolsonaro. Foi nomeado por ele. Ele não demonstrou a sua autonomia, sua independência política, por esses fatos. Quando o banco tem a decisão de manter as taxas nos níveis atuais, joga contra o Brasil", afirmou.

Apesar da artilharia, há petistas que avaliam que Lula prejudica mais o cenário econômico com suas declarações, embora líderes da base terem apoiado o discurso de Lula contra a taxa básica de juros em reunião no Planalto.

Nas últimas semanas, Lula chamou os juros de "vergonha", a autonomia do BC de "bobagem" e atacou Campos Neto, tensionando mais a relação. Para ex-membros do BC, contudo, a atuação de Campos Neto à frente da instituição tem sido pautada por decisões puramente técnicas.

Gustavo Loyola, ex-presidente do BC e diretor-presidente da Tendências Consultoria, destaca o ciclo de alta de juros promovido pela instituição ao longo do ano eleitoral, que poderia comprometer a imagem de Bolsonaro na busca da reeleição.

De março de 2021, quando a taxa básica saiu de seu piso histórico (2%), a agosto de 2022, foram 12 aumentos consecutivos, com elevação de 11,75 pontos percentuais.

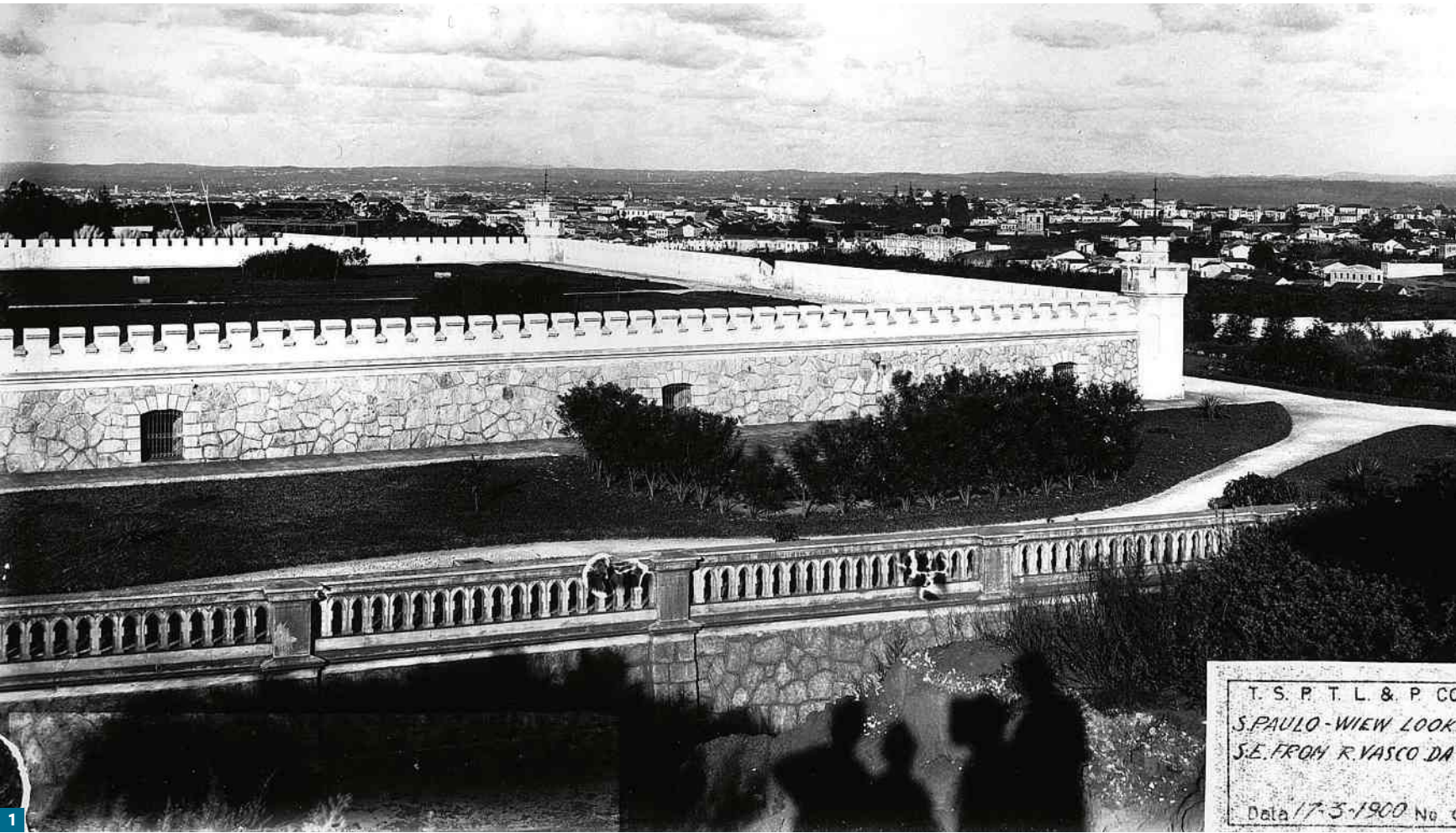
"Se ele [Campos Neto] quisesse fazer agrado para o ex-presidente, teria mantido a política monetária frouxa. O BC atuou de maneira absolutamente técnica, não houve nenhuma medida que pudesse ser vista como política", diz.

Loyola ressalta que, com a autonomia, o BC deixou de ser um órgão de governo para se tornar uma instituição de Estado. Para ele, isso precisa ser respeitado pelo novo governo e episódios envolvendo a figura de Campos Neto não são "justificativa para atacar institucionalmente o BC".

Na opinião de Luiz Fernando Figueiredo, ex-diretor do BC e presidente do conselho da Jive Investments, o trabalho de Campos Neto à frente da instituição é "impecável".

Ele lembra que a autoridade monetária brasileira esteve na dianteira no diagnóstico da inflação durante a pandemia. "Somos o país mais avançado no caminho da política monetária", diz. "Realmente, o juro está alto, mas está alto por uma necessidade, não por viés político".

Ex-diretor do BC, Alexandre Schwartsman destaca que as decisões sobre os juros não são tomadas apenas pelo presidente do Banco Central, mas por um colegiado de nove membros (além de Campos Neto, oito diretores).

1

Acervo/Fundação de Energia e Saneamento

Apostas, vaivéns e erros: o trajeto do saneamento no Brasil em 5 capítulos

País não soube aproveitar pioneirismo de Pedro 2º em meados do século 19 no Rio de Janeiro; oito especialistas, alguns da academia, outros da iniciativa privada, ajudam a contar um pouco da história dessa trajetória

Naief Haddad

SÃO PAULO A aprovação do marco legal do saneamento básico, em 2020, e os debates que devem ocorrer nos próximos meses, sob o governo Lula, colocam em evidência as iniciativas neste campo ao longo da história.

Nota-se desde o Brasil colônia uma trajetória sinuosa, na qual prevalecem apostas malsucedidas e omissões. Oportunidades desperdiçadas ajudam a explicar a posição do país em ranking com dados da Unicef e da Organização Mundial da Saúde. A oferta de água potável alcança 86% da população, o que deixa o Brasil na 85ª posição dentre 137 países. O esgoto tratado chega a 49% e nos leva ao 76º lugar entre 129 países.

1. Tigres das águas servidas

Nos núcleos urbanos do período colonial, uma das obrigações dos escravizados era buscar água limpa nos rios e levá-la em talhas ou jarros para os seus senhores. Também cabia a eles recolher nas casas as "águas servidas", como o esgoto era chamado na época, e despejá-las longe dali.

"Os dejetos domésticos eram depositados em barris armazenados nos fundos das casas e dos comércios. Ou em valas abertas ou cobertas por lajedos, embora proibidos pela fiscalização. Os escravos negros desobedientes e a população branca desempregada [...] eram 'punidos' com a função de transportar, quase sempre à noite, esses tonéis de dejetos para as áreas de descarte", escrevem Aspásia Camargo e Márcio Santa Rosa sobre o Rio de Janeiro no livro "A Epopeia do Saneamento".

No século 18, a cidade acompanhou a construção da maior obra de engenharia vista até então na colônia. Concluído em 1723, o Aqueduto da Carioca levava água do Morro do Desterro (atual Santa Teresa) para o centro do Rio. Bem mais tarde, aquela estrutura passou a ser conhecida como Arcos da Lapa.

Naquele período, locais como Rio e São Paulo ganhavam suas primeiras redes de chafarizes, dando aos moradores acesso mais fácil à água potável. Em outras cidades, como Salvador, essas fontes só começaram a ser construídas ao longo dos anos 1800.

"Não existiam mecanismos de bombeamento, como temos hoje. Por isso, buscava-se a melhor solução para que as águas fossem dos pontos mais altos para os mais baixos, fazendo derivações nos chafarizes", explica Edison Carlos, presidente do Instituto Aegea, braço socioambiental do Grupo Aegea, uma das principais companhias privadas de saneamento no Brasil.

A infraestrutura hídrica vivia uma fase de renovação, mas a carga de trabalho pouco mudava. Eram escravizados que carregavam água para as casas, agora retiradas dos chafarizes, e davam um jeito de se livrar dos dejetos, despejando-os em rios ou em valas.

Levados em tonéis, os excrementos muitas vezes tinham substâncias como amônia, que, ao respingar nas peles negras, deixavam marcas brancas. Por causa das manchas, mulheres e homens incumbidos desse serviço pesado passaram a ser chamados de "tigres" ou "tigrados". Lugares como São Paulo e Recife mantiveram esse tipo de trabalho até os anos 1880.

Evidentemente, as populações dessas cidades conviviam com mosquitos e mau cheiro, especialmente nas áreas portuárias. Em passagem por Salvador em 1832, na expedição do Beagle, Charles Darwin ficou maravilhado com a paisagem, mas registrou no seu diário o fedor da Cidade Baixa.

2. Imperador sanitarista

Até aqui, estamos tratando de uma espécie de pré-história desse tema, na visão de estudiosos como Denise Tedeschi, historiadora especializada na vida urbana do Brasil nos séculos 18 e 19. É só em meados do 19 que, segundo ela, podemos efetivamente falar em saneamento básico no Brasil.

Naquele momento, o país enfrentava novas condições, que exigiam respostas do poder público: as cidades se adensavam; as exportações se intensificavam, um avanço que obrigava os portos a respeitar condições mínimas de higiene; e, principalmente, surtos de doenças, como febre amarela, tornavam-se cada vez mais frequentes.

"Os engenheiros do século 19 começaram a pensar no trânsito das águas para preservar a salubridade dos centros urbanos. A relação entre fornecer e eliminar água passou, então, a ser um assunto central para esses especialistas", diz Tedeschi.

É nesse contexto que dom Pedro 2º tomou uma decisão relevante para o Rio, então capital. Para entender a visão pioneira do monarca, é preciso saber um pouco o que se passava em Londres.

Péssimas condições de higiene, com vias públicas fétidas, impulsionaram surtos de cólera, que provocaram ondas de mortes na capital britânica, sobretudo a partir da década de 1830. Graças às ações de líderes como Edwin Chadwick e às descobertas de médicos como John Snow, Londres conseguiu fazer uma ampla reforma sanitária, que incluía medidas como a abertura de largos e extensos canais subterrâneos, conectados a modernas estações de tratamento de esgoto.

Nas palavras de Aspásia Camargo, socióloga que atuou como secretária-executiva do Ministério do Meio Ambiente no governo FHC, essa é "a revolução que rege a passagem da barbárie para a civilização".

Por conta da perspicácia do imperador, o Rio se tornou, segundo ela, uma das primeiras cidades fora do Reino Unido a adotar essas inovações da engenharia. "Dom Pedro 2º foi um imperador sanitarista. Prometeu que faria uma grande mudança nessa área e cumpriu a promessa", afirma.

Sob o reinado dele, o governo fechou contrato com a City, empresa inglesa de capital privado, e iniciou em 1850 os preparativos para uma reformulação da infraestrutura da cidade. O primeiro sistema de esgotamento sanitário completo foi inaugurado no bairro da Glória 14 anos depois.

Nessa seara, portanto, o Brasil conseguiu se aproximar do Reino Unido àquela altura. Mas a distância entre eles só se acentuou nas décadas seguintes. O ranking de esgoto tratado elaborado pela OMS em parceria com a Unicef mostra os britânicos na 11ª posição, muito à frente do 76º lugar que nós, brasileiros, ocupamos. Ou seja, não soubemos tirar proveito do pioneirismo de Pedro 2º.

A City se manteve à frente dessas operações no Rio de 1957 a 1947. Em São Paulo, essa evolução ocorreu de modo diferente.

Segundo o censo de 1872, a capital paulista tinha 31 mil habitantes, que representavam 11% da população do Rio, com 275 mil. Embora as dimensões fossem bem diferentes, algumas situações das duas cidades se assemelhavam e testavam a paciência da opinião pública, como mostra um registro de outubro de 1862.

"O remedio para este estado de cousas não póde ser addiado. Chegou a vez de clamar bem alto que o pôvo exige agua [grafia da época]", publicou o jornal Correio Paulistano.

Assim como o Rio na segunda metade do século 19, São Paulo se viu obrigada a suplantar a rede de chafarizes. O governo paulista incentivou acionistas brasileiros e estrangeiros a se unir em torno da criação de uma empresa de saneamento e, em 1877, nasceu a Companhia Cantareira de Águas e Esgotos.

A inauguração de reservatórios como o da Consolação, em 1881, inspirou otimismo entre os paulistanos, mas logo vieram as queixas de abastecimento insuficiente e baixa qualidade da água. A iniciativa privada, que se saía razoavelmente bem no Rio, era vista como decepção em São Paulo.

Engenheiros influentes como Antônio Francisco de Paula Souza (mais tarde fundador da Escola Politécnica) e Ramos de Azevedo passaram a defender que a empresa fosse encampada pelo governo, lembra Cristina de Campos, professora do Instituto de Geociências da Unicamp e autora do livro "Ferrovias e Saneamento em São Paulo".

"Paula Souza defendia que esse fosse um trabalho sob responsabilidade do estado. A iniciativa privada não levaria esses projetos adiante porque construir redes de água e esgoto não traria retorno financeiro", diz ela. "É curioso comparar aquela realidade com os dias de hoje. Atualmente, esse é um negócio muito lucrativo, a água, infelizmente, virou uma mercadoria. Mas naquele final de século 19, não era interessante sob esse ponto de vista."

Em 1892, o governo assumiu a Companhia Cantareira, reembolsando os seus acionistas. A capital paulista teria, a partir de então, a Repartição de Águas e Esgotos (RAE), que durou mais de 50 anos.

Continua na pág. A19

Levados em tonéis, os excrementos muitas vezes tinham substâncias como amônia, que, ao respingar nas peles negras, deixavam marcas brancas. Por causa das manchas, mulheres e homens incumbidos desse serviço pesado passaram a ser chamados de "tigres" ou "tigrados".

C. Armeilla/Divulgação

Reprodução

Divulgação

86% da populaçao
brasileira tem acesso a água potável. Esse número deixa o Brasil na 85ª posição dentre 137 países

49% dos brasileiros
recebem esgoto tratado, o que leva o Brasil ao 76º lugar entre 129 países

Continuação da pág. A18

Na virada do século 19 para o 20, o Brasil pôde contar com uma geração de médicos notáveis, como Oswaldo Cruz, no Rio, e Emílio Ribas, em São Paulo. Não satisfeitos com suas descobertas científicas, eles se dedicavam a conscientizar a população em relação às medidas para combater as epidemias.

Como se viu posteriormente, o alerta deles não foi suficiente para que o país enfrentasse sua precariedade sanitária com o rigor necessário.

3. A cidade planejada

Belo Horizonte é um caso de desatenção histórica em relação ao abastecimento de água e, principalmente, à coleta e ao tratamento de esgoto. Sendo uma cidade planejada, as deficiências nessas áreas certamente poderiam ter sido evitadas.

No final do século 19, o governo de Minas Gerais decidiu construir uma nova capital para substituir Ouro Preto e, diante de cinco opções à mesa, o Congresso estadual escolheu a região onde havia um arraial chamado Curral del Rei. Pesou nessa definição, entre outros fatores, a rica bacia hidrográfica do entorno, o que é uma triste ironia.

Em fevereiro de 1894, começaram as obras, sob o comando da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC). Entre os envolvidos na execução do projeto, chamou a atenção a opinião dissonante de Saturnino de Brito, que mais tarde se consagraria como o patrono da engenharia sanitária brasileira.

"Saturnino discordava da opção pelo traçado de linhas retas, que ignorava os leitos dos rios. Para ele, a cidade deveria ser concebida justamente a partir dos seus rios", lembra Denise Tedeschi, autora do livro "Águas Urbanas - As Formas de Apropriação das Águas nas Minas".

Prevaleceu, contudo, a concepção de Aarão Reis, chefe do CCNC, para quem as ruas deveriam se sobrepor aos cursos d'água da região, como o ribeirão Arrudas e seus afluentes. Esse ponto de vista implicaria retificação de leitos num primeiro momento e, ao longo das décadas seguintes, a canalização dos rios.

As enchentes que se tornaram parte do cotidiano da capital mineira demonstram que Brito tinha razão.

Havia ainda outros entraves nessa fase de construção. Algumas tubulações destinadas ao escoamento do esgoto vinham da Inglaterra e demoravam até três meses para chegar a Belo Horizonte. Como a meta era erguer a capital em quatro anos, os mineiros assistiram a uma corrida contra o tempo, que teve, entre outras consequências, a suspensão de obras em andamento.

Correria e improviso cobraram seu preço. Quando inaugurada, em 1897, a cidade não tinha grandes galerias de esgoto, apenas encanamentos menores, de custo mais baixo, segundo Tedeschi.

Nesse período inicial, Belo Horizonte priorizou o fornecimento de água ao tratamento de esgoto, como, aliás, tem sido comum nas decisões no Brasil ao longo da história. São dois os pontos principais que explicam esse caminho, dizem especialistas. Além de o custo do abastecimento ser, em geral, mais baixo, as pessoas se sentem mais lesadas quando falta água ou quando ela chega à casa com qualidade ruim.

"Quando não há água, a família se sente prejudicada. Sem coleta e tratamento de esgoto, o prejuízo é da coletividade, não é da natureza individual", comenta o engenheiro civil Jerson Kelman, doutor em hidrologia e recursos hídricos.

No entanto, mesmo o abastecimento de água ficou aquém das expectativas dos moradores da nova capital mineira nesses primeiros anos. Apenas as áreas onde viviam altos funcionários públicos, como os desembargadores, tinham água encanada.

Deu-se, então, o que Tedeschi chama de "segregação hídrica". O novo sistema de águas não chegava, por exemplo, aos bairros onde viviam os pedreiros que tinham construído Belo Horizonte, ainda dependentes dos chafarizes.

Os rios que ainda não tinham sido canalizados viraram lixo urbano, conta a historiadora, criando uma "situação terrível para uma capital que se prometia salubre". O descaso de políticos e engenheiros com o saneamento resultou em um fardo para Belo Horizonte ao longo do século 20 e ainda nestes anos mais recentes.

Continua na pág. A20

No final do século 19, o governo de Minas Gerais decidiu construir uma nova capital para substituir Ouro Preto e, diante de cinco opções à mesa, o Congresso estadual escolheu a região onde havia um arraial chamado Curral del Rei. Pesou nessa definição, entre outros fatores, a rica bacia hidrográfica do entorno, o que é uma triste ironia.

Reprodução

1 Reservatório da Consolação, o primeiro de São Paulo, em 10--, **2** Aqueduto da Carioca (conhecido como Arcos da Lapa), por volta de 1906 —única construção dessa imagem a sobreviver até o século 21, **3** Saturnino de Brito, um dos pioneiros da engenharia sanitária e ambiental no Brasil, **4** o sanitarista Emílio Ribas, nascido em 1862, e sua mulher, Maria Carolina, em foto sem data, e **5** cartão postal de 1925 com imagem do elevador Lacerda entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta, em Salvador

Píer de Ipanema, montado durante construção de emissário submarino, que leva parte do esgoto da capital carioca para o mar Reprodução

Apostas, vaivéns e erros: o trajeto do saneamento no Brasil em 5 capítulos

Continuação da pág. A19

4. O plano dos militares

A era Getúlio Vargas representou um retrocesso para o saneamento básico no país, segundo Aspásia Camargo.

Nas décadas anteriores, a chamada República Velha, predominavam nesse setor as companhias ligadas aos municípios e as empresas privadas. "Quando chegou ao poder em 1930, Getúlio deixou claro que não queria conviver com o privatismo da época. Essa visão foi desastrosa porque atrapalhou a expansão do saneamento. Ele parou o setor privado, e o setor público não disse a que veio", afirma a socióloga.

A partir de 1956, Juscelino Kubitschek trilhou caminho semelhante ao do líder gaúcho, destinando papel coadjuvante ao setor, observa Aspásia. "O desenvolvimentismo estava muito mais associado às iniciativas ligadas ao transporte e à energia", diz ela.

A década de 1960 se aproximava do fim quando a ditadura militar baixou um decreto criando o Plano Nacional de Saneamento (Planasa). Temas como abastecimento de água e coleta de esgoto ganhavam uma atenção do Executivo federal como jamais havia acontecido no período republicano.

"O Planasa foi a primeira grande política voltada ao saneamento no Brasil. Existiam, até então, principalmente companhias municipais, que foram se especializando na distribuição da água, nos sistemas de esgoto, mas ainda em volumes pequenos", diz Edison Carlos, do Instituto Aegea.

Coordenado pelo BNH (Banco Nacional da Habitação), o Planasa estimulou fortemente a criação das Companhias Estaduais de Saneamento Básico (CESBs), para as quais destinava recursos para implantação ou melhoria de sistemas de água e esgoto. Assim, surgiram empresas como a paulista Sabesp, a mineira Copasa e a catarinense Casan.

De acordo com Kelman, presidente da Sabesp de 2015 a 2018, o governo federal acertou "ao definir que o serviço de saneamento precisaria ter escala". O Planasa incentivava a regionalização da prestação de serviços, deixando de lado a ideia do município como unidade de concessão. "A partir daí, houve grande melhora na cobertura de água potável, mas nem tanto no tratamento de esgoto", diz o engenheiro.

O programa funcionou bem enquanto a ditadura militar teve capacidade de investimento, financiando as empresas estaduais. "O modelo se esfarelou a partir da década de 1980", recorda-se Rogério Tavares, vice-presidente de relações institucionais da Aegea.

Um dos objetivos do Planasa era atender 50% da população urbana do país com esgoto até 1980, como lembra Luana Pretto, presidente do Instituto Trata Brasil. Dados de 11 anos depois indicavam o país ainda longe dessa meta, com apenas 35%.

Ao ser extinto nos anos 1990, o plano deixou legados bem-sucedidos, como a companhia paranaense Sanepar, e outros longe da excelência, como a fluminense Cedae. "Além da falta de investimentos, a Cedae sofreu com a ingerência política", diz o engenheiro civil Márcio Santa Rosa sobre a empresa que foi concedida, em grande parte, à iniciativa privada no ano retrasado.

5. E agora?

O país deu um passo relevante em 2007, no segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com a lei que ampliou o rol de serviços dentro do que se entende como saneamento básico. Até então, falava-se em coleta e tratamento de esgoto, além de abastecimento de água. Desde então, drenagem, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos foram incorporados ao pacote.

Essa lei também contribuiu para aprimorar a regulação do setor. Não houve, contudo, um crescimento expressivo no atendimento à população desde então.

O mais recente episódio dessa história de séculos é o marco regulatório de 2020, que começou a ser gestado sob a administração de Michel Temer (MDB) e foi aprovado no governo de Jair Bolsonaro (PL).

Caramanchão do parque da Cantareira, em São Paulo, aberto em 1893 Guilherme Gaensly

Primeira estação de tratamento de esgoto do Rio Janeiro Reprodução livro "A Epopeia do Saneamento"

Vista do Ipiranga, por Miguel Dutra (1847) Reprodução do livro "O Sequestro da Independência/Companhia das Letras

A medida abriu caminho para uma participação maior de empresas privadas. Um aspecto essencial nesse sentido foi o rompimento dos chamados "contratos de programa", que permitiam que empresas estaduais de saneamento fossem contratadas por prefeituras sem licitação.

Luana Pretto avalia de modo positivo o novo marco. "São medidas que abrem a possibilidade para mais alternativas de investimento. Se o trabalho da companhia estadual está dando certo, excelente! Deve ser mantida [pela prefeitura responsável pela contratação]. Mas e os casos em que a empresa não consegue avançar rumo à universalização dos serviços? É preciso ter um plano B", afirma a presidente do Instituto Trata Brasil.

Ela recorre a dados de 2021 para estender sua argumentação. "Naquele ano, a Sabesp investiu R$ 126 por habitante enquanto a média do Brasil foi R$ 82. No Acre, por exemplo, foram R$ 5. Em algumas regiões, há empresas sem dinheiro para promover essa universalização."

Jerson Kelman pensa de modo semelhante. Segundo ele, o novo marco "não obriga que a empresa de saneamento seja privada, mas permite que ela seja privada". Para ele, a natureza da empresa —pública ou privada— não deveria ser a principal preocupação, e sim se ela funciona bem ou não.

Não há, porém, consenso em torno do tema. Professor titular do departamento de engenharia sanitária e ambiental da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Leo Heller está entre os especialistas que criticam enfaticamente o novo modelo.

"[Essa medida] abre espaço para uma ampla participação privada, principalmente naqueles municípios com maior atratividade econômica", disse Heller à rádio da UFMG. Para ele, que também é pesquisador da Fiocruz, restará às empresas públicas as localidades que não interessam ao setor privado.

Em 2033, o ano apontado pelo novo marco como meta de universalização do saneamento, saberemos se as medidas se converteram em boa notícia, como a iniciativa pioneira de dom Pedro 2º, ou se acumulamos mais um fiasco, como no planejamento do sistema de esgoto de Belo Horizonte. Será, então, outra a história a ser contada.

Uso do ChatGPT chega a igrejas, e pastores questionam: tem Deus ali?

Robô pode ser aliado para construir sermões, mas líderes veem falhas e limites éticos

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus. Até chegarmos agora ao ChatGPT.

O mundo começa a se familiarizar com a ferramenta virtual que, com por meio da IA (inteligência artificial), constrói textos inteiros sobre praticamente tudo o que você possa imaginar. Basta dar um comando, como pedir a receita de um bolo de fubá ou um ensaio sobre Shakespeare, e o robô lhe devolve a obra pronta.

As pessoas têm testado o chatbot para as mais variadas funções. O pastor Melqui Ferreira não quis ficar de fora. De Surubim (PE), onde lidera a igreja Avivafé, ordenou: "Escreva um texto de 200 palavras sobre a importância de andar com Deus". Seja feita a vossa vontade.

"Ele nos dá a direção, o propósito e a paz que precisamos para enfrentar os desafios e as incertezas do dia a dia", diz um trecho do escrito proposto pelo ChatGPT.

Melqui pediu uma segunda sugestão, e o novo texto começava assim: "Andar com Deus é uma das mais valiosas jornadas que uma pessoa pode empreender".

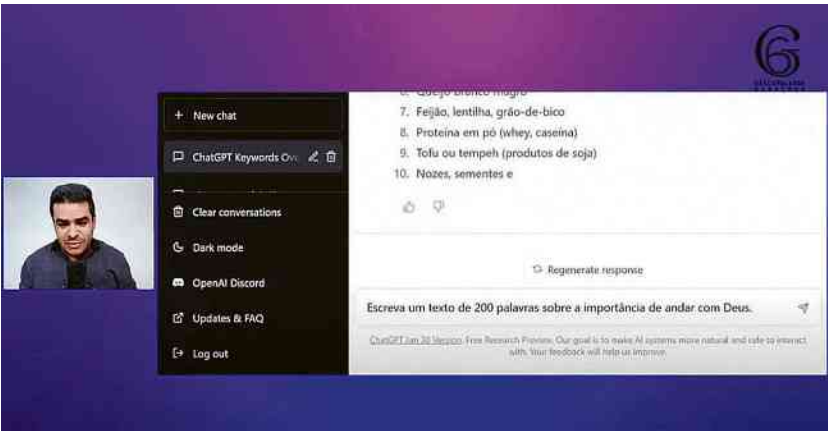
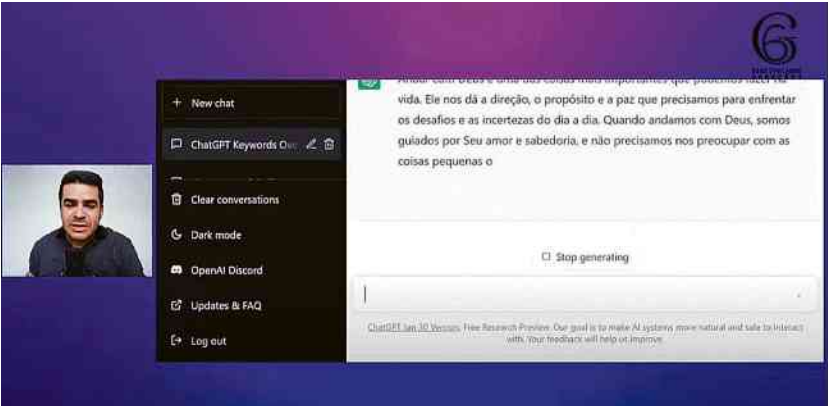
É este o futuro da pregação cristã? Eis a questão que vem pipocando nas igrejas, na medida em que mais e mais gente ouve falar da cornucópia de possibilidades do ChatGPT.

"Você pode responder: 'Claro que não'. Talvez você simplesmente não acredite que tal coisa possa acontecer", escreveu o teólogo Russell Moore, até onde se sabe sem auxílio do chatbot, no Christianity Today, portal referência do cristianismo americano.

"Mas imagine tentar explicar para alguém, 30 anos atrás, o Google ou um app da Bíblia para smartphone. E se a IA pudesse escrever sermões completamente ortodoxos, biblicamente ancorados e convincentemente argumentados para pastores todas as semanas?"

Não é só um exercício de imaginação. Da pernambucana Surubim à Carol Stream, vila americana que sedia o Christianity Today, líderes religiosos estudam como a nova tecnologia pode colaborar para a missão pastoral.

Refletem se falta a uma pregação redigida por máquina aquela faísca divina que costuma lhes servir de inspiração.

Melqui Ferreira, da igreja Avivafé, mostra em vídeo como o robô funciona Fotos Reprodução

O pastor pede ao ChatGPT que escreva um texto sobre a importância de andar com Deus

Ferreira elogia a tecnologia, mas vê limitações na ferramenta de inteligência artificial

> Nós, como igreja, nunca vamos desprezar a capacidade do sacerdote de ter a revelação de entregar o que a pessoa precisa. O conteúdo de fé é de conexão direta da pessoa com Deus, e o sacerdote vai ajudar nessa mediação
>
> **Newton Rueda**
> bispo e diretor de tecnologia da Igreja Renascer

O pastor Silas Malafaia deu uma chance ao ChatGPT e não gostou do que viu. "É muito fraco. Até pra iniciante é fraco. A informação é pouca. Não achei nada demais."

Ele pediu palavras sobre a reconciliação sob a ótica teológica e recebeu um texto dizendo que esse tópico "é uma mensagem central da mensagem cristã", mais a recomendação de alguns versículos.

Melqui encontrou falhas na ferramenta. "As minhas experiências não têm sido boas no início." Por exemplo: quis algo sobre as tribos de Israel, e uma das listadas não existe na Bíblia. Acontece muito. Se uma informação errada se reproduz indevidamente na internet, como uma referência equivocada no Wikipedia, o ChatGPT pode reproduzi-la.

Mas o pastor acha que a IA tende a evoluir com o passar do tempo, aprendendo com os próprios erros. Até concorda que o chatbot pode ajudar a construir sermões. Mas, "sem a inspiração do Espírito Santo", a mensagem estará carente de profundidade, afirma.

Nada de demonizar o dispositivo. Com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), ele encontra no robô um recurso até bem útil para o pastoreio do dia a dia. "Se quero falar sobre santidade, e nessa hora o cérebro trava, a ferramenta me ajuda bastante a montar as peças do quebra-cabeça."

O melhor a fazer, diz, é não embutir de saída um caráter positivo ou negativo nas novidades tecnológicas. Tudo depende do uso responsável que se faz. Assim como a mesma faca pode servir tanto para passar manteiga no pão quanto para ferir alguém, compara.

O bispo Newton Rueda é um entusiasta de novas tecnologias. Lembra que sua igreja, a Renascer em Cristo, é vanguardista no campo virtual. Aderiu a redes sociais quando ainda era tudo mato e já até promoveu baladas gospel no metaverso. Mas a prudência é sempre sábia, diz.

"A gente não sabe o quão invasivo vai ser o sistema", diz sobre o chatbot que vem causando comichão ético em várias áreas em que a palavra sempre foi central, da educação à advocacia.

Diretor de Tecnologia da Informação na Renascer, Rueda teme que a inteligência artificial absorva muito da nossa intimidade, extraindo nossos dados, para prosperar. Outro medo é extirpar da pregação o que poderíamos chamar de alma do texto.

"Nós, como igreja, nunca vamos desprezar a capacidade do sacerdote de ter a revelação de entregar o que a pessoa precisa. O conteúdo de fé é de conexão direta da pessoa com Deus, e o sacerdote vai ajudar nessa mediação."

Não que o ChatGPT seja de todo ruim. Ele teria mais utilidade, na opinião do bispo, se indicasse fontes para aprimorar o sermão. "Um texto bíblico, um ministério que fale sobre o tema, o que já é feito nos sistemas de busca como o Google. Exceder-se a isso... Não sei até onde vai ter efeito espiritualmente. O pessoal ler o que a máquina construiu vai ser um discurso inócuo quanto ao poder do Espírito Santo."

O Fuxico Gospel, portal evangélico, mostrou que o chatbot está cada vez mais rebuscado. Fez uma série de testes, e o que teve de retorno superou a agremiação burocrática de dizeres religiosos.

"O ChatGPT não criou apenas vários sermões, como auxiliou a forma como o pregador deve falar diante da igreja. Frases como 'meus irmãos e irmãs', 'Deus abençoe' e o habitual "Amém" no final foram apenas alguns dos pontos incríveis dos sermões criados pela IA, que os fizeram se assemelhar e muito à pregação de um pastor real."

Lucas não está muito confortável em admitir, mas é exatamente o que ele fez duas vezes na semana passada: ler uma redação sobre a passagem do livro bíblico de Romanos que fala de não se conformar ao mundo, mas se permitir ter a mente transformada por Deus.

Mais moço entre os três líderes de uma pequena igreja na periferia paulistana, ele prefere omitir o sobrenome porque, diz, tem receio de ser julgado pelos pares.

Além de pastor, Lucas é analista de sistemas e rato de computador. Orgulha-se de ter entrado nas redes sociais quando "tudo que é pastor achava uma bobagem". E agora está todo o mundo nelas, aponta. Dê tempo ao tempo, e as pessoas se acostumam.

Ele não pretende recorrer sempre à IA para pregar. Mas não vê grande mal em se valer dela quando o cansaço é muito, e a mente pede arrego.

"Tem muito pastor que, antes do GPT, entrava no púlpito no piloto automático, com um sermão decorado que os irmãos já tinham ouvido duas, três vezes. Eu, não. Sempre tô lá de coração, mesmo depois de ter trabalhado 8, 9 horas seguidas. Posso estar lendo uma parte, mas é o olho no olho que vai me conectar com as pessoas."

'Discurso precisa ser colocado em prática para ter IA justa'

ENTREVISTA
CALLUM CANT

Pedro Teixeira

SÃO PAULO Construir consensos sobre princípios de transparência e contra discriminação é fundamental para tornar tecnologias com base em inteligência artificial mais éticas, diz Callum Cant, 31, pesquisador do Oxford Internet Institute que coordena o projeto Fair Work For AI.

Patrocinada pela Aliança Global pela ação em IA, que reúne algumas das maiores empresas de tecnologia, a iniciativa desenvolveu dez princípios para que o desenvolvimento e o uso de inteligência artificial seja mais ético. Entre eles estão garantir trabalho decente, buscar equidade, fazer uso honesto de dados, dar voz a trabalhadores e evitar sua superexploração.

Para implementá-los, oferece consultorias a empresas como Microsoft, Uber e a entidades como a OIT (Organização Internacional do Trabalho).

*

Quais os objetivos do Fair Work for AI e como sua equipe trabalha para alcançá-los? O avanço dos recursos de IA no mercado de trabalho cria muitas oportunidades, mas muitos riscos, porque esses sistemas são frequentemente aplicados e desenvolvidos sem testes. Já vimos como uma série de aplicações pode envolver riscos em termos de vieses e preconceitos, de intensificação do trabalho, de vigilância e assim por diante.

Começamos a trabalhar em uma parceria global sobre inteligência artificial para definir uma série de princípios sobre o que seria o trabalho decente dentro desse mercado de IA. Daí, podemos oferecer consultorias globais e tripartites para OIT, Uber, Microsoft etc. Nosso objetivo é entender o que essas empresas e organizações consideram justo e produzir um relatório, com dez princípios.

Com princípios definidos, vamos medir o quanto foi posto em prática e investigar o que acontece no mundo real.

O caso dos quenianos trabalhando com moderação de conteúdo para o desenvolvimento do ChatGPT deixou claro que há trabalho humano sob diversas formas por trás de projetos de IA. Todos os sistemas de IA desenvolvidos desde 2012 se apoiaram essencialmente no treinamento de máquinas com imensas quantidades de dados. Caso você mostre muitas figuras de cavalo com indicação do nome do animal a um algoritmo, ele será capaz de determinar quais são cavalos e quais não são ao longo do tempo. Mas a parte da rotulagem da informação não acontece ao acaso. Muitos dados dependem de muitos trabalhadores para fazer a etiquetagem.

Nessa história recente do aprendizado de máquina, podemos perceber o desenvolvimento de plataformas como o Amazon Mechanical Turk, Clickworker e Microwork, em que o objetivo é criar um mercado global com a terceirização da rotulagem de dados e da moderação de conteúdos, levando essas atividades aos locais com os menores níveis de remuneração no mundo. Há registros de crianças atuando nessas plataformas. Esse trabalho pode ser feito com custos baixos e em grande escala.

No atual cenário da IA, parece que todo o raciocínio encontrado em um ChatGPT da vida surge da máquina, em vez de creditar a capacidade de falar ou produzir textos desse mecanismo a duas fontes: os dados usados nos treinos, que é a história da linguagem humana e da escrita, e as pessoas que etiquetam esses dados.

E hoje é possível desenvolver inteligência artificial com responsabilidade social? É possível. Demandaria atenção em muitos pontos da cadeia de produção. Precisamos pensar uma maneira em que os sistemas de IA sejam treinados para computar o que foi feito em cada passo do processo de aprendizado de máquina. De onde vêm os recursos para fazer a operação também. Placas de vídeo e computadores são grande parte do trabalho. É preciso considerar a mineração responsável pela matéria-prima envolvida na produção das peças, observar para onde vão os rejeitos, como é o uso de energia, se há gasto de combustíveis fósseis e o processo de rotulagem de dados.

Essas pessoas que classificam informação podem ter trabalho decente. Mas isso requer padrões muito mais altos do que os praticados. É interessante ver alguns think tanks financiados pelo Google estudando como isso pode ser feito, de uma maneira que as grandes corporações também estejam confortáveis para pôr em prática. Mas isso exigiria uma mudança significativa na maneira que a indústria opera neste momento.

É importante refletir se os consumidores são afetados. Os vieses intrínsecos dessas tecnologias levam à fragmentação social? Para refletir sobre justiça em IA em termos realmente amplos, é necessário pensar em uma sociedade que encare a questão da tecnologia de uma maneira ética.

Essas companhias mostram interesse em fazer essa tecnologia mais sustentável agora? Parece haver interesse. Claro que é limitado por interesses comerciais. Corporações não tomam decisões porque elas parecem legais ou parecem ser boas. Eles agem para conseguir vantagem competitiva.

Inflação, expectativa de inflação e câmbio

Juros estão elevados porque a inflação está alta, e as expectativas, desancoradas

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Tem sido comum as pessoas alegarem que o Banco Central não deveria combater a inflação pois ela é fruto de choques de oferta que irão se dissipar.

É fato que a inflação surgiu dessa forma. Mas o maior sinal de que a inflação hoje não é mais fruto de choques de oferta é que os serviços excluindo passagens aéreas rodaram nos últimos três meses a 5,7% (índice em 12 meses) . E o núcleo de serviços, que desconsidera os itens mais voláteis, rodou, nos últimos três meses, a 6,1%, acima, portanto, da inflação de preços livres, que rodou, nos mesmos três meses, a 5,8%.

Ou seja, aqueles itens da inflação, como os serviços, que não são diretamente afetados por choques de oferta têm rodado bem acima da meta.

Adicionalmente, o mercado de trabalho está muito apertado. Com já tratei em outras colunas, estamos, provavelmente, a pleno emprego.

Para piorar a vida do BC, as expectativas de inflação 12 meses à frente, coletadas pela pesquisa Focus conduzida semanalmente pela autoridade monetária, têm se elevado e fecharam janeiro a 5,4%, bem acima da meta. Ainda segundo o Focus, a inflação prevista entre agosto de 2023 e julho de 2024 encontra-se em 4,4% —novamente, bem acima da meta.

Há o argumento de que a pesquisa Focus é conduzida pelo BC com economistas que trabalham no mercado financeiro. A inflação seria, portanto, uma profecia autorrealizável. Nessa visão, os economistas de mercado desejam que os juros sejam elevados, para ganhar mais dinheiro. Assim, respondem à pesquisa superestimando a inflação, e, como todos acabam por avaliar que a inflação elevar-se-á, ela acaba por elevar-se.

Essa tese não faz sentido, pois a expectativa do consumidor, levantada pela Sondagem do Consumidor conduzida pelo FGV Ibre, se comporta essencialmente como a expectativa Focus. Ela apresenta os mesmos comovimentos, com a diferença de que a inflação esperada pelo público em geral é sempre superior à inflação esperada pelos economistas que trabalham no mercado financeiro.

Isto é, os juros estão elevados pois a inflação está elevada e desancorada. As expectativas sinalizam que a inflação não atingirá a meta no horizonte visível.

Mudando de assunto, na semana passada apresentei umas contas que sinalizavam que o real, entre 19 de outubro (antes, portanto, das eleições) e 2 de fevereiro, valorizou-se em R$ 0,23 ante o dólar. Empreguei metodologia de controle sintético com outras moedas e argumentei que, se não fosse o falatório de Lula, a valorização seria ainda maior. Em vez dos R$ 5,04, o real estaria cotado, em 2 de fevereiro, a R$ 4,8.

Leitores me criticaram, alegando que a escolha dos grupos de controle não foi feita de forma sistemática e estatisticamente correta. A crítica procede em parte. É uma metodologia simples adequada a um profissional da Faria Lima que toda semana tem que conduzir uma reunião de cenários macro.

Livio Ribeiro, meu colega do FGV Ibre, correu em meu socorro e refez os cálculos, para a mesma janela de 19/10/22 e 2/2/23, empregando um modelo fundamentalista para determinação a curto prazo do câmbio. A hipótese do exercício é que a variação do risco-país e seu impacto sobre o câmbio que não se deve a fatores internacionais é devida à turbulência doméstica. O exercício obtém resultados em linha, de fato um pouco mais intensos, com os obtidos com os sintéticos.

Assim, parece que, efetivamente, a incontinência verbal de Lula tem cobrado um preço na forma de desvalorização da moeda. De fato, o fechamento do câmbio na sexta (10) acima de R$ 5,2 indica que o problema persiste.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Um mês depois, onde estão os ex-CEOs da Americanas

Sergio Rial atua nos bastidores, e Miguel Gutierrez se mantém fiel a Sicupira

Daniele Madureira

SÃO PAULO Era a tarde de 13 de janeiro de 2023. O então presidente do conselho do Santander no Brasil, Sergio Rial, 62, convocou uma reunião com representantes de outras instituições financeiras.

Na pauta, a crise da Americanas, envolvida dois dias antes num escândalo contábil de R$ 20 bilhões. Rial havia acabado de renunciar ao comando da varejista e anunciava que passaria a atuar como assessor dos três principais acionistas da Americanas –Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira. Na reunião, ele propôs aos bancos um "haircut", expressão usada no mercado financeiro para indicar um desconto nas dívidas de uma empresa em dificuldades. Os bancos, irritados, sem entender ainda o que significavam as tais "inconsistências contábeis", negaram qualquer acordo.

Na noite do mesmo dia, foram surpreendidos com o pedido de tutela de urgência cautelar feito pela Americanas, que na prática impedia que os ativos da varejista fossem bloqueados por credores. Começava, oficialmente, a briga dos grandes bancos com a Americanas. Rial, o mensageiro, foi um dos primeiros a serem punidos: alguns dos presentes ao encontro entraram em contato com Ana Botín, presidente do grupo Santander, reclamando do evidente conflito de interesses, segundo executivos próximos dos participantes da reunião.

A herdeira do banco espanhol teria exigido, então, que Rial —responsável, no passado, por levar a filial brasileira a bater recordes de lucro— renunciasse ao cargo de presidente do conselho.

O anúncio foi feito em 20 de janeiro, um dia depois de a Americanas entrar em recuperação judicial, com dívidas declaradas de R$ 43 bilhões.

A **Folha** pediu entrevista com Rial, mas ele não respondeu. O Santander afirmou que não vai se manifestar sobre o caso.

Um mês depois, Rial continua assessorando o trio do 3G, mas agora nos bastidores, de acordo com executivos próximos. Teriam partido dele as indicações da Alvarez & Marsal, que assumiu a reestruturação das operações, e do banco Rothschild, à frente da negociação com as instituições financeiras.

O ex-CEO não vai mais à sede da companhia, mas se mantém ativo, de acordo com banqueiros ouvidos. Tem procurado credores e jornalistas para tentar diminuir o tom das críticas ao caso Americanas.

Rial chegou à Americanas para assumir o lugar de Miguel Gutierrez, 60, o executivo "prata da casa" na Americanas, onde chegou no começo dos anos 1990. Carioca, engenheiro formado pela UFRJ, Gutierrez passou os últimos 20 anos no comando da varejista, acumulando com a diretoria de relações com investidores.

A **Folha** falou com fornecedores, consultores, especialistas em varejo e prestadores de serviços da varejista. Ninguém havia conversado com Gutierrez, quase um "sujeito oculto" na Americanas. Seu contato com o mercado se restringia a teleconferências com analistas e investidores a cada três meses, na divulgação de balanços da varejista.

Gutierrez era muito próximo de Beto Sicupira, que ocupou a presidência do conselho da Americanas por anos e é hoje acionista e conselheiro da varejista. Foi ele o integrante do trio de sócios do antigo GP Investimentos (berço do 3G Capital) responsável por desenvolver a empresa, enquanto Marcel Telles fez o mesmo na Ambev.

De acordo com uma fonte que trabalhou próxima a Gutierrez na Americanas como prestador de serviços, o executivo não dava um passo sem pedir permissão a Sicupira. Não havia autonomia no alto escalão da varejista: as decisões dependiam do ex-controlador. Mesmo as menores, como o pagamento de R$ 50 mil a um fornecedor, só era era tomada após pedir anuência ao "Beto".

O mesmo acontecia com os três diretores afastados no último dia 3 —Anna Saicali (presidente da Ame Digital), Timotheo Barros (vice-presidente, responsável por lojas físicas, logística e tecnologia) e Márcio Meirelles (vice-presidente, responsável pelas áreas digital, consumo e marketing).

Ex-funcionários de alto nível se queixaram de que Gutierrez tratava executivos e funcionários de maneira grosseira e hostil, beirando o assédio moral. A **Folha** não conseguiu localizar Gutierrez: ele não mantém redes sociais, não conta com assessoria, e a Americanas diz que o ex-presidente não tem mais qualquer ligação com a empresa.

Na Americanas, onde acumulou quase 30 anos de casa, Gutierrez reproduzia, de certa forma, a postura de Sicupira, conhecido pelo perfil agressivo, diferente dos sócios Lemann e Telles que, embora fossem duros na cobrança por resultados, costumam adotar uma postura mais cordata.

"Delicadeza no ambiente de trabalho nunca foi o forte de Beto Sicupira", descreve a jornalista Cristiane Correa em "Sonho Grande", livro sobre a história do trio do 3G. "No Garantia se tornaram lendárias as cenas de destempero protagonizadas por ele. 'Trator' e 'dono da verdade' são algumas das expressões mais usadas por antigos colegas do banco [...]. No dia a dia, ele nunca economizou gritos, palavrões e murros na mesa para fazer valer sua opinião", afirma o trecho da obra.

+

94 anos; um mês

A história da Americanas

- **1929** - Fundação da Lojas Americanas
- **1940** - Abertura de capital
- **1982** - Os principais acionistas do Banco Garantia, Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, tornam-se controladores
- **28.abr.2021** - Fusão com B2W, formando a Americanas.com. Na reestruturação societária, o trio de bilionários deixam o controle e passam a ser acionistas de referência, então com 29,2% dos papéis
- **19.ago.1922** - Anúncio de Sergio Rial como CEO
- **2º semestre.22** - Executivos vendem R$ 212 milhões em ações
- **1º.jan.2023** - Rial assume como presidente
- **11.jan.2023** - Rial renuncia e revela rombo
- **13.jan.2023** - Americanas pede na Justiça proteção contra credores, concedida
- **19.1.2023** - Americanas entra com pedido de recuperação judicial, concedido

Marcos Lisboa

O artigo desta semana foi excepcionalmente publicado na edição de sexta-feira (10)

Equipe do Grupo Especial de Fiscalização do Ibama chega de helicóptero para impedir garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami neste sábado (11) Lalo de Almeida/Folhapress

Invasão de terra yanomami continua apesar de operações

Ainda há grupos armados que podem agir com violência, diz agente do Ibama

Vinicius Sassine

BOA VISTA Equipes do Ibama detectaram um fluxo de embarcações de garimpeiros com combustível e mantimentos entrando na Terra Indígena Yanomami, um indicativo da continuidade da atividade de exploração de ouro e cassiterita apesar das ações para seu desmonte.

Além disso, agentes do órgão ambiental federal constataram a disposição de grupos de invasores armados à resistência e ao enfrentamento a forças policiais que passaram a operar para destruição de aeronaves e maquinários e para a retirada dos garimpeiros.

A continuidade do fluxo de invasores terra indígena adentro e a disposição à violência constatadas pelos agentes do Ibama dão uma dimensão da complexidade e do tamanho do problema da invasão garimpeira na área yanomami, que contou com a conivência e o estímulo do governo Jair Bolsonaro (PL).

"Eu nunca vi uma destruição tão grande e tanta gente envolvida em crime ambiental. Esses 15 mil, 20 mil garimpeiros equivalem à população de uma cidade pequena", disse à **Folha** o coordenador das ações de fiscalização do Ibama na terra yanomami, Givanildo dos Santos Lima.

Lima falou com a reportagem na sexta (10), no pátio da superintendência da Polícia Federal em Boa Vista, onde estão carcaças de aviões e helicópteros do garimpo, apreendidos pela PF.

Um centro de comando e controle foi instalado na sede da superintendência, com o objetivo de planejamento das ações da chamada Operação Libertação. A operação reúne Ibama, PF, Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), Força Nacional de Segurança Pública e Ministério da Defesa.

As primeiras ações na terra yanomami foram executadas por agentes do Ibama, na segunda (6) e na terça (7). Houve destruição de aeronaves e maquinários, além de apreensão de mantimentos transportados por garimpeiros.

Agentes do Ibama destroem equipamentos de garimpeiros durante operação na semana passada Divulgação/Ibama

Nesta sexta, a PF e as Forças Armadas participaram de mais uma ação no território. A operação contou com helicópteros do tipo Black Hawk, com capacidade para transportar mais de dez policiais cada um. Antes, ao longo dos últimos dois anos do governo Bolsonaro, as Forças Armadas negavam o fornecimento de helicópteros do tipo para operações na terra yanomami.

O governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) declarou estado de emergência em saúde pública no dia 20 de janeiro, em razão da explosão de casos de malária, desnutrição grave e infecções respiratórias —associadas à fome— entre os yanomamis, especialmente nas regiões de Surucucu e Auaris. Nesta semana, teve início a Operação Libertação.

Já há um consenso no centro de comando e controle para a permissão de saída de garimpeiros que assim a desejarem, sem prisão.

Uma restrição inicial do espaço aéreo pela FAB (Força Aérea Brasileira), já flexibilizada, e a expectativa de realização de operações na terra indígena levaram a uma fuga de grupos de garimpeiros.

> Enquanto tem gente saindo, tem gente entrando. As equipes abordaram 20 embarcações de gente entrando pelo rio Uraricoera, com combustível, comida e fogão
>
> **Givanildo dos Santos Lima**
> coordenador das ações de fiscalização do Ibama na Terra Indígena Yanomami

> Há aldeias completamente destruídas, por raio de quilômetros. O garimpo espanta a caça, os indígenas não conseguem mais pescar. Há aldeias sem água potável. Por isso aqueles quadros de desnutrição
>
> **idem**

Quem não consegue pagar por voos clandestinos em aviões e helicópteros precisa fazer o caminho de volta pela floresta —são dias de varação pela mata–, em barcos –os percursos duram um ou dois dias— e a pé por estradas vicinais que conectam portinhos a vilas no interior de Roraima.

O coordenador das ações de fiscalização do Ibama disse que mais garimpeiros estão saindo do que entrando, mas que segue o fluxo de invasores para dentro do território.

"Enquanto tem gente saindo, tem gente entrando. As equipes abordaram 20 embarcações de gente entrando pelo rio Uraricoera, com combustível, comida e fogão", afirmou Lima.

O plano traçado é permitir o fluxo de garimpeiros que estejam fazendo o caminho de volta, sem apreender o combustível usado nos barcos.

A orientação de prisão, conforme o coordenador do Ibama, é para garimpeiros que insistem em permanecer no território e que manifestam a intenção de resistência e enfrentamento, como já detectado pelas forças de fiscalização e policiais. Há grupos armados entre os que ameaçam resistência, segundo Lima.

Os garimpeiros estavam acostumados a ações pontuais no governo Bolsonaro, com presença de agentes do Ibama e da PF apenas por alguns dias, o que permitia esconderijos na mata e permanência nas áreas de garimpo, conforme o coordenador.

Agora, o plano é de uma ação contínua contra os invasores, "sem prazo para acabar". "Só termina quando retirar todos os garimpeiros."

Conforme o coordenador, toda a estrutura do Ibama está montada para durar seis meses, com ações ininterruptas de equipes que se revezarão de 20 em 20 dias. Essa permanência poderá ser prorrogada por seis meses. Lima acredita que a retirada definitiva dos garimpeiros pode durar um ano.

"A gente vinha para cá com prazo para terminar [a operação]. Agora, viemos com prazo indeterminado. Montamos uma base operacional de combate ao garimpo", disse o coordenador.

Uma primeira base permanente já foi montada, e há previsão de instalação de novas bases, com presença de agentes do Ibama, PF e Força Nacional de Segurança Pública. A logística cabe ao Exército.

As primeiras incursões mostram uma ampla destruição pelo garimpo. "Há aldeias completamente destruídas, por raio de quilômetros. O garimpo espanta a caça, os indígenas não conseguem mais pescar. Há aldeias sem água potável. Não dá nem para tomar banho [nos rios enlameados pela atividade garimpeira]. Por isso aqueles quadros de desnutrição", afirmou.

Os casos de proximidade entre garimpeiros e indígenas, com cooptação para a exploração de ouro e cassiterita, são pontuais, segundo o coordenador do Ibama. "Os garimpeiros oferecem coisas que esses indígenas não conheciam, como álcool e alguns tipos de alimentos."

No governo Lula, ministros passaram a admitir a dificuldade nas ações de desintrusão da terra yanomami, diante da constatação da realidade.

"Não vamos conseguir resolver isso numa semana. Temos ações e planos a médio prazo, a longo prazo. São ações que vão durar seis meses, um ano", disse na quarta (8) a ministra Sônia Guajajara, da pasta de Povos Indígenas.

No mesmo dia, o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, afirmou que existe a preocupação de "não prejudicar inocentes", em referência a garimpeiros em fuga da terra yanomami.

"Têm pessoas que trabalham no garimpo para se sustentar. Têm mulheres, têm crianças. Têm alguns que estão trabalhando pelo seu sustento", disse Múcio.

Na sexta, a PF em Roraima cumpriu oito mandados de busca e apreensão em endereços de suspeitos de integrar uma organização de lavagem de dinheiro a partir do comércio ilícito de ouro.

O grupo teria movimentado R$ 64 milhões em dois anos. Empresas de fachada foram usadas na tentativa de dar ar de legalidade às transações financeiras, conforme as investigações. O dinheiro era oriundo de compra e venda de ouro ilegal.

Uma das investigadas é Vanda Garcia, irmã do governador Antonio Denarium (PP). Não há indícios de envolvimento do governador, de acordo com a polícia.

Pontos de observação do projeto Baleia à Vista, que organiza expedição para avistar baleias e golfinhos no mar de Ilhabela Fotos Zanone Fraissat/Folhapress

Projeto quer tornar Ilhabela destino de avistamento de baleias

Iniciativa é coordenada por empresário aposentado que já registrou 450 animais desde 2016 no balneário

FOLHA VERÃO

Mariana Zylberkan

ILHABELA (SP) O empresário aposentado Julio Cardoso, 74, checa o celular em busca de mensagens da rede informal de olheiros para sair atrás de baleias e golfinhos no mar de Ilhabela, no litoral norte de São Paulo. Ao menor indício de presença dos animais, que muitas vezes se resume a cardumes de bonito ou atum, ele embarca em sua lancha com a câmera fotográfica em punho.

A rede de informação é formada por pescadores, donos de pousadas e funcionários de restaurantes espalhados pelo balneário. Para evitar curiosos, e a aglomeração de embarcações que pode estressar os animais, o grupo com cerca de 50 integrantes usa frequências de rádio alternativas e se comunica por códigos.

"A maioria não sabe como se comportar ao ver uma baleia. Vão para cima para fazer selfies", diz Cardoso, que começou a fotografar as baleias em 2004 como hobby.

Desde 2016, quando transformou o hobby em um projeto de ciência cidadã e fundou o Baleia à Vista, Cardoso catalogou cerca de 450 espécimes de jubarte, orca, tropical (bryde), franca austral e cachalote-anão na baía de Ilhabela. A experiência foi registrada em nove publicações científicas.

Há muitas baleias vistas mais de uma vez que foram batizadas por ele. Entre elas, uma baleia tropical apelidada de Escondidinha porque submerge ao perceber qualquer barco se aproximar. "Ela tem marcas de hélice nas costas. Deve ter sido atropelada por alguma lancha, mas sobreviveu", conta Cardoso. O reconhecimento é possível por detalhes nas caudas que permitem identificar, por exemplo, uma baleia que passou por Ilhabela e foi vista na Austrália.

> A maioria não sabe como se comportar ao ver uma baleia. Vão para cima para fazer selfies
>
> **Julio Cardoso**
> criador do projeto Baleia à Vista

"O avistamento é uma forma barata de formar uma base de dados importante para a ciência", diz ele, que compartilha as informações coletadas a bordo de seu barco com universidades brasileiras e institutos internacionais.

Há cerca de dois anos, o grupo avistou duas baleias no canal de São Sebastião na rota onde cruzam as balsas.

"Tentei avisar o comandante a todo custo e elas quase foram atropeladas", lembra Cardoso.

O episódio o fez criar um programa de capacitação para ensinar os condutores das balsas sobre como proceder nessas situações.

Desde 2020, os funcionários aprendem a identificar a presença de animais no mar e acionam um sistema de alerta para avisar as demais embarcações da rota.

Julio Cardoso, que criou o projeto Baleia à Vista em 2016 e compartilha as informações com universidades brasileiras

O canal costuma atrair as baleias por causa de sua profundidade e por estar em uma rota de corrente marítima ascendente, o que favorece a presença de cardumes, principal alimento para esses animais. Além disso, Cardoso explica que parte da ilha está voltada para o alto-mar, mais um fator para as boas condições de avistamento de cetáceos.

"O fato de boa parte da vegetação ainda estar preservada é outro atrativo para elas", afirma o empresário.

O melhor período para avistar as baleias é entre junho e agosto, quando os grupos migram da Península Antártica até a costa nordeste do Brasil em busca de águas mais quentes durante o período reprodutivo.

É nesta época do ano que os operadores de turismo organizam passeios com esse propósito em volta da ilha. O guia Marcos Cara, dono de uma agência há 22 anos no balneário, diz que não tem mais vaga para as saídas programadas no período.

"É um perfil diferente de turista, são pessoas que vêm a Ilhabela especificamente para isso. Fazem o passeio de dia e voltam para casa", diz Cara.

Ele conta que sempre presenciou baleias no mar em sua rotina como guia de turismo, mas a relação com os animais mudou após conhecer Julio Cardoso.

"Eu não me canso de ver, é algo viciante", diz. "Eu saio escondido quando sei que tem baleia no mar, navego sozinho e volto correndo para trabalhar, só para dar uma olhada", continua.

O cuidado serve para despistar curiosos que possam assustar e espantar as baleias, como a ocasião em que conta ter sido seguido por uma fila de barcos e motos aquáticas.

A presença em massa de baleias no litoral norte paulista atraiu pesquisadores do Instituto Baleia Jubarte, criado em 1988 no Parque Nacional de Abrolhos, na Bahia, principal destino de avistamento de baleias do país.

Desde julho do ano passado, o instituto mantém um espaço cedido pela Prefeitura de Ilhabela, na praia do Perequê, para divulgar informações sobre a espécie aos turistas.

"Esse é mais um serviço que as baleias nos prestam. Além de nutrir os oceanos, elas ajudam na sensibilização de que é preciso proteger o ambiente", diz Rafaela Souza, coordenadora de pesquisa da base de Ilhabela do Instituto Baleia Jubarte.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Fã de vinhos, saiu de orfanato para criar a própria família

IVONE MEDEIROS DE PROL (1935 - 2023)

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Dois dias antes de sua mãe partir, Paulo Prol Medeiros, 59, foi visitá-la no hospital e ouviu um convite. "Estava lúcida e disse 'arruma uma taça de vinho para mim?'". Ivone era fã da bebida, que tomou o lugar da cerveja como a preferida.

Mas o hábito era acompanhado por uma rotina saudável. Enquanto pôde, praticou exercícios físicos e caminhadas nas orlas de Santos para manter-se ativa e curtir a família.

Zelar pela saúde foi uma das respostas à infância difícil, quando teve tuberculose no orfanato em que viveu junto com a irmã mais nova, Arlete.

Nascida em 1935, em Itapema, na periferia de Guarujá (na Baixada Santista), Ivone perdeu pai e mãe muito cedo. Foi acolhida com a irmã por Maria Máximo no Centro Espírita Ismênia de Jesus, fundado por ela em Santos.

Arlete foi adotada e deixou a casa. Mas por causa da doença nos pulmões, Ivone precisou ser levada para Ribeirão Pires para passar por tratamentos.

De volta ao orfanato, terminou o ensino fundamental e passava os dias na janela vendo e falando com as pessoas na rua, inclusive o jovem espanhol Antonio Prol.

Ele estranhou a ausência de Ivone depois de um tempo. Soube que, por completar 18 anos, ela teve de sair do orfanato e foi trabalhar como empregada doméstica.

O casamento com Antonio Prol aconteceu logo em seguida, e Ivone começou a construir sua própria família. Vieram os filhos Antonio Carlos, Horácio e Inês, além de Paulo, e ela tornou-se o porto seguro de todos, inclusive nos debates em ocasiões de festa.

"Meu pai é um cara mais à direita, e eu e Horácio, à esquerda. Então, a gente sempre teve essas discussões", diz Paulo. "Quando vieram os filhos e sobrinhos, cada um foi tomando seu lado, mas minha mãe acompanhava e fazia a temperatura diminuir. No fundo, ela também foi mais à esquerda, sem marcar posição", completa.

Junto com o marido, mestre de obras, conheceu a Espanha e outros países da Europa e das Américas.

Uma grata surpresa foi um telefonema na década de 1980. Era Arlete, a parte que faltava de sua família. Ela achou o nome da irmã na lista telefônica e retomou o contato.

Ivone Medeiros de Prol morreu em 17 de janeiro, aos 87 anos, em Santos, por complicações causadas pelo mal de Alzheimer. Seu último desejo, atendido, foi um brinde com vinho no velório. Deixa o marido, Antonio, 87, quatro filhos, oito netos e 11 bisnetos — a décima segunda está a caminho.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

alalaô

Portela completa cem anos como a escola mais antiga do Carnaval

Agremiação vai trazer baluartes de sua história em desfile sobre o centenário na Sapucaí

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO É noite de quarta-feira em Madureira. As mesas de plástico ocupam a rua, o salsichão bronzeia na brasa e a comunidade se espreme para filmar as passistas paramentadas de azul e brilho, que riscam o asfalto até ultrapassar as catracas da quadra.

Sob a vigília de uma enorme águia iluminada, lá dentro os tambores rufam e o suor escorre. Não é o ensaio de sexta-feira, quando o público se enche de visitantes que pagam para vir de longe à zona norte carioca, por isso as cervejas agora são raras e os olhos, atentos.

É o centésimo Carnaval da Portela, e não dá para errar. A escola de samba celebrará na avenida dez décadas de existência como a agremiação mais antiga em atividade e a única que participou de todos os desfiles desde o surgimento da festa —a qual ajudou a moldar.

Integrantes da Portela sambam durante ensaio na quadra da escola, em Madureira, zona norte do Rio Eduardo Anizelli/Folhapress

Tem também no currículo o maior número de títulos nesse período. Foram 22, além da contribuição imensurável de sambistas como Monarco (1933-2021), Candeia (1935-1978), Paulinho da Viola, 80, Noca da Portela, 90, e David Corrêa (1937-2020).

"Nessa escola só tem gente que compõe bonito", brinca Wanderley Monteiro, 62, que em 2023 igualou esses dois últimos nomes em número de sambas-enredo campeões nos concursos da agremiação. "Só no número, não na história", ressalva.

Sua sétima canção vencedora, escrita com outros seis compositores, entoa: "Vejo um futuro mais lindo nas mãos de quem sabe o valor do passado". Os versos acompanham o enredo "O Azul que Vem do Infinito", que vai narrar os cem anos da Portela pelo olhar de cinco de seus baluartes.

Cada um abarcará cerca de 20 anos de trajetória e lembrará os principais acontecimentos de sua época de protagonismo, começando por Paulo da Portela (1901-1949), o principal fundador do então bloco "Ouro sobre Azul", no bairro ainda rural de Oswaldo Cruz.

"A escola era dirigida de forma diferente dos outros blocos e, para escapar da perseguição policial, evitavam-se os arruaceiros e os confrontos de rua", explica a enciclopédia do Itaú Cultural. Entraram o terno branco, os sapatos e os anéis, e o grupo venceu o primeiro desfile oficial do Rio, em 1935, com "O Samba Dominando o Mundo".

Quem carregou a bandeira da escola naquele ano e em muitos outros foi Dodô da Portela (1920-2015), a responsável por contar a segunda parte da história. Ela depois passará o bastão a Natal da Portela (1905-1975), bicheiro e patrono tão amado quanto polêmico.

Os já citados David Corrêa, compositor, e Monarco, último presidente de honra, vão encerrar o arco narrativo do desfile. Era consenso dentro da quadra que o enredo de 2023 versaria sobre o centenário.

> Este momento [centenário] está cortando o coração do portelense. Tem uma carga emocional muito forte, relembrar as pessoas que nos deixaram, relembrar os desfiles passados
>
> **Fábio Pavão**
> presidente atual da Portela

"Finalmente chegou", comemora Fábio Pavão, presidente atual da escola. "Este momento está cortando o coração do portelense. Tem uma carga emocional muito forte, relembrar as pessoas que nos deixaram, relembrar os desfiles passados."

Ele tem todos na ponta da língua. Antropólogo de formação e pesquisador da Portela, Pavão destaca, por exemplo, quando a agremiação ganhou sete vezes seguidas, de 1941 a 1947, e depois outras quatro, de 1957 a 1960. É inesquecível também o título de 2017, após 33 anos de jejum.

Ele lembra ainda que a escola foi uma das grandes responsáveis pelo Carnaval ser o que é hoje. Criou fundamentos do espetáculo, incluindo o enredo contado a partir de alegorias e fantasias, a comissão de frente e o apito da bateria.

Mas não foram só momentos bons, vide o vexame de desfilar com uma águia sem asas em 2005. "Ficamos dez anos sem voltar ao desfile das campeãs, entre 1998 e 2008", diz ele, ressaltando que é preciso pensar a história da Portela inserida na história da sociedade e da cidade.

"As escolas de samba da década de 1920 eram grupos comunitários, familiares, hoje são empresas. Acompanhar essas mudanças nem sempre é fácil, por isso só três das que participaram do primeiro desfile continuam em atividade, incluindo a Mangueira e a Unidos da Tijuca."

Vilma Nascimento, a Cisne da Passarela, em seu primeiro ano como porta-bandeira da Portela, em 1957 Arquivo pessoal/Divulgação

O Carnaval mudou, e Madureira também. Transformou-se num grande centro comercial e caldeirão cultural, misturando a população negra expulsa do centro da então capital e ex-escravizados vindos do interior e de outros estados, como Minas Gerais.

Essa miscigenação entre urbano e rural formou a identidade "suburbana" da Portela. Na contramão, a escola ajudou a compor a identificação do que é ser Madureira, sendo frequentada por várias gerações do bairro.

Só na família da porta-bandeira Camyla Nascimento, 34, foram quatro. A avó, a tia, ela e a sobrinha já conduziram o estandarte azul e branco. Aprendeu com a pioneira Vilma Nascimento, 85, cuja elegância e leveza lhe renderam a alcunha de Cisne da Passarela.

"Ela conta que antigamente não se julgava a dança do casal, só a bandeira. Eles aproximavam a bandeira do jurado, que olhava os detalhes de perto", diz a neta.

Vilma acompanhou as transformações do Carnaval da década de 1950 até os anos 1990 e conquistou diversos Estandartes de Ouro, o Oscar do espetáculo. Foi a primeira a usar penas na fantasia, costeiro com plumas e peruca feita com cabelo, entre outras inovações.

"A Portela é tradição e vanguarda, é uma das escolas de samba que não podem cair nunca", resume o compositor Wanderley Monteiro enquanto, lá dentro, meninas sacodem a cintura e mexem as canelas olhando a velha guarda passar.

Veja como evitar ciladas de saúde no Carnaval

Cigarro eletrônico é porcaria, diz médico, e comer hambúrguer gorduroso no fim do bloco pode não ser uma boa ideia

Lucas Lacerda

são paulo Enquanto foliões preparam os últimos detalhes de fantasias para mais um Carnaval intenso após o fim de restrições da pandemia, é preciso tomar alguns cuidados com a saúde. Doenças comuns e graves, como mononucleose ou ceratite, e situações como ressaca e anafilaxia podem abreviar a folia.

Veja as principais dicas para completar a jornada de Carnaval de forma segura.

Como se preparar

O ideal é fazer uma refeição equilibrada antes de sair, seja café da manhã ou almoço, com carboidratos e proteínas. Vanessa Prado, integrante da Sociedade Brasileira de Cirurgia do Aparelho Digestivo, indica no almoço "o bom e velho prato brasileiro, com arroz, feijão, carne e legumes".

Na preparação da fantasia, é bom ficar de olho em possíveis reações como vermelhidão e coceira nos locais com aplicação de maquiagem e cosméticos. Também vale levar um frasco pequeno de álcool em gel, que será valioso no meio da multidão.

Seguindo os blocos

Especialistas ressaltam que a pandemia de Covid não acabou e que aglomerações são ambientes que facilitam o contágio desta e de outras doenças virais, como a gripe. Quem vai viajar para o interior deve tomar cuidado com a febre amarela

Foliões trocam beijos durante desfile do bloco Estado de Folia, neste sábado (11), em São Paulo Adriano Vizoni/Folhapress

Quero é beijar na boca

Mononucleose é uma das doenças mais comuns no Carnaval para quem beija na boca, e a transmissão é facilitada porque os sintomas podem aparecer em até três dias depois da contaminação. Os sintomas mais comuns se parecem com os da gripe. Herpes, sífilis e sapinho, apelido da candidíase oral, também são transmitidos pelo beijo.

Também é importante usar preservativo para evitar as ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), que representam um risco mais alto na época do Carnaval.

Cigarro eletrônico

"Não se pode dizer 'cigarro eletrônico é legal, só não podemodificar potência e trocar por canabinoide'. Todos são uma porcaria", afirma Gustavo Prado, pneumologista do Hospital Alemão Oswaldo Cruz.

Cuidado com os lanches

Se precisar comer durante o bloco, escolha lanches lacrados ou aqueles que permitam saber a procedência. Além disso, evite, se puder, comidas muito gordurosas, como pizza e hambúrguer (o famigerado "podrão"), que fermentam mais no estômago, causando dor e refluxo. A gastroenterocolite, que é uma inflamação causada por bactérias e intoxicações alimentares, é o problema mais comum no Carnaval. No fim da jornada, vale manter a hidratação com água e sucos, além de fazer uma refeição completa.

Adams Carvalho

Tratado geral dos chatos

A chatice não é só um dom, é um ofício

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por quem as panelas batem"

"Ah, ele é chato, MAS, no fundo, ele é legal". Tá errado. A conjunção não é adversativa, é explicativa. Ele é chato PORQUE, no fundo, ele é legal. É justamente essa bondade, essa pureza, essa ubérica disponibilidade e essa labradôrica fidelidade que fazem do chato, um chato.

Desconfio que haja menos chatos nos anéis do inferno de Dante do que ao lado de nosso Senhor. Pois a virtude é a principal arma do chato. É ela a Super Bonder que cola sua chatice à nossa culpa. Se o chato vacilasse, desse mancada, fosse um canalha (sonhar não custa nada) a cola derreteria. Pois diante de um canalha, de um mau-caráter, de um cretino poderíamos, com a consciência tranquila, dizer, "não, não vou no mês-versário de quatro meses da sua filha em Botucatu", "não, não lerei seu romance de 867 páginas grifando e dando sugestões", "não, não te darei carona até a Vila Nova Conceição se a festa é em Perdizes e eu moro no Sumarezinho".

Acontece que o chato tem crédito. Quando montaram a sua peça lá no Sesc Belenzinho, domingo às nove da matina, quem estava na bilheteria desde às oito e meia, serelepe e sorridente? Quando a bateria do seu carro arriou no meio da Tamoios, duas da manhã, quem vinha no carro logo atrás, com um fio para chupeta no porta-malas? Uma vez o chato conseguiu pra você duas entradas para um show do Caetano Veloso. Isso foi em 1996, mas show do Caetano é um trunfo e tanto, o chato sabe disso e sabe manter "sempre teso o arco da promessa". Que promessa? A de te chatear para sempre, "pelos sete buracos da sua cabeça".

A chatice não é só um dom, é um ofício. O chato tem uma planilha Excel mental onde estão anotadas todas as boas ações já feitas para você e todas as mínimas mancadas que você eventualmente teve com ele. Daí, num ato de paranormalidade, ao te encontrar ele compartilha este arquivo contigo, demonstrando assim o crédito que tem —e usa— para te aporrinhar .

Meu pai, conforme amadurece, vai tomando certas liberdades para com, vamos dizer assim, as convenções sociais —sinal inequívoco, aliás, de sabedoria. Teve um aniversário em que ele proibiu uma prima de levar o marido. Ligou pra ela e disse: Você tá convidada, mas o Jorge, não. Maior treta na família. Ligo pro meu pai tentando botar panos quentes. Bastou uma frase dele para eu entender a retidão, a coragem e a libertação presente em seu ato. "Antonio, o Jorge comprou um aquário —e ele explica, desde as pedrinhas do fundo até o tampo de vidro."

"Embaixo de tudo vem uma camada de xisto da Índia, que o xisto normal muda o pH da água, você sabia?". "Aí vem meia hora de pH, Antonio". "Depois do xisto —da Índia, lembra?— vem uma camada de lã de vidro, pra filtragem. Mas não a lã de vidro industrial, uma lã de vidro especial que vende em pet shop". "Meu filho, quando ele chega no peixe já tá de noite. Eu que não vou passar meu aniversário ouvindo falar da dieta floculada do peixe tetra-neon."

Embora esteja 100% ao lado do meu pai, pelo bem da família tentei argumentar: "Pai, lembra quando você operou o coração? O Jorge passou uma tarde inteira ao seu lado, no hospital". "Era golpe, Antonio! Ele já tinha tudo planejado! Tava me olhando ali cheio de sonda e pensando: daqui a vinte anos eu vou comprar um aquário e vou explicar direitinho pra ele, do xisto indiano ao limpa-limo do tampo de vidro. Não, Antonio. Eu tenho 77 anos, sei lá quanto tempo me resta, mas sei que não quero gastar um minuto que seja ouvindo explicação de aquário". Meu pai está certíssimo. Ainda mais porque, ouvi dizer, o Jorge agora começou um minhocário.

| DOM. Antonio Prata | **SEG. Marcia Castro**, Giovana Madalosso | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Juliano Spyer, Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Banda do bloco Obscênicas, que desfilou na Barra Funda neste sábado (11), em São Paulo Bruno Santos/Folhapress

Tempo ruim murcha blocos no pré-Carnaval de São Paulo

Volta da festa às ruas da cidade foi marcada também por furtos de celular

SÃO PAULO Chuva forte, blocos que não apareceram e relatos de furtos de celulares. A largada do pré-Carnaval de São Paulo não aconteceu como esperavam os foliões que desde 2020 esperavam a volta da festa nas ruas da cidade, interrompida nas duas últimas edições pela pandemia de Covid-19.

Ensopados e com fantasias e maquiagem desmilinguidos, os poucos foliões que não se deixaram intimidar pelo céu carregado celebraram o retorno de alguns dos principais cortejos do país à capital paulista.

Em um dos pontos altos do dia, Alceu Valença se apresentou na região do Ibirapuera e mostrou que com ele não tem tempo ruim. Agregou tribos, unificou diferenças e mostrou, mais uma vez, que Carnaval dos bons é aquele que arrasta multidões animadas.

Essa foi uma das poucas apresentações que permaneceu lotada, apesar do aguaceiro. A expectativa de público, que era de 450 mil pessoas, parecia não ter chegado a tanto numa olhada panorâmica do alto do caminhão de som.

Na zona oeste, o bloco Sargento Pimenta levou à avenida Brigadeiro Faria Lima repertório dos Beatles, mas o temporal obrigou foliões a se abrigarem onde puderam: sob árvores, toldos de carros de lanches ou guarda-sóis dos vendedores de bebidas.

Apesar da estrondosa adesão à trilha sonora, foram os furtos de celular o maior hit do bloco. A maioria dos relatos é de celulares desaparecendo dos bolsos de calças e bermudas, mas também houve reclamações de pochetes abertas.

Questionada a respeito dos furtos, a PM afirmou que foi acionada para duas ocorrências em um bloco na avenida Faria Lima na tarde deste sábado.

A corporação ainda afirmou que, posteriormente, prendeu um suspeito de furtar celulares na rua Henrique Schaumann, nas proximidades do bloco. Cinco aparelhos foram localizados com o detido. No centro, três homens foram presos em flagrante durante um furto na praça do Patriarca.

A Secretaria da Segurança Pública reiterou a importância de realizar o boletim de ocorrência para realizar o mapeamento dos locais onde crimes aconteceram.

O público muito aquém do esperado no Bloco da Favorita, em Santo Amaro, na zona sul de São Paulo, frustrou ambulantes.

"Está muito decepcionante. Por enquanto, não vendemos praticamente nada", disse André Luís de Oliveira, 50, que veio da Praia Grande, no litoral sul de São Paulo, para conseguir um dinheiro extra vendendo cerveja e refrigerante. **Bruno Lucca, Karina Matias, Roberto de Oliveira e Patrícia Pasquini**

Vizinhos de desfiles estocam comida e protegem prédios

Isabella Menon

SÃO PAULO Estocar comida, instalar grades e tapumes para proteger fachadas de prédios ou fugir de São Paulo. Essas são algumas das manobras adotadas durante o Carnaval por aqueles que vivem próximo ao trajeto dos blocos de rua da capital paulista.

Enquanto os desfiles são aguardados ansiosamente por foliões, o cenário é o oposto para quem vive ou trabalha em áreas de festa. Para eles, a folia é motivo de prejuízo e dor de cabeça.

A reclamação é tamanha que, às vésperas do início dos cortejos, o Ministério Público foi procurado por associações de moradores e comerciantes de Pinheiros (zona oeste) e instaurou um inquérito na última terça (7) para apurar o impacto do Carnaval de rua no trânsito do bairro.

Eliana Oliveira integra a Amor Pinheiros, um dos grupos que acionou a Promotoria. Ela afirma que, durante os desfiles, os moradores ficam impossibilitados de sair de suas casas e sofrem com o barulho. E diz que os cortejos também prejudicam quem trabalha na região, que enfrenta dificuldades de deslocamento. "Os blocos são ouvidos, mas o cidadão, não", critica Oliveira.

Ela conta que costuma estocar comida para não ter que ir ao supermercado durante os dias de blocos.

Conselheira do edifício Santa Rita, no centro, Rita Palma diz que o Carnaval traz problemas constantes aos moradores e conta que o prédio em que vive e outros nove da região se reuniram para alugar grades e reforçar a segurança privada, a fim de evitar que as fachadas sejam depredadas.

"Isso nos custa um bom dinheiro, e a segurança, que deveria ser oferecida pelo poder público, não acontece", diz. Ela calcula que o grupo já gastou mais de R$ 100 mil com a iniciativa.

O advogado Cândido Prunes, que mora na região da praça da República, concorda com Rita. Ele afirma que os moradores da região ficam ilhados e sem acesso a socorro médico caso necessitem. Depois de ter passado por muito incômodo no Carnaval de 2020, ele planeja sair de São Paulo neste ano.

"Sou obrigado a sair da minha casa porque o poder público tolera que um bando de pessoas bêbadas possam promover uma desordem na minha casa. Ficamos ilhados e precisamos sair pisando em fezes, urina e vômito de foliões."

O Ministério Público recomendou que a prefeitura adote medidas para evitar a prática de atos irregulares durante os festejos.

A reportagem indagou quais seriam essas medidas, mas a Promotoria informou que ainda aguarda as respostas do município, que tem até o dia 17 de fevereiro, início oficial do Carnaval, para responder.

A Prefeitura de São Paulo afirmou que foi notificada sobre o inquérito e que irá prestar os devidos esclarecimentos dentro do prazo. A gestão afirma que a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) estará presente em todos os cortejos e que a liberação das vias acontecerá "imediatamente após a passagem dos blocos".

ciência

Neandertais caçavam elefantes e aproveitavam cada pedaço de carne

Operação quase industrial contraria a imagem de criaturas intelectualmente limitadas dos povos da Era do Gelo

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Mais de 100 mil anos atrás, neandertais (*Homo neanderthalensis*) que viviam na região central da Alemanha caçavam os maiores animais terrestres da Era do Gelo: os elefantes-de-presas-retas, que podiam chegar a 13 toneladas —o dobro dos elefantes-africanos de hoje.

A conclusão vem de um novo estudo que mapeou em detalhes a operação tocada pelos neandertais para aproveitar cada pedaço de carne dos paquidermes da maneira mais sistemática possível. Os dados indicam uma considerável capacidade de organização, planejamento e cooperação por parte dessa espécie de seres humanos arcaicos, contrariando a imagem de criaturas intelectualmente limitadas muitas vezes associada a eles.

O "açougue de elefantes" foi identificado inicialmente graças a um trabalho de salvamento arqueológico décadas atrás, já que a área de origem dos fósseis, designada como Neumark-Nord 1, acabou sendo cedida à mineração de carvão. Ossos e artefatos feitos pelos neandertais estavam presentes no local, que correspondia a um lago e às suas margens há 125 mil anos.

Na época, o mundo vivia o que os especialistas chamam de período interglacial, uma fase do Pleistoceno —a conhecida Era do Gelo— em que as condições climáticas da Europa eram bastante amenas.

Além do formato das presas, diferente do visto nos elefantes modernos, os *Palaeoloxodon antiquus* se caracterizavam pelo grande dimorfismo sexual —as fêmeas pesavam mais ou menos a metade dos machos— e também pela altura, que chegava a 4 metros.

Na nova pesquisa, publicada na revista Science Advances, a equipe liderada por Sabine Gaudzinski-Windheuser, do Museu da Evolução Comportamental Humana em Neuwied (ALE), analisou as características dos elefantes-de-presas-retas e as marcas deixadas em seus ossos pelos instrumentos dos neandertais.

É comum que os pesquisadores atribuam a presença de bichos tão grandes a atividades de "carniçaria" por parte dos humanos primitivos. Ou seja, eles teriam se aproveitado da morte natural dos animais ou roubado a carcaça de predadores, como leões.

O trabalho da equipe alemã, no entanto, mostrou que isso é improvável. Dos 57 elefantes encontrados, quase todos parecem ter chegado à idade adulta, com mais de 25 anos. E muitos eram machos.

4 m
de altura, até os ombros, tinham os elefantes-de-presas-retas, os maiores animais terrestres da Era do Gelo

2.500
"pacotes diários" de refeições para os Neandertais, com 4.000 calorias cada um, calculam os cientistas

Considerando o comportamento dos elefantes atuais, os cientistas consideram que o mais provável é que os neandertais privilegiassem a caça dos machos adultos solitários, que podiam ser abatidos com lanças e, além disso, traziam o maior retorno em termos de quantidade de carne.

E, de fato, as marcas de instrumentos de pedra nos animais revelam que os neandertais faziam de tudo para obter o máximo de proteína e gordura dos elefantes. Os paquidermes eram fatiados literalmente da cabeça aos pés, com incisões feitas para ter acesso ao cérebro, à língua, à carne das costelas e às "almofadinhas" características das patas dos elefantes. Essas estruturas rendem até 2 kg de gordura, muito valorizada por caçadores-coletores.

Cada elefante seria capaz de fornecer 2.500 "pacotes diários" de refeições, com 4.000 calorias cada um, calculam os cientistas. Isso indica que os grupos neandertais devem ter contado com técnicas de preservação de toda essa carne e, também, que podem ter se reunido com outros grupos para compartilhar o banquete.

Precisamos falar de saguis (e com eles)

Bioacústica digital e algoritmos prometem inaugurar comunicação interespécies

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, aujtor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

Saguis são bichos estranhos. Há histórias incríveis de micos roubando objetos e comida de apartamentos em Santa Teresa, no Rio, ou os óculos de turistas enjaulados em carros no antigo Simba Safari paulistano. Só falta usarem ChatGPT.

Um deles, em Caruaru (PE), se vingou urinando no jornalista que não lhe deu comida. A mesma vítima já se viu encurralada por um bando de minipivetes, com a mulher, num chalé de hotel de praia perto de Ilhéus (BA).

O erro do casal hospedado foi colocar bananas no deque da cabana, que atraiu uma dúzia de macaquinhos. O primeiro a chegar emitiu guinchos que quase não se ouviam, mas ficaram registrados no vídeo gravado com câmera digital.

O erro seguinte foi assistir à filmagem na tela de cristal líquido da máquina. O que era quase inaudível, ao vivo, na reprodução pelos minúsculos alto-falantes do aparelho escapou completamente aos ouvidos humanos —mas não aos diminutos tímpanos dos miniprimos primatas.

O deque começou a se encher de novo de saguis em busca de bananas, que não estavam mais lá. Dava para ver que estavam irritados e pareciam decididos a invadir o quarto em busca de frutas.

As portas de vidro foram fechadas com rapidez. Vários deles se aproximaram, espiando o interior com as mãozinhas apoiadas na vidraça. Demorou alguns minutos para se convencerem de que tinham caído num engodo (involuntário, verdade).

O casal saiu da experiência convencido de que os guinchos que mal se ouviam foram na verdade um chamado bem preciso: "Venham, venham, está sobrando banana aqui". E, mais ainda, que era possível seres humanos se comunicarem com os micos por meio de um aparelho, mesmo desconhecendo o que diziam.

O cerco simiesco ao chalé voltou à memória com a leitura de entrevista de Karen Bakker, da Universidade de British Columbia, para a revista Scientific American. Autora do livro "The Sounds of Life" ("Os Sons da Vida"), ela defende a ideia instigante de que a tecnologia vai ajudar a entender o que animais falam entre si, quem sabe até a falar com eles.

Seria uma chacoalhada merecida no antropocentrismo, a começar pelo dogma de que a linguagem simbólica é privilégio da espécie humana. Lá se foi o tempo em que estudos desse tema com animais se limitavam a tentar fazer com que se comunicassem como nós, como ao ensinar a língua de sinais para a gorila Koko.

[...]
"Chegará o dia da comunicação interespécies, em que falaremos com os animais e eles nos entenderão? O dia em que deixaremos de sorrir e balançar a cabeça, com desdém, quando um indígena da floresta disser que animais e plantas são seres sociais como nós, a seu modo? Tomara

Agora se trata de investigar como outras espécies se entendem em seus próprios termos, explica Bakker. Antes de mais nada, lançando mão da bioacústica digital (BD): microfones e gravadores miniaturizados que podem registrar sons emitidos por animais, ao longo de muitas horas, no próprio ambiente em que vivem.

O registro origina uma avalanche de dados, analisados então por meio de inteligência artificial (IA). Em resumo, algoritmos para buscar padrões linguísticos na algaravia, ferramentas como as criadas para processamento de linguagem natural que permitiram avanços como o tradutor do Google e o ChatGPT.

Com esses recursos, conta Bakker na entrevista, já foi possível constatar que morcegos, por exemplo, usam algo próximo de nomes próprios para se comunicar, embora não possamos ouvir nem entender o que dizem. Mas a dupla BD-IA pode.

Chegará o dia da comunicação interespécies, em que falaremos com os animais e eles nos entenderão? O dia em que deixaremos de sorrir e balançar a cabeça, com desdém, quando um indígena da floresta disser que animais e plantas são seres sociais como nós —"humanos", a seu modo?

Tomara. Aí o jornalista apavorado com os saguis, em lugar de repetir mecanicamente "está sobrando banana aqui", poderia usar sua limitada inteligência natural para perguntar ao ChatGPT.2.0: Como se diz na língua deles "fiquem na sua, seus pirralhos"?

esporte

Sem Tom Brady, Mahomes joga final para ser o novo rei da NFL

Após aposentadoria do maior nome da história do futebol americano, candidato a sucessor busca o troféu

PHILADELPHIA EAGLES
KANSAS CITY CHIEFS
20h30, em Glendale
Na TV: Rede TV! e ESPN/Star+

Patrick Mahomes espera levar os Chiefs ao título da NFL Kevin C. Cox - 29.jan.23/AFP

Alex Sabino

SÃO PAULO O trono está vago. E Patrick Mahomes, 27 anos, US$ 45 milhões (R$ 235 milhões) de salário por ano, é o maior candidato a ocupá-lo.

Com a aposentadoria de Tom Brady, o título de maior jogador da NFL, a liga profissional de futebol americano, o esporte mais popular dos Estados Unidos, está vago. Mahomes poderá reforçar sua candidatura de herdeiro se vencer o Super Bowl, a final do torneio, neste domingo (12). Sua equipe, o Kansas City Chiefs, enfrentará o Philadelphia Eagles.

Na última semana, Brady anunciou pela segunda vez que não joga mais. Havia feito o mesmo no ano passado, mas decidiu retornar para mais uma temporada pelo Tampa Bay Buccaneers. Ele jura que agora é para valer.

Evitar que Mahomes vença o segundo Super Bowl da carreira é o plano de Jalen Hurts, líder do Philadelphia Eagles, que começou como azarão e virou favorito ao título.

Os dois são os quarterbacks. É a posição de lançador. Nenhuma é tão importante do futebol americano.

Será a primeira vez que o Super Bowl, agora em sua 57ª edição, terá confronto entre dois quarterbacks negros.

"Brady é o maior de todos os tempos. Ele é único", elogiou Mahomes, ao anúncio da aposentadoria do também quarterback que, por New England Patriots e Buccaneers, é o maior vencedor da história da NFL: sete títulos.

Mahomes, tal qual Brady, tem o talento para arrancar vitórias das garras da derrota. Foi o que aconteceu nas finais de conferência deste ano, contra o Cincinnati Bengals. Nos atuais playoffs, ele tem jogado bem apesar de lesão no tornozelo. Foi eleito MVP, o melhor jogador da temporada regular, depois de acertar 67% dos passes e lançar para 41 touchdowns, a pontuação máxima do esporte.

Já Hurts, além da precisão e do crescimento que demonstrou, tem a vantagem de contar com uma linha ofensiva quase inexpugnável. São os jogadores que bloqueiam os defensores rivais. Eles dão tempo e liberdade para o quarterback lançar. E, quanto mais livre, maior a chance de o lançamento ser preciso.

Mahomes e Brady se enfrentaram no Super Bowl há dois anos, e o agora aposentado levou a melhor. Como Mahomes não foi brilhante mesmo na final que venceu, em 2020, uma nova derrota agora pode levantar contra o lançador dos Chiefs as críticas de que não consegue atuar tão bem quando o título está em jogo.

Ele já é apontado como herdeiro de Brady há alguns anos. A promessa sempre existiu em sua trajetória. Ele foi a décima escolha na primeira rodada do draft de 2017, o sistema de recrutamento de calouros.

Pelos Eagles, Hurts foi a 53ª seleção, já na segunda rodada.

Quem lembrar que Brady passou incólume pelos times e foi draftado pelos Patriots apenas na sexta rodada vai perceber que os avaliadores da NFL nem sempre acertam: 198 nomes foram chamados à frente do maior da história.

FLAMENGO BATE AL AHLY E FICA EM TERCEIRO
O Flamengo contou com dois gols de Pedro (foto) e dois de Gabigol para derrotar o egípcio Al Ahly por 4 a 2 e obter a terceira colocação no Mundial de Clubes; a posição rendeu ao time um prêmio de cerca de R$ 12 milhões Alexandre Neto/Reuters

ESPORTE AO VIVO | **10h Corinthians x Flamengo** Supercopa fem., GLOBO/SPORTV | **16h Portuguesa x Corinthians** Paulista, RECORD/PREMIERE | **19h São Paulo x Santos** Paulista, PREMIERE/PAULISTÃO PLAY

esporte

Real Madrid amplia domínio no Mundial

Campeã de novo, em vitória sobre o Al Hilal, equipe branca é dona de cinco das última nove edições da competição

Marcos Guedes

O capitão Karim Benzema ergue a taça do Mundial de Clubes no estádio Príncipe Moulay Abdellah, em Rabat Andrew Boyers/Reuters

SÃO PAULO Após três anos em que passou por outras mãos, o Mundial de Clubes é novamente do Real Madrid. A equipe espanhola chegou ao título da edição 2022 do torneio —atrasado por causa da Copa do Mundo no final do ano passado— com uma vitória por 5 a 3 sobre o Al Hilal, no estádio Príncipe Moulay Abdellah, em Rabat.

A formação saudita, responsável pela eliminação do Flamengo nas semifinais, não foi páreo para o campeão europeu. Até teve bons momentos e chegou à rede com Marega e Vietto (2), porém acabou sucumbindo diante de um adversário poderoso, que triunfou com gols de Vinicius Junior (2), Valverde (2) e Benzema.

Foi a quinta conquista da equipe espanhola nas últimas nove edições da competição. Ninguém ganhou tanto o torneio organizado pela Fifa desde 2000 —de forma ininterrupta, desde 2005. Contabilizadas também as glórias intercontinentais, são oito troféus que ajudam a explicar por que a agremiação é largamente considerada a maior do mundo do futebol.

Em Marrocos, o Real alcançou o título fazendo nove gols em dois jogos. Nas semifinais, com maiores dificuldades: sofreu pressão e só chegou ao 4 a 1 sobre o Al Ahly, do Egito, marcando duas vezes nos acréscimos. Na decisão, a superioridade ficou bem clara na maior parte do jogo, exceção feita a momentos de displicência defensiva.

A equipe dirigida pelo italiano Carlo Ancelotti –cotado para assumir a seleção brasileira no meio do ano– chegou ao Mundial após um período de dificuldades na Europa. Seu último jogo antes do embarque à África foi uma derrota por 1 a 0 para o Mallorca, pelo Campeonato Espanhol, resultado que animou os flamenguistas mais otimistas.

Mas o Flamengo foi derrotado nas semifinais e não teve nem a chance de encarar o gigante na final, na noite de sábado (11). Coube ao Al Hilal a tentativa de derrubá-lo. Algo que, perceberam Paris Saint-Germain, Chelsea, Manchester City e Liverpool na última Champions League, é uma tarefa muito difícil.

Não demorou para que os favoritos abrissem o placar, aos 13 minutos, com a combinação letal Benzema/Vinicius Junior. Após tabela com Kroos, o francês serviu o brasileiro, que saiu na cara do gol. Aos 18, após cruzamento de Modric e corte parcial do goleiro Al-Mayouf, Valverde aproveitou o rebote.

Na marcação, houve dificuldades. Aos 26, em uma saída rápida dos campeões asiáticos, Marega se viu na frente do gol para diminuir. O Al Hilal chegou a se animar, especialmente nos minutos derradeiros da primeira etapa, porém teve seu ímpeto esfriado com a produção do adversário na volta do intervalo.

Aos nove minutos, a combinação Vinicius Junior/Benzema funcionou de novo. Desta vez, foi o brasileiro o garçom, em bonito passe de trivela. Pouco depois, aos 13, Valverde tabelou com Carvajal e chegou à rede, desenhando uma goleada, porém os sauditas insistiram em buscar o ataque.

Vietto diminuiu, aos 18, recebendo passe preciso de Saud. Vinicius Junior marcou de novo aos 24, completando jogada na área com Ceballos. De novo, o Al Hilal foi à frente. Michael aproveitou erro de Camavinga e deixou Vietto em boa posição na pequena área, aos 34. O 5 a 3 teria virado 5 a 4 se Marega não tivesse falhado em seguida, com o gol quase aberto.

Falhou, como falharam vários adversários diante de um rival de camisa poderosa.

Campeão do mundo de novo, o Real Madrid teve como grande nome da conquista Vinicius Junior. Eleito nome do jogo nas duas partidas de sua equipe, o brasileiro de 22 anos recebeu o troféu de craque da competição.

Alvo recente de atos racistas na Espanha, o garoto de São Gonçalo tem evitado conceder entrevistas. Mas, com seu sorriso fácil, vem construindo mais uma temporada altamente produtiva. No calendário 2022/23 do futebol, já acumula 16 gols e sete assistências em 33 partidas.

No Mundial, o atacante marcou três vezes, ficando em segundo na artilharia. O goleador do torneio foi Pedro, do Flamengo, com quatro gols.

Flamengo piorou sob direção de Vítor Pereira

Time rubro-negro teve queda no ataque, com meias distantes dos atacantes, e não melhorou na defesa

Tostão

Participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Independentemente da atuação e o resultado da partida de ontem, na disputa pelo terceiro lugar no Mundial de Clubes, Vítor Pereira tem de resolver o dilema se escala o Flamengo do jeito de que gostaria, com um jogador de cada lado que marca e ataca, ou se mantém os quatro melhores da frente (Gabigol, Pedro, Arrascaeta e Everton Ribeiro), porém com mudanças de posicionamento e de funções.

Com Dorival Júnior, o time jogava com um volante mais centralizado e recuado, com um meio-campista de cada lado e com Arrascaeta no vértice do losango, próximo aos dois atacantes, Gabigol e Pedro. Vítor Pereira, que já tinha mudado a maneira de jogar contra o Palmeiras e em outros jogos, escalou Arrascaeta pela esquerda e Everton Ribeiro pela direita.

O time não melhorou defensivamente e piorou no ataque, já que os dois armadores ficaram muito separados e longe dos dois atacantes.

Colocar a troca de técnicos ou a ausência do ótimo João Gomes, como se ele fosse um craque mundial, como as causas da eliminação diante do Al Hilal é simplificar demais.

O Flamengo tem um excelente time. Junto com o Palmeiras, é o melhor do Brasil, porém os dois são muito bons para o futebol que se joga no país e na América do Sul.

A vida e o futebol se repetem. No Mundial de 1994, Parreira escalou dois jogadores pelos lados para marcar junto com os dois volantes. Zinho, pela esquerda, fez isso muito bem. Já Raí, acostumado a atuar pelo centro e próximo à área, como Arrascaeta faz no Flamengo, foi muito mal e substituído pelo volante Mazinho, que se descolou para a direita.

O Brasil, por jogar à moda inglesa, com duas linhas de quatro, com dois atacantes e sem um meia de ligação, camisa 10, ganhou, mas foi criticado por não praticar um futebol brilhante, o que é injusto. A equipe foi campeã porque tinha um sistema defensivo excepcional, excelentes jogadores em todas as posições e o genial centroavante Romário.

Na Copa de 2006, 12 anos depois, Parreira repetiu o esquema, ao escalar Ronaldinho Gaúcho pela esquerda e Kaká pela direita, os dois com funções também de marcação. Ronaldinho e Kaká eram magistrais em seus clubes, jogando de uma maneira bem diferente. Ronaldinho atuava pela esquerda, porém bem adiantado, sem voltar para marcar e entrando em diagonal pelo meio. Kaká chegou a ser o melhor do mundo jogando como meia-atacante, pelo centro, próximo à área.

Prefiro os esquemas táticos mais móveis, com jogadores mudando de posição em campo, do que os esquemas muito simples, como o do Brasil na Copa de 2022, com os dois pontas bem abertos (Vinicius Junior e Raphinha) e o centroavante fixo (Richarlison). Essa formação é mais fácil de marcar.

Independentemente da atuação e do resultado deste sábado, o Real Madrid joga também com dois jogadores pelos lados e um centroavante, mas de uma maneira diferente. Benzema volta para receber a bola como um meia de ligação, abrindo espaços para os dois jogadores pelos lados entrarem em diagonal e fazerem gols, especialmente Vinicius Junior. Essa estratégia é uma das razões do crescimento de Vinicius no Real Madrid e no futebol mundial.

O Manchester City, nos melhores momentos, é o time que mais fascina no mundo, pela maneira de jogar. Os atletas se movimentam tanto que é difícil para o comentarista ou para o torcedor desenhar o esquema tático na prancheta. Parece mais o 2-3-5 do início do futebol no mundo, há quase 150 anos. A vida e o futebol se repetem.

Um Real ainda vale muito Hilal

Não foi desta vez que os europeus viram escapar o título do Mundial, definido em final cheia de gols

Juca Kfouri

Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Na final do Mundial de Clubes com maior número de gols em sua história desde 1960, oito —um para cada título do Real Madrid—, o que o 5 a 3 madridista sobre o saudita Al Hilal mostrou?

Mostrou os atacantes brasileiros Vinicius Junior e Michael espetaculares.

O primeiro, titular da equipe merengue, autor de dois gols, e o segundo, ao entrar no fim do jogo, capaz de entortar a defesa espanhola.

Dois jogadores cedidos exatamente pelo Flamengo.

Porque a produção de talentos não cessa na terra em que se plantando tudo dá, mas a exportação de pé de obra também não para, como se fossem commodities.

Daí para a hegemonia europeia é um pulo que escolheu o time saudita como vítima.

Vítima que esteve para ser dizimada por goleada, mas que não se acovardou e exigiu atenção dos octocampeões mundiais para não complicar o que parecia fácil.

Para tanto foi inestimável, também, a colaboração do argentino Vietto, outro sul-americano a brilhar no Mundial. Como é uruguaio o craque Valverde, também autor de dois gols na decisão.

O outro gol, o do 3 a 1, foi do francês Benzema, que chegou recuperado em cima da hora da capital espanhola para a finalíssima —afinal, sabem a rara leitora e o raro leitor, que os europeus "não ligam para a o Mundial de Clubes", falácia repetida porque eles dão maior importância para a Champions.

Este pobre escriba dá mais valor ao Campeonato Brasileiro que à Libertadores, embora prefira o Mundial ao torneio continental, porque cada louco com sua mania.

No país em que o governador de Minas desconhece a existência de uma de suas maiores escritoras como Adélia Prado, não foram poucos os que se recusaram a ver a superioridade espanhola e lamentaram a chance brasileira perdida em enfrentar o time de Madri, como se fosse possível, enfim, vencê-lo.

Certamente dirão que, se o Al Hilal marcou três nos comandados de Carlo Ancelotti, a Pedro e Gabigol se esbaldariam diante da defesa deles.

Claro que em futebol tudo é possível, e ainda mais num jogo só, mas enquanto, insistirmos no autoengano, será difícil reencontrar o caminho.

Vini eleito o melhor em campo não é novidade para jogadores brasileiros, embora os dois últimos, por equipes nacionais, não por acaso, tenham sido Rogério Ceni e Cássio, dois goleiros.

Mengão de bronze

Quando o egípcio Al Ahly já vencia por 2 a 1, de virada, e havia perdido não só um pênalti como gol feito em contra-ataque, ter ficado com 10 contra 11 acabou decisivo para ser derrotado por inapeláveis 4 a 2 e entregar de bandeja o terceiro lugar no Mundial da Fifa para o Flamengo.

Se o rubro-negro se queixa da expulsão rigorosa de Gerson na semifinal, também o Al Alhy tem razão para reclamar.

Não importa. Ou importa.

O que vale mesmo é registrar mais um jogo em que ficou claro o equilíbrio global, capaz de enterrar o pachequismo reinante no Patropi fantasiado de otimismo sem base sempre que o grande brasileiro encontra o desconhecido estrangeiro.

Graças a Alá, a Nação se livrou de nova decepção, e será bom se tiver aprendido a lição, uma porção de rimas pobres em busca da solução: faz tempo que deixamos de ser os maiorais, e, enquanto patinarmos em nossa mediocridade na gestão do futebol, a tendência será a de aprofundar o poço até chegar ao Japão. Que hoje, aliás, produz ótimos jogadores.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Chico Felitti
folha.com/nossoestranhoamor

O rei momo João e seu séquito de rainhas por uma noite de Carnaval

"Valéria Valenssa, Luz del Fuego, Roberta Close, Luma de Oliveira. Eu comi todas. Não todas elas, mas umas mulheres que pareciam elas, sabe? O mesmo tipão, a mesma estirpe, a mesma importância."

João Candura não é modesto sobre a sua vida sexual. Até porque olha para ela com o conforto dado pela distância de décadas. "Hoje, não consigo nem comer uma coxinha com tubaína que já tenho uma azia de não conseguir deitar", diz o homem de 120 quilos e uma risada pesada como uma bigorna. É que João exerceu por décadas a soberania de ser rei, uma posição que o colocava em evidência. Da década de 1970 até quase os anos 1990, ele foi o rei Momo do Carnaval de salão de Tupã, no interior paulista.

A coroa caiu em sua cabeça como se ele tivesse escorregado em uma casca de banana. "Eu trabalhava na farmácia, daí um dia passou um sujeito de São Paulo, olhou pra mim, virou as costas e torceu o pescoço, só pra olhar de novo."

O cliente desconhecido era um festeiro que tinha sido contratado por um clube local para criar um baile de Carnaval digno da Cinelândia carioca. Era 1977, fevereiro já estava batendo na porta e a festa só carecia de mais um funcionário: um homem bonachão e um tico cruel para ser rei por uma noite. "Ele perguntou se eu topария, disse que pagava quase metade do meu ordenado. Eu não pensei duas vezes."

Ele estreou no Carnaval de 45 anos atrás sem nem saber qual era o protocolo para o soberano do Carnaval. "Daí eu aprendi fazendo. Aprendi que o Rei Momo fica de pé na porta do baile, depois fica de pé no palco do baile, cumprimentando as pessoas, dando faixa pra melhor fantasia e tirando uma onda." Esse papel, que é metade de soberano de Estado e metade de bobo da corte, caiu como uma luva para esse homem que, desde moleque, colecionava idas à diretoria da escola por mau comportamento.

Outra coisa que João aprendeu já no primeiro ano é que o Rei Momo exerce um outro tipo de fascínio. "Tem mulher que tem tesão. A gente acha que mulher não gosta de gordo. Mas no Carnaval elas gostam de gordo. E umas mulheres que eu vou te contar." O primeiro caso passageiro foi no próprio Carnaval de 1977, com uma loira que deu a mão para cumprimentar o Momo enluvado, mas demorou alguns segundos para puxar os dedos de volta. "O mole é uma coisa que quem tá de fora nem repara. Mas quem tá ali, na porta do salão, sente de imediato que a mulher tá dando mole." Os dois fizeram o que tinham de fazer em um encontro furtivo, de pouco mais de uma marchinha, no banheiro do camarim do palco do clube.

No ano seguinte, foi outra mulher. E, na virada da década de 1980, outra desconhecida. João desconhece o nome da maioria das paixões de Carnaval, seja porque o tempo agiu como cupim na sua memória ou porque elas nunca se apresentaram. É por isso que empresta o nome de famosas quando lembra das conquistas. "Só que ninguém queria namorar o Rei Momo, entende? É só uma fantasia", ele explica, pra depois comparar as transas carnavalescas com uma roupa de odalisca que fica no armário um ano inteiro, esperando o momento certo para sacudir o cheiro de naftalina.

João conheceu sua mulher semanas depois de um Carnaval, quando era só um balconista de farmácia. "E ela me quis assim mesmo, gordo e pobre. Daí eu vi que era amor." Casou-se, teve filhos, divorciou-se e repousou o cetro quando se mudou para Osasco, na Grande São Paulo, quando estava prestes a se aposentar do emprego que tinha nos outros 364 dias do ano.

Em 2023, o Carnaval é algo que só entra na sua vida pela televisão. "Eu nunca mais fui a um baile. Acho que nem vou. Não tenho mais idade, não tenho mais pose. A única coisa que eu ainda tenho é o peso, mas isso não dá realeza a ninguém", ele gargalha. "Só me deu muita sorte uma vez na vida, o que já tá mais do que bom, né?". A imensa maioria das pessoas nem sonha com ter uma realeza descoberta em si enquanto leva uma vida pacata. "E eu posso te dizer que fui um bom rei."

Adem Altan/AFP

IMAGEM DA SEMANA

Mesut Hancer segura a mão da filha Irmak, 15, morta entre os escombros de prédio na cidade turca de Kahramanmaras. O terremoto de magnitude 7,8 atingiu áreas da Turquia e da Síria na segunda-feira (6), matou mais de 25 mil pessoas e feriu outras 80 mil. Para o presidente Recep Tayyip Erdogan, é o "maior desastre" da Turquia desde o tremor de Erzincan, que deixou 33 mil mortos, em 26 de dezembro de 1939. Sobreviventes sofrem agora com fome, sede e frio.

FRASES DA SEMANA

AUTONOMIA. BC E JUROS
Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente, na segunda (6), na posse de Aloizio Mercadante no BNDES, criticou a taxa básica de juros do Banco Central

"Não existe justificativa para que a taxa de juros esteja a 13,5% [está em 13,75%]. É só ver a carta do Copom para a gente saber que é uma vergonha esse aumento de juros"

Bruno Serra
diretor de política monetária do Banco Central, na quarta (8)

"O Banco Central é para ser uma instituição de Estado, não de governo"

Arthur Lira
Presidente da Câmara, na quinta (9)

"O Banco Central independente é uma marca mundial [...] Penso que, tecnicamente, o Banco Central independente foi o modelo escolhido pelo Congresso e que ele dificilmente retroagirá"

CABEÇA FEITA
Jacques Wagner
líder do governo Lula, na terça (7), ao responsabilizar a Lava Jato e Jair Bolsonaro pela politização das Forças Armadas e resistências forças ao PT

"[Foi] essa lavagem cerebral que foi feita como forma de conquista do poder. Isso entrou muito nas Forças. Você vê a expressão de alguns: Eu não vou bater continência para um corrupto. O caldo maior é muito menos ideológico e muito mais em cima disso."

ELETROBRAS
Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente, na terça (7), ao dizer que a Advocacia-Geral da União questionará contrato de privatização da Eletrobras

"O governo tem 40% das ações [da Eletrobras] [...] Se amanhã o governo tiver interesse de comprar as ações, elas para o governo valem três vezes mais do que o valor normal para outro candidato. Ou seja, foi feito quase que uma bandidagem para que o governo não volte a adquirir maioria."

8 DE JANEIRO
Celina Leão
governadora em exercício do DF, ao defender o governador afastado Ibaneis Rocha (MDB) e dizer houve erros na segurança e inteligência do governo Lula

"Você tem falhas no GSI do Palácio, tem falhas em vários locais. Falhas da própria inteligência de outros Poderes [...] Mas quem foi penalizado foi o Governo do DF"

DIVERSIDADE
Papa Francisco
Após ter dito que homossexualidade é pecado, o pontífice afirmou que criminalizá-la também o é

"Criminalização da homossexualidade é problema que não pode ser ignorado. Homossexuais são filhos de Deus"

HEGEMONIA
Rayssa Leal
no domingo (5), após vencer Mundial de street skate e unificar títulos do esporte

"Que dia incrível! Sou abençoada"

FIM DA LIVRARIA CULTURA
Ralpho Waldo De Barros Monteiro Filho
juiz da 2ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais de São Paulo, na quinta (9), ao decidir pela falência da Livraria Cultural

"É notório o papel da Livraria Cultural. E não só para a economia mas para as pessoas, para sociedade"

ALALAÔ
Thais Le Mener
sócia da marca de drinques Meu Golpe, preparadas à base de chás

"Pensamos em Meu Golpe, em referência ao golpe de 2016 contra a ex-presidente Dilma Rousseff. Mas vimos as pessoas brincando com o nome"

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Transgredir a ordem moral / Marca de carros e motos de luxo **2.** Cujas flores são todas do mesmo sexo **3.** Insurgir, revoltar **4.** (Quím.) O hélio / Um apelido do Benedito **5.** Inserir folhas, cadernos etc. entre as páginas de um livro, de uma revistas **6.** Abreviatura de senhora / Substituir (um atleta por outro) **7.** Móvel para as refeições / A direção do barco **8.** A do bronze se caracterizou pela utilização deste metal em utensílios, obras de arte etc. / Que não possui **9.** Empreitada / O músico mineiro Borges **10.** As iniciais da empresária Rubistein, dos cosméticos / (Mús.) Acompanhar batendo o tempo **11.** A do Rio Grande do Norte é RN **12.** Intervenção **13.** Impossibilidade da união das partes de um todo.

VERTICAIS
1. Banda britânica de pop rock dos anos 80 **2.** Interjeição de admiração, espanto / Fazer mexericos / As iniciais do cantor Nascimento, de "Travessia" **3.** (de) De memória / Depositar dinheiro de aposta / (Fr.) Um tipo de champanhe **4.** Minúsculo ser vivo animal, formado por uma única célula / Apegado **5.** O atleta paulista Scheidt, um dos maiores nomes do iatismo mundial / Figura em relevo **6.** Que revela cortesia e afabilidade / O mítico gigante condenado a carregar a abóbada celeste **7.** O arquipélago das ilhas Minorca, Maiorca e Ibiza / Um fruto **8.** (Sigla) Violenta modalidade esportiva de luta / Meleca do olho / Sufixo aumentativo masculino **9.** Trabalho, em inglês / Sentimento doloroso e profundo de culpa.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1						■			
2	■								
3		■							
4			■					■	
5									■
6				■					
7					■				
8						■			
9							■		
10			■						
11		■						■	
12	■								
13									■

HORIZONTAIS: 1. Pecar, BMW, **2.** Homógamo, **3.** Rebelar, **4.** He, Benê, **5.** Encartar, **6.** Sra, Tirar, **7.** Mesa, Leme, **8.** Idade, Sem, **9.** Tarefa, Lô, **10.** HR, Ritmar, **11.** Sigla, **12.** Mediação, **13.** Incoesão. **VERTICAIS: 1.** The Smiths, **2.** Eh, Enredar, MN, **3.** Cor, Casar, Sec, **4.** Ameba, Aderido, **5.** Robert, Efígie, **6.** Gentil, Atlas, **7.** Baleares, Maçã, **8.** MMA, Ramela, Ão, **9.** Work, Remorso.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

		2	3	1				6
					7			8
		4				5		
	4	7		9				
2								1
				2		3	4	
		3				2		
8			9					
5				3	1	9		

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

9	8	2	3	1	5	4	7	6
3	6	5	2	4	7	1	9	8
7	1	4	8	6	9	5	2	3
6	4	7	1	9	3	8	5	2
2	3	9	5	8	4	7	6	1
1	5	8	7	2	6	3	4	9
4	9	3	6	7	8	2	1	5
8	7	1	9	5	2	6	3	4
5	2	6	4	3	1	9	8	7

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **12.fev.1973**

Presidente do Uruguai fica no cargo sob tutela de militares

Os comandos militares do Uruguai que se rebelaram contra o presidente do país, Juan María Bordaberry, anunciaram que selaram um acordo com o chefe de Estado.

Com isso, ficou claro que Bordaberry, para evitar a deposição ou a renúncia, acabou aceitando o plano político e econômico dos militares. Observadores consideram que se trata de um programa "popular nacionalista".

O presidente uruguaio, que está sob tutela militar, ficará encarregado de executar o plano.

Revelou-se ainda que o ministério do governo será formado sob a supervisão das Forças Armadas, que escolherão, por exemplo, quem será o ministro da Defesa do Uruguai.

FOLHA DE S. PAULO
Estradas: 158 mortos neste ano

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

ilustrada
ilustríssima

Tela quente

Famosos e anônimos buscam plataformas de pornografia na internet para postar vídeos e fotos amadores atrás de lucro, fama ou tentativas de explorar a sexualidade C4 e C5

- Regular redes sociais é essencial para evitar guerras civis, diz cientista política C6
- A tradição brasileira de camuflar juridicamente golpes, por Lenio Streck C8
- Jean Genet honra causa palestina em últimas obras C10

Ilustração *Silvis*

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

> A gente já se encontrou todo mundo junto [ela, o namorado Dado Dolabella, e o ex-marido Marcus Buaiz]. Está tudo certo, ninguém se matou. Não tem razão de ser diferente
>
> **Wanessa Camargo**
> cantora

A cantora Wanessa Camargo posa para foto no restaurante Purana.Co, em São Paulo Bruno Santos/Folhapress

Wanessa Camargo

Estou feliz e um pouco louca, mas amando tudo isso

[RESUMO] Após enfrentar crise de pânico, pausar carreira, quase entrar no Big Brother Brasil no ano passado e se separar do empresário Marcus Buaiz, cantora diz que está 'em processo de cura' e satisfeita por retomar as rédeas da vida pessoal e do trabalho

Por ***Karina Matias***

Se tudo sair como planejado, o Carnaval de Wanessa Camargo, 40, será agitado. "Vou trabalhar e passear, trabalhar e passear, trabalhar e passear", diz. Pela primeira vez, a cantora terá um bloco para chamar de seu: o Xainirô, que estreia na folia paulistana já neste domingo (12).

Depois, na segunda de Carnaval (20), o bloco vai para Belo Horizonte. Wanessa terá trabalhos também no sambódromo do Anhembi, em São Paulo, na sexta (17), e em Salvador, no domingo (19). "Vou fazer tudo isso e, ao mesmo tempo, olhar os meus dois filhos. No Carnaval, eles ficaram comigo", afirma ela.

Em maio do ano passado, Wanessa anunciou o fim do casamento de 17 anos com o empresário Marcus Buaiz, com quem teve José Marcus, 11, e João Francisco, 8. Depois de um distanciamento inicial, a cantora diz que ela e o ex-marido já conseguiram retomar uma relação de amizade.

Wanessa afirma que tudo o que ela não queria era repetir com os filhos a situação que vive com os pais, o cantor Zezé Di Camargo e Zilu Godoi, que se separaram há mais de dez anos e até hoje não se falam.

A cantora diz que Marcus até já se encontrou com ela e com o ator Dado Dolabella, seu namorado atual. "Está tudo certo, ninguém se matou. O Marcus tem essa maturidade, e eu também. Nosso casamento acabou por nós dois. Foi interno, não foi [algo] de fora", afirma.

Sobre o retorno do relacionamento com Dado —eles foram namorados no início dos anos 2000—, Wanessa diz preferir não falar sobre o assunto, "porque há outras pessoas envolvidas". Mas, durante a conversa de mais de uma hora com a coluna, o nome do ator surge naturalmente. Foi por influência dele, por exemplo, que a atriz resolveu se tornar vegana. Ela também diz que eles estão "quase o tempo inteiro juntos" e que, por também ser artista, Dado entende a loucura que é a vida dela.

Durante a pandemia e após pegar Covid, Wanessa conta que teve crises de ansiedade e pânico. Em abril de 2021, o problema de saúde a paralisou. "Caí de cama", diz.

Ela já tinha enfrentado situação semelhante aos 18 anos, quando se tratou com medicamentos. Desta vez, diz ter preferido um caminho de autoconhecimento, retiros e muita terapia. No meio disso tudo, Wanessa revela que quase entrou no Big Brother Brasil (Globo) do ano passado, porque precisava de um "chacoalhão". "Eu estava me sentindo muito morta". Neste ano, não quis mais. "Perdeu o sentido".

Para abril, a cantora planeja lançar seu novo trabalho, o disco "Livre", que terá dez músicas autorais, a maioria composta por ela depois de julho do ano passado. O projeto refletirá, segundo diz, todas as transformações que têm vivido nos últimos anos.

Wanessa diz estar satisfeita com esta nova fase, em que assumiu as rédeas da carreira (antes administrada pelo ex-marido), da casa, da maternidade e da vida pessoal. "Eu estou bem, feliz, um pouco louca porque é muita coisa para fazer, mas amando tudo isso."

Leia, a seguir, trechos da entrevista, realizada no restaurante Purana.Co, em São Paulo, na semana passada.

*

COVID

Logo depois de ter Covid [em 2020], eu fui diagnosticada com hipotireoidismo [doença autoimune que provoca cansaço e sonolência]. E aí, eu comecei a desenvolver de novo um [síndrome do] pânico, que eu tive com 18 anos. Na época, cuidei com medicação, fiquei bem, tirei os remédios e nunca mais voltou.

Agora no pós-Covid, voltaram todas essas questões de saúde. O meu avô morreu [seu Francisco, pai de Zezé Di Camargo], e perdi também um amigo que trabalhava comigo e era meu braço direito.

Aquilo me causou um pavor. Veio o pânico e decidi não ir pela medicação, mas pelo tratamento de terapia. É um processo lindo de autoconhecimento. Eu comecei a ler e a abrir a minha mente para outras coisas. Conheci a Max Továr [xamã], que é uma pessoa maravilhosa por intermédio da Fernandinha [a atriz Fernanda Souza] e da Ludmila Dayer.

Primeiro eu fui me fortalecendo, entendendo o que eu precisava arrumar na minha vida. O que estava morto aqui dentro [aponta para o peito],

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C2

o que eu precisava ressignificar, renascer, transformar. O fato de parar, de me ver doente, cercada de morte, me fez repensar muito em como eu queria viver minha vida. E passei por um aborto no final de 2020, que também mexeu muito comigo.

CRISE DE ANSIEDADE

Em abril de 2021, a crise de ansiedade me paralisou, me impediu, inclusive, de cuidar dos meus filhos durante uma semana. Isso, pra mim, foi apavorante. Caí de cama. Ficava deitada e só pensando em morte o tempo inteiro. Eu não conseguia focar, não conseguia tirar a minha mente daquilo.

Mas eu me cuidei rápido. Max [Továr] me pegou pelo braço e corri para o retiro. Com muita terapia, sem nenhum remédio, com amor e carinho, consegui ir me levantando. Fui jogando para fora os fantasmas, os medos, e estou em processo de cura, porque não é fácil. Você não fala assim: "Ah, eu agora vou ficar com a cabeça perfeita". Foram 40 anos para estragar, são mais 40 anos para consertar, no mínimo [risos].

SEPARAÇÃO

Em uma relação, você vai ceder. É normal isso. Às vezes você percebe que cedeu demais e se perdeu. Isso aconteceu comigo. Eu não sentia a minha voz ali. Eu falo que era um pisar de ovos para o bem-estar de todos, e a minha voz não estava lá. Hoje, percebo que a minha voz está renascendo. Você tomar as rédeas da sua vida é você se colocar à frente da bala mesmo. E saber aonde você quer ir. Eu acho que faltava muito isso para mim, saber aonde eu queria chegar.

Eu quero ser um instrumento de transformação, uma pessoa mais consciente, mais amorosa, ter mais compaixão pelo próximo. Quero aprender e conhecer o amor profundamente.

AMIGA DO EX

O meu maior medo quando os meus pais se separaram —e eles sabem disso— era eles não se falarem. Claro que, no começo, você fala: "Pô, quem que separou? Quem é a culpada?" Sempre busca fora. E quando você casa, você entende de que não tem fora, é o dentro.

Eu e o Marcus, em um primeiro momento, a gente se distanciou. E, hoje, a gente construiu uma relação de amizade, já em menos de um ano [da separação], que é a melhor coisa para os nossos filhos.

Assim como eu, ele é filho de pais separados e foi muito parecido. Teve briga, mágoa, ressentimento. Os pais dele hoje se falam, está tudo bem. Os meus ainda não. Só quando é urgente, mas ainda assim...

Eu, por exemplo, tenho que escolher com quem eu passo o Natal, e não quero que meus filhos passem por isso. A gente fez o aniversário do José na casa do Marcus, estava toda a família dele, estava a minha família. Estávamos juntos.

Outro dia, o José ficou doente e era o dia de eu entregá-lo para o pai. Eu liguei para o Marcus e falei: "Não consigo ficar longe do meu filho, ele está com febre". O Marcus respondeu: "Vem pra cá, fica com ele aqui". O José ficou todo feliz que estava com o pai e a mãe. Acho isso tão importante, tão legal.

É difícil, não é fácil. Ele teve que limpar as mágoas dele, eu tive que limpar as minhas, e a gente teve de entender que tem que ser amigo para o resto da vida, porque esses meninos precisam dos dois.

VELHO NOVO AMOR

A gente já se encontrou todo mundo junto [ela, o novo namorado, Dado Dolabella, e o ex-marido]. Está tudo certo, ninguém se matou, está tudo bem. Todo mundo respeitando, entendendo. E não tem razão de ser diferente. O Marcus tem essa maturidade, e eu também. Nosso casamento acabou por nós dois. Foi interno, não foi [algo] de fora.

CORAÇÃO

Eu estou bem [abre o sorriso]. Estou feliz, um pouco louca porque é muita coisa. Foram três anos em pandemia sem trabalhar, naquele núcleo certinho. Daí, de repente, separa, a função da casa inteira ficou só na minha decisão, sem dividir, tenho as crianças para cuidar, toda a situação da separação em si. E mais o trabalho que eu resolvi retomar. Eu estou um pouco louca, nesse sentido de muita coisa para fazer. Mas estou amando ao mesmo tempo.

Estou gostando de me conhecer nesse novo lugar, de função full [total]: trabalhar, ser mãe, filha, amiga, namorada, de ser eu.

AUTOCONFIANÇA

Eu acho que me desprendi, de um último ano para cá, de muita coisa que eu precisava me desprender e isso fez com que eu me tornasse mais autoconfiante em entender que eu posso, sim, comandar minha equipe profissional, que eu posso ser líder no meu projeto de trabalho, que eu posso cuidar dos meus filhos com responsabilidade sem precisar de um staff inteiro.

BIG BROTHER BRASIL

No ano passado, eu estava louca para ir [para o reality show] porque precisava de uma mudança. Queria algo que me chacoalhasse. O BBB surgiu como essa oportunidade, porque eu estava me sentindo muito morta. Não iria por causa do prêmio nem nada disso, mas para me sentir capaz, para ver que eu estava bem tanto de saúde mental como física.

Eu iria, mas não rolou. Ainda bem que eu não fui...[risos]. Acho que eu ia virar planta. Eu tinha a questão da crise de pânico, que tinha medo de ter lá. Morro de vergonha de ficar pelada na frente dos outros, eu não bebo... só uma cervejinha aqui, outra ali. Eu não ia ser aquelas pessoas interessantes na festa, não ia ser casal com ninguém.

Neste ano, não teria nem como ir, primeiro porque os meus filhos ainda estão no processo da separação. E como eu consegui entrar no processo de cura, não fez mais sentido ir.

DADO DOLABELLA

[Prefiro não falar] porque há outras pessoas envolvidas. Eu tenho dois filhos, tem a família que sempre vai ser a minha família, que é a do Marcus.

É uma coisa que vem com a maturidade, a gente entende que não é responsável só pela gente. Nós temos responsabilidade sobre o outro também, sobre as dores que a gente causa nos outros. Talvez, o que eu preciso dizer pode não ser legal para outra pessoa. Para quê falar, entende? Tenho um diário, escrevo ali.

Sabe o que eu aprendi? A aceitar que nem sempre você precisa ter razão, porque às vezes você tem e você quer mostrar que tem razão.

Vou dar um exemplo. Quando aconteceu a situação do divórcio dos meus pais, teve uma situação em que o advogado da minha mãe colocou que ela tinha perdido um processo por minha causa, pelo meu depoimento [ela se refere a uma briga judicial de 2020 em que Zilu disse ter sido pressionada a assinar um acordo sobre a divisão de bens, e Wanessa afirmou que isso não ocorreu].

Na verdade, eu não podia nem ser testemunha, estava lá só para dar um parecer. É um processo, tem provas. Nossa, que poder [o meu]. O juiz ouviu a minha fala e aí decidiu. Isso não era verdade, e eu estava muito bem resolvida com a minha mãe.

Mas todo mundo me chamou de vendida, porque eu dependo do meu pai financeiramente, o que não é verdade, porque pago as minhas contas há muitos anos.

Se tem alguém que já me ajudou financeiramente foi minha mãe, inclusive. É mãe que gosta de dar presente, que gosta de fazer essas coisas. Financeiramente, eu não devo nada ao meu pai. Mas gosto da verdade, então, me coloco com a verdade quando preciso colocar.

Aquilo me machucou muito. A minha mãe é a minha protegida, meu pai sabe disso, ele fala: "Você protege demais sua mãe, você defende a sua mãe". E aquilo [de me chamarem de vendida] me doeu.

A minha primeira vontade foi de ir na internet e falar um monte de coisa e contar, tintim por tintim, que aquilo não era verdade. Só que aí eu pensei: se eu falar isso, posso ferir a minha mãe ou o meu pai. Então, falei só com eles e tudo bem. Deixa o pessoal pensar que eu sou a vendida, que eu sou a filha que não sei o quê. E você aceita e está tudo bem, porque não é verdade, é uma ilusão construída.

Quando aconteceu a separação [do Marcus] e muitas inverdades foram ditas, tudo que eu falasse, às vezes, poderia afetar meus filhos ou o Marcus ou qualquer outra pessoa, então eu preferi [silenciar].

As pessoas que me conhecem e convivem [comigo] sabem da verdade, o que eu vivi. Eu não preciso ter razão. É entender o que realmente importa porque a verdade, amor, tarda, mas não falha.

VEGANA

Carne vermelha eu não como desde 2010. E, com o hipotireoidismo de Hashimoto, eu precisava olhar para minha saúde de fato. Logicamente, eu tive influência de uma pessoa que sabe muito bem disso [o novo namorado, Dado Dolabella], que me mostrou vídeos [de animais] que eu morri de chorar e me senti mal.

Eu falei: " Preciso olhar com mais compaixão aos meus semelhantes, olhar de igual para igual para qualquer espécie que existe". Eu olhava no olho do meu cachorro e pensava assim: um boi pode [ser alimento para as pessoas], e o cachorro não. Não fez sentido mais para mim. Estou nesse processo de me tornar vegana.

MATERNIDADE

Sou uma mãe normal, que tenta acertar errando pra caramba. Eu vi a minha mãe em mim, a minha avó, todas as mães. Estou descobrindo e construindo a minha maternidade.

É um trabalho. Eu acho que para criar uma criança precisa de uma comunidade. Acredito muito nessa frase.

Duas coisas para mim são primordiais: que meus filhos saibam que são amados por mim e que eu jamais tolha as asinhas deles.

Hoje, educar um filho está mais difícil, porque você tem um Felipe Neto, tem um Luccas Neto, tem um Authentic Games [canal no YouTube] influenciando o seu filho. Ou você tira e seu filho vira um bichinho do mato ou você vai ter que dar um jeito de vigiar isso.

E as músicas? Outro dia, eles foram, todo inocentes, mostrar para mim uma playlist de funk porque gostam do ritmo, e eu falei: apaga todas agora. Olha o que está falando a música. São letras explícitas: " Senta na minha rola, senta no meu pau". Tem outras músicas que falam de drogas, de violência. Está muito complicado. E aí, tem que ser a mãe louca que fica vigiando..

Tela quente

[RESUMO] OnlyFans, Privacy e outras plataformas de venda de conteúdo adulto atraem cada vez mais anônimos e celebridades, que expõem seus corpos e publicam até vídeos de sexo a fim de ganhar dinheiro, manter a fama ou explorar a própria sexualidade, numa espécie de 'uberização' que tem mudado a estética e o modelo de produção da indústria pornográfica

Por **Leonardo Sanchez e Pedro Martins**
Repórter e editor-adjunto da Ilustrada

Ilustração **Silvis**
Artista gráfica

Num passado não tão distante, quando um participante era eliminado do Big Brother Brasil, havia certo alvoroço em torno dele, especialmente se o brother era sarado ou se a sister tinha curvas voluptuosas. Com frequência, eles saíam da casa diretamente para as páginas de revistas como a Playboy e a G Magazine, onde rompiam a última barreira da exposição e mostravam a única coisa que as câmeras da Globo não captavam.

Foi o caso de Rogério Dragone, "o mais 'big' do Big Brother", e de Sabrina Sato, que rendeu "mais do que aquela espiada básica", conforme diziam as capas de seus ensaios. Era uma forma de dar sobrevida à fama e fazer dinheiro. Antes de emplacarem carreiras como atriz e apresentadora, Grazi Massafera e Íris Stefanelli, por exemplo, teriam embolsado R$ 700 mil para mostrar tudo na Playboy.

Nas primeiras semanas da atual edição do BBB, no entanto, Key Alves deixou claro que as revistas de nudez são coisa do passado. As subcelebridades descobriram que podem lucrar com a própria imagem sem contratos e de forma recorrente.

"Entrei no OnlyFans", disse Alves, sobre suas fontes de renda, antes de incentivar Gabriel Tavares a fazer o mesmo. A partir daí, o Google registrou um pico de buscas pelo termo, associado a perguntas do tipo "como fazer um OnlyFans para ganhar dinheiro?" e "como baixar o OnlyFans?".

Apesar dos mais de 2 milhões de criadores de conteúdo e dos 200 milhões de usuários na plataforma, o OnlyFans ainda não é uma rede social do porte do Instagram ou do TikTok. A presença crescente de celebridades, no entanto, está trazendo cada vez mais atenção ao serviço.

Nele, criadores de conteúdo compartilham imagens, vídeos e textos com seus assinantes. Só quem paga um valor mensal pode ver o "feed" —isto é, a página de publicações. Por causa do aspecto sigiloso, o OnlyFans se tornou terreno fértil para fotos sensuais e gravações de sexo.

Anônimos, famosos e nomes que flutuam entre os dois espectros têm se voltado à plataforma em busca de uma nova fonte de renda, fama, proximidade com os fãs e até formas de explorar o corpo ou a sexualidade. Há de tudo nos perfis, de selfies mundanos a ensaios de nu artístico, de registros da rotina a vídeos de masturbação, papai e mamãe e orgias.

Key Alves nem precisou tirar toda a roupa para fazer os R$ 100 mil que ela disse faturar por mês. A cantora Anitta também prefere conteúdos mais recatados e costuma apenas rebolar e aparecer de lingerie.

Já Rita Cadillac revive, aos 68 anos, a era áurea da Playboy em ensaios de nudez explícita produzidos por fotógrafos profissionais, em que aparece com blusas transparentes repletas de pedrinhas brilhantes que envolvem seus seios fartos. Thomaz Costa, que esteve no elenco do reality show A Fazenda e da novela infantil "Carrossel", aos 22 anos expõe o pênis flácido, ereto e até ejaculando.

Quem dita as regras é o próprio criador de conteúdo, que define o que e quando postar, bem como o valor que vai cobrar. Se está dentro da lei, está valendo. Os seguidores, se sentirem falta de algo, podem usar o chat da plataforma para pedir e pagar a mais por conteúdos personalizados.

"Existem pedidos loucos. Já me pediram para pôr a 'princesinha' para fumar, já me pediram fotos dentro de um caixão. Tem coisas bizarras que não faço. Explico que há um limite", conta Rita Cadillac, que tem como campeão de saída os vídeos em que, de lingerie e com cigarro na mão, fala sensualmente o nome dos fãs.

Ex-chacrete, como eram chamadas as bailarinas de Chacrinha, a dançarina e cantora criou uma conta no OnlyFans durante a pandemia, quando teve seus shows interrompidos e precisava pagar as contas. Deu tão certo que, apesar de não revelar cifras, ela afirma faturar até mais do que conseguia em boates pelo país.

Rita Cadillac atualiza sua página quinzenalmente, com ensaios que por vezes são temáticos e que buscam emular a extinta Playboy, com "bom gosto" e "nada barra pesada", isto é, "nada que seja um exame ginecológico", em suas palavras.

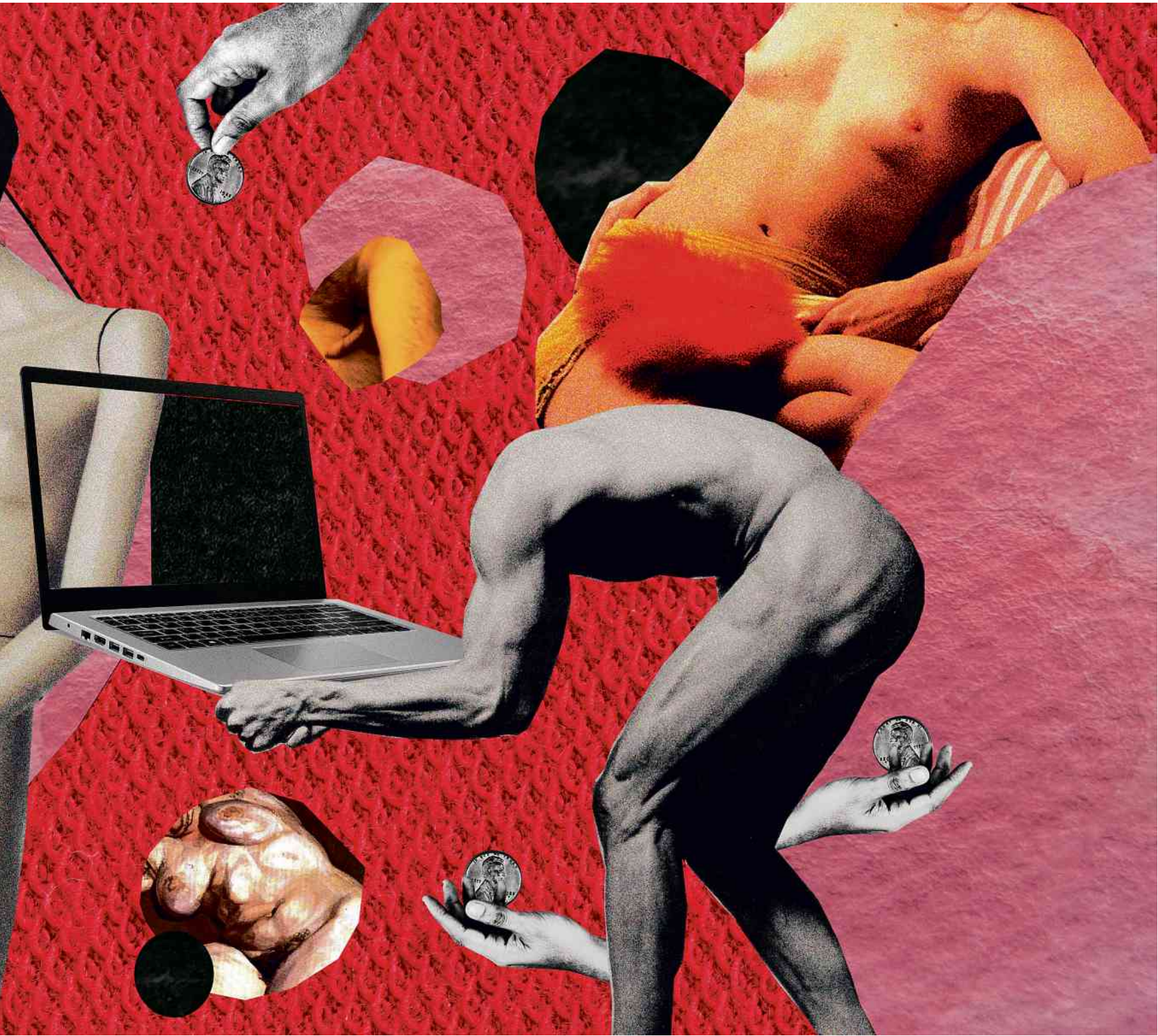
Ela compara a experiência à de gerir uma empresa. Em sua equipe, afinal, há fotógrafo, maquiador, figurinista, cabeleireiro e gente nos bastidores, administrando a plataforma e firmando parcerias com motéis e outros endereços e produtos que queiram aparecer em sua página.

Rita Cadillac abriu ainda uma conta no Privacy. Versão brasileira do OnlyFans adaptada para a realidade daqui, o site se mantém fiel à essência de "liberou geral" que ajudou a movimentar quase US$ 5 bilhões, ou R$ 25,5 bilhões, no último ano fiscal.

A ele se junta o OnNowPlay, outro brasileiro com funcionalidades como pagamentos em boletos, Pix e cartões de débito. Com 85 mil criadores e 16 milhões de usuários, o Privacy oferece mensalidades que não estão sujeitas à flutuação do dólar e está em expansão pela América Latina.

Thomaz Costa é outro nome que experimentou tanto a versão estrangeira quanto a brasileira das plataformas e chegou a receber alfinetadas da mãe quando anunciou a entrada no OnlyFans, no ano passado.

O dinheiro foi suficiente para comprar um apartamento, mas não o segurou por muito tempo. Dizendo ter se reconciliado com Jesus, ele fechou a conta. Em menos de seis meses, no entanto, ele voltou atrás e, agora, vende conteúdo ainda mais picante no Privacy, por R$ 89,90 mensais.

Continua na pág. C5

Continuação da pág. C4

São registros em que balança o pênis ereto por dentro da cueca ou em que deixa a câmera deslizar pelo corpo junto aos jatos de água do chuveiro.

"Há todo um estudo feito pela minha equipe para entender o que os seguidores mais pedem, que é o conteúdo caseiro. Acaba permitindo que as pessoas criem uma fantasia. Há um senso de intimidade", diz o ator.

Quem o motivou a voltar à pornografia foi a namorada, a funkeira Tati Zaqui, que também produz conteúdo para o Privacy. "Aprendi a conciliar as coisas e não abandono Deus por isso", diz ele, que deve lançar em breve um perfil de casal.

São diversos os motivos que levam alguém a expor o corpo no OnlyFans. O mais atraente é o dinheiro. Aos 20 anos, a ex-frentista Natasha Steffens, que está entre os criadores mais famosos da plataforma, afirmou em entrevistas que lucrou R$ 500 mil em dois anos. É como se seu salário girasse em torno de R$ 20 mil. Antes, no posto, era de R$ 1.200.

É o caso ainda de Roscariano, um manauara que não revela seu verdadeiro nome. No Twitter, onde tem 517 mil seguidores, ele compartilha pílulas de seu conteúdo pornográfico, como publicidade para seu perfil.

Roscariano também não revela quanto fatura, mas diz que é mais do que o suficiente para se manter. Ele criou um perfil no OnlyFans assim que completou 18 anos, porque não encontrava emprego. A plataforma foi uma alternativa à prostituição à qual muitos no entorno recorriam.

Conforme seus vídeos ganhavam projeção, Roscariano foi ficando mais ousado e viu suas filmagens se converterem em dinheiro suficiente para se mudar para o Rio de Janeiro e criar o próprio negócio. Aos 21, ele é dono de uma empresa de lentes de contato —coloridas, como as que chamam a atenção nos vídeos em que seu rosto recebe esguichos de sêmen.

Lembra o discurso de trabalhadores ou desempregados que migraram para serviços por aplicativo, como o iFood e o Uber. É como se a pornografia passasse por uma "uberização", com autônomos que enchem os bolsos de empresas com as quais não têm vínculo no papel.

Se, para anônimos, a plataforma pode ser o único ganha-pão, para celebridades representa uma oportunidade de manter a fama, cada dia mais efêmera. O burburinho leva famosos a criarem contas no OnlyFans mesmo quando não há intenção de compartilhar nada. O cantor Silva, por exemplo, divulgou um link com sua página na plataforma há dois anos, mas não voltou ao assunto. O rapper Chris Brown fez o mesmo.

Entre as subcelebridades brasileiras, o destaque vai para os ex-BBBs, como Lumena Aleluia. A baiana, que se formou psicóloga e trabalhava também como pesquisadora, roteirista e DJ, diz que faturou R$ 100 mil apenas nos dez primeiros dias em que criou uma conta no Privacy.

Como Key Alves, Lumena não precisou tirar completamente a roupa. Ela diz, aliás, que a fama e o dinheiro ficam em segundo plano, já que a criação de conteúdo erótico representa uma forma de enfrentar inseguranças com seu corpo e a autoestima.

A ex-BBB afirma que sofreu críticas que abalaram sua decisão, principalmente de mulheres cujo feminismo considera a nudez, seja ela qual for, uma forma de opressão e mercantilização do corpo feminino.

"É um debate complexo. Me questionei se estava reforçando um estereótipo de hipersexualização da mulher negra. Isso me aprisionava. Eu negava minha vaidade, mas entendi que precisamos flexibilizar isso, porque não posso me furtar do meu desejo. Eu não posso ser responsabilizada por um problema estrutural."

De forma semelhante, o debate em torno de corpos mais velhos se ampliou. Se as publicações eróticas antes pouco ligavam para mulheres maduras, hoje elas podem se expor à vontade. Isadora Ribeiro é uma musa das antigas que entrou na plataforma décadas depois de exibir o corpo bronzeado e escultural em aberturas da Globo, da novela "Tieta", em que seus seios se mesclavam às dunas da Bahia, ao Fantástico.

Rita Cadillac acredita ainda que o OnlyFans é uma alternativa também à pornografia tradicional. Ela, que diz já ter se prostituído e feito vídeos pornôgráficos para sustentar a família, lembra que os artistas do gênero, sobretudo as mulheres, são submetidos a diferentes tipos de violência.

"OnlyFans é o futuro. Conheço meninas que faziam programa e hoje não fazem mais. Elas agora não são agredidas, não correm risco de vida e de saúde e não são obrigadas a estar com uma pessoa que não é boa."

Quem também acredita que esse tipo de plataforma é uma espécie de evolução natural da pornografia é Diego Sans, brasileiro que é um dos mais buscados do pornô gay internacional, mas decidiu criar uma página no OnlyFans, em que concentra um conteúdo mais amador.

"Essas plataformas são uma ameaça para as produtoras tradicionais, mas também acredito que elas vão se manter. Muitas, inclusive, estão adaptando seus vídeos para a demanda por amador. As produtoras vão ter que dividir o lucro com os modelos, o que eu acho mais que justo."

Bauer Rodrigues, que já foi o principal fotógrafo daquela mesma G Magazine que abria a carteira para qualquer corpinho sarado que aparecesse no BBB, representa a indústria erótica tradicional. Ele vê a ascensão do OnlyFans com maus olhos.

"Eu tinha vários clientes de conteúdo erótico. Todos faliram. Ninguém procura meu trabalho. Por isso que fui tentar uma dessas plataformas, mas também não deu certo. Hoje em dia só querem o amador", diz.

Faz cerca de um ano que Rodrigues encerrou a conta no OnlyFans. As fotos em estúdio, com corpos masculinos lustrosos besuntados em óleo, não atraíam fãs e, quando o faziam, acabavam vazadas na internet, numa espécie de "máfia dos prints".

Anônimos, famosos e nomes que flutuam entre os dois espectros têm se voltado à plataforma em busca de uma nova fonte de renda, fama, proximidade com os fãs e até formas de explorar o corpo ou a sexualidade. Há de tudo nos perfis, de selfies mundanos a ensaios de nu artístico, de registros da rotina a vídeos de masturbação, papai e mamãe e orgias

Rita Cadillac acredita que o OnlyFans é uma alternativa também à pornografia tradicional. Ela, que diz já ter se prostituído e feito vídeos pornôs para sustentar a família, lembra que os artistas do gênero, sobretudo as mulheres, são submetidos a diferentes tipos de violência

Este é um problema que todos os produtores de conteúdo adulto enfrentam. As plataformas dizem prestar suporte para combater a prática, e muitos têm equipes de advogados que localizam e derrubam o conteúdo pirateado. Nessa "uberização", em que cada um é em tese dono do próprio negócio, riscos do passado foram herdados e outros surgiram, e cada um lida com eles como pode.

Na ala sanitária, indispensável numa indústria em que fluidos corporais são trocados em horário de trabalho, essa autonomia também pode gerar problemas. Se as grandes produtoras têm protocolos de higiene para evitar a transmissão de infecções, no OnlyFans e no Privacy cada criador estabelece as próprias regras quando grava cenas com parceiros —que normalmente são usuários das plataformas ou anônimos vindos de aplicativos de pegação.

Não que antes a falta de camisinha não tenha causado surtos de infecções em produtoras, mas este é um problema que acabou agravado numa era em que assinantes pedem por uma alta rotatividade de parceiros e em que o sexo caseiro impera.

"Os estúdios não querem problemas, então testam os modelos, que têm contratos fixos. De vez em quando ainda dá problema. Na indústria amadora, cada um faz o seu controle. O segredo é se testar com frequência. Mesmo assim, me sinto mais seguro com os estúdios", diz Diego Sans.

Mas a transformação parece irreversível, tanto no modelo de negócio quanto na estética do pornô. De Thomaz Costa a Sans, que levou o Brasil para as telas de muitos computadores mundo afora, todos deixam claro que o amadorismo do OnlyFans e do Privacy não deve sumir dos históricos de navegação tão cedo. ←

Trumpista membro do QAnon durante invasão do Capitólio em cena no documentário 'Q: No Olho da Tempestade' Reprodução

Das facções à guerra civil

[RESUMO] Em entrevista, a cientista política Barbara Walter debate o recuo da democracia e a expansão de guerras civis no mundo, aponta que a radicalização política é impulsionada pelo modelo de negócios de big techs e sustenta que a situação do Brasil e dos Estados Unidos, afligidos por ataques golpistas, é frágil. Republicanos e bolsonaristas, diz, estão a caminho de se tornarem facções, o que demanda força de instituições e de outros partidos políticos

Por ***Uirá Machado***
Repórter especial da **Folha**. Formado em direito e em filosofia na USP, foi editor de Tendências / Debates, Opinião, Ilustríssima e Núcleo de Cidades, além de secretário-assistente de Redação

Duas tendências identificadas nos últimos anos preocupam acadêmicos em diversas partes do mundo.

A primeira, já bem mapeada pela literatura recente da ciência política, é o declínio da democracia, com a ascensão de políticos autoritários que tomam o poder sem recorrer a um golpe de Estado tradicional.

A segunda ganhou notoriedade com a publicação, no ano passado, de "Como as Guerras Civis Começam e Como Impedi-las" (Zahar). Escrito pela cientista política Barbara F. Walter, da Universidade da Califórnia em San Diego, não demorou a se colocar entre os mais vendidos nos EUA.

O motivo é simples: Walter dá um novo passo na trilha aberta por obras que já se tornaram clássicos, a exemplo de "Como as Democracias Morrem" (Zahar, 2018), de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, e "Como a Democracia Chega ao Fim" (Todavia, 2018), de David Runciman.

Em seu livro, Walter mostra que as guerras civis costumam estourar não em democracias nem em ditaduras, mas em países que estão passando de um desses sistemas para o outro, e que esses conflitos se tornaram cada vez mais frequentes no século 21, a ponto de o pico histórico ter sido atingido em 2019.

O que explica essa tendência? "Não sabemos ao certo, mas temos uma suspeita forte: a ascensão das redes sociais", afirma em entrevista à **Folha**.

Se ela diz, vale a pena prestar atenção, mesmo que se trate de uma suspeita. É que Walter acumula mais de 30 anos de estudos sobre guerras civis, incluindo a participação na Força-Tarefa sobre Instabilidade Política, criada pelo governo dos EUA nos anos 1990 para construir um modelo capaz de prever a erupção de conflitos em qualquer país.

Com base em sua experiência, Walter diz que Donald Trump, nos EUA, e Jair Bolsonaro (PL), no Brasil, aumentaram a chance de haver uma guerra civil nesses dois países.

*

A literatura recente sobre democracia tem apontado um novo padrão de golpe de Estado, e seu livro faz o mesmo em relação às guerras civis. Poderia explicar essas mudanças? São duas grandes tendências. Uma é a de declínio da democracia. As democracias vinham se expandindo pelo mundo a ponto de a gente pensar que todos os países adotariam esse sistema.

Isso mudou em 2010. Desde então, a cada ano há menos democracias e, pela primeira vez, isso tem afetado até as mais maduras e fortes, como Reino Unido, Estados Unidos, Suécia e Espanha.

No século 20, quando uma democracia desaparecia, geralmente era por meio de um golpe militar, mas essa não é mais a norma. Agora prevalece o que vou chamar de "modelo Viktor Orbán" [premiê da Hungria]. Ele tem sido o grande inovador nesse sentido.

Ele descobriu que não é necessário dar um golpe militar: você pode chegar ao poder por meio de uma eleição e, quando as pessoas não estiverem prestando atenção, você começa a desmontar os sistemas de controle sobre o Executivo; você faz isso lenta e metodicamente, de modo que, quando as pessoas perceberem que o poder está concentrado nas suas mãos, será tarde demais para reagir.

Trump observou esse método atentamente. Bolsonaro também. É quase como se Orbán tivesse mostrado a eles um manual de como fazer isso legalmente e sem envolvimento militar. Agora, esses aspirantes a ditador disputam eleições, controlam a mídia e moldam uma narrativa sobre si mesmos como líderes eficientes, fortes e necessários em um contexto de nacionalismo, medo e ameaças.

Barbara F. Walter, 58
Professora de assuntos internacionais na Escola de Políticas e Estratégias Globais da Universidade da Califórnia em San Diego. Doutora pela Universidade de Chicago, desenvolve pesquisas sobre extremismo, grupos rebeldes e guerras civis. Autora, entre outros livros, de 'Como as Guerras Civis Começam e Como Impedi-las'

E com relação às guerras civis? Essa é a outra tendência: o aumento de guerras civis e da violência política. Do fim da Segunda Guerra Mundial até 1992, o número de guerras civis foi aumentando, com algumas oscilações. A partir de 1992, houve uma reversão desse padrão; pensamos que tínhamos conseguido descobrir como resolver esses conflitos para viver em um período de paz.

A partir de 2002, porém, as guerras civis têm aumentado todos os anos em todo o mundo. Estamos agora em um nível mais alto que o de 1992.

Também vemos ao redor do mundo o aumento do nacionalismo étnico, o crescimento do número de partidos de extrema direita, de líderes do tipo lei e ordem. Vimos isso com [Rodrigo] Duterte nas Filipinas, com Bolsonaro no Brasil, com [Narendra] Modi na Índia, com [Recep Tayyip] Erdogan na Turquia, com Trump nos Estados Unidos.

Há também uma nova forma de violência política, que é descentralizada. As guerras civis de hoje envolvem mais grupos que no passado. Se você pensar na Síria, há centenas de facções de cada lado. É uma mudança súbita: temos muito mais grupos, as guerras duram mais tempo e há mais intervenção externa.

O que explica isso? Não sabemos ao certo, mas temos uma suspeita forte: a ascensão das redes sociais. Elas permitem que forças antidemocráticas – seja Vladimir Putin, o governo chinês ou os Trumps do mundo— espalhem desinformação na internet, convencendo as pessoas a não confiar nas eleições e a não apoiar a democracia, argumentando que governos autocráticos são melhores. Essa maneira sub-reptícia de atacar a democracia não existia no passado.

As grandes empresas de tecnologia têm o mesmo modelo de negócios, que consiste em manter as pessoas tão ocupadas quanto possível com seus smartphones e computadores, e as informações que mantêm as pessoas conectadas por mais tempo são as que exploram o instinto de luta ou fuga, coisas que desencadeiam raiva, sensações de ameaça, de insegurança. O algoritmo oferece mensagens mais extremas.

Por exemplo, nos Estados Unidos, se você clicar em um link que mostra um policial salvando um filhote de gato em uma árvore, o algoritmo vai considerar que você é simpático à polícia. Começará então a te alimentar com mais informações a favor da polícia até que você esteja envolvido no debate a favor ou contra o Black Lives Matter.

Além disso, as redes sociais facilitam a mobilização de qualquer movimento. É uma mudança, porque antigamente era bastante difícil organizar uma milícia ou um grupo paramilitar. Isso tinha que ser feito com muito cuidado e de clandestinamente, e era difícil alcançar pessoas com as mesmas inclinações radicais.

A sra. afirma no livro que a maioria das pessoas não se dá conta de que uma guerra civil está a caminho até que a violência faça parte do cotidiano. Não existem sinais precoces? O governo dos Estados Unidos tem um manual chamado "Guia para a Insurgência", que é usado pelos soldados americanos em outros países. O guia ensina o que procurar para saber se há uma insurgência ou não.

Continua na pág. C7

Continuação da pág. C6

São três fases. A primeira etapa é a pré-insurgência, a segunda é insurgência incipiente, a terceira é insurgência aberta. Esse padrão se repetiu tantas vezes que é de fato possível identificá-los, mas, ao mesmo tempo, se você conhece os sinais, é perturbador ver populações ignorando os alertas.

Uma das coisas que acontecem, mesmo na primeira fase, é que, quando um grupo começa a se organizar, ele recruta membros, desenvolve uma ideologia, cria um conjunto de demandas.

Na segunda fase, o grupo adquire um braço militar e começa a realizar atos isolados de violência. Talvez esse seja o estágio em que os Estados Unidos e o Brasil estejam agora. Ocorrem ataques de terrorismo doméstico contra civis e líderes da oposição, talvez um candidato a presidente ou um juiz se torne alvo. Se houver elementos raciais, podem ocorrer massacres em bairros afro-americanos, igrejas, sinagogas.

Nessa fase incipiente, há uma tendência de rotular os ataques como isolados. Nos Estados Unidos, falamos em "lobo solitário", como se fosse uma pessoa louca, sem conexão com um movimento maior.

O curioso é que o manual do governo americano fala especificamente sobre as pessoas não quererem acreditar que há um câncer crescendo na sociedade. É mais fácil descartar esses primeiros ataques e não ligar os pontos. Só quando esses ataques se tornam frequentes e já não se pode ignorá-los, as pessoas param para pensar se é algo maior. Mas, nesse momento, o movimento provavelmente já teve anos para crescer e se organizar.

A invasão do Capitólio, nos EUA, e o ataque às sedes dos três Poderes, em Brasília, são eventos isolados ou indicam algo maior? Depende muito de como as coisas evoluem. Em ambos os casos, a ação foi contida. A invasão do Capitólio serviu de alerta para a sociedade e para o FBI. O FBI tem sido mais agressivo na identificação dos perpetradores e em levá-los a julgamento, e a pena de prisão deve enfraquecer o grupo de extrema direita por um tempo.

Porém, as coisas poderiam ter sido piores em ambos os casos. Por exemplo, os ataques poderiam ter sido bem-sucedidos nos EUA e Trump teria voltado ao poder. Além disso, eles poderiam ter se tornado mais violentos. A situação é frágil.

Sua pesquisa sugere que a transição, tanto da ditadura para a democracia como da democracia para a ditadura, é um fator relevante por trás da guerra civil. Por quê? Múltiplos estudos que analisaram fatores econômicos, políticos e geográficos perceberam que a transição era um dos dois mais importantes. Ou seja, se o governo do país é uma democracia parcial —nem totalmente autocrático nem totalmente democrático—, pode-se pensar em uma democracia fraca.

Se for uma autocracia que tenta se democratizar, o desmonte do aparelho repressivo cria uma oportunidade para que organizações ou pessoas se mobilizem para tentar capturar o governo. Foi o que vimos com o fim da Iugoslávia.

Mas também pode acontecer no sentido oposto, como vimos na Ucrânia. Quando o governo democrático entra em declínio, os cidadãos percebem que começa a se fechar uma janela para fazer suas reivindicações por meios não violentos. Isso cria um impulso para tentar evitar que se instale uma autocracia de fato.

Faz diferença a velocidade dessa mudança, seja para perto, seja para longe da democracia. Uma mudança rápida aumenta o risco. Não sabemos bem o motivo, mas suspeitamos que seja porque a mudança rápida indica um governo mais fraco, cercado de incertezas.

O outro fator que a sra. menciona no livro é a criação de facções. Como distinguir facções de grupos políticos? A faccionalização tem uma característica muito única: ela é racial, étnica ou religiosa. Nos Estados Unidos, os partidos estavam muito polarizados na década de 1960, mas um americano branco naquela época tinha tanta chance de ser democrata quanto republicano.

Isso não acontece mais hoje em dia. O Partido Republicano é quase 80% branco e, quase exclusivamente, cristão evangélico. Isso em um país multiétnico, multirracial e multirreligioso. Ou seja, o partido fala apenas para um grupo racial e um grupo religioso. Essa é a diferença entre uma facção e uma simples polarização ideológica.

Além disso, quando Barack Obama foi eleito, a classe trabalhadora branca deixou de ser democrata para se tornar republicana. Se essas pessoas realmente se importassem com a ideologia, isso não faria sentido. O Partido Republicano quer desmontar a rede de segurança social e econômica que beneficia a classe trabalhadora.

A razão para a classe trabalhadora branca migrar para o Partido Republicano não tem a ver com ideologia; tem a ver com o fato de o Partido Republicano apelar ao nacionalismo étnico branco. Isso é uma facção.

Isso também se aplica ao Brasil? Pergunto porque os eleitores de Bolsonaro têm um certo perfil demográfico, mas o fator que mais parece agregá-los é o sentimento anti-PT. Eles são espertos. Isso é apenas uma fachada para imigrantes, negros ou não brancos. Eu acho que há muitas semelhanças entre os Estados Unidos e o Brasil. Trump chegou ao poder, e seu partido se tornou cada vez mais nacionalista branco, pois demograficamente os brancos estão em declínio.

A parcela da população que tem formado milícias, que atacou o Capitólio e que nega eleições é formada de pessoas brancas que se sentem ameaçadas pelo fato de os brancos deixarem de ser maioria. Essas pessoas consideram um dever patriótico garantir que os cristãos brancos continuem no controle, mesmo que esse segmento se torne minoria, o que acontecerá por volta de 2045.

Isso já aconteceu no Brasil. Os brancos deixaram de ser maioria, e Bolsonaro entendeu o poder disso. Homens brancos ricos são os mais propensos a perder privilégios e poder.

Isso é uma facção? Ou está a caminho de se tornar uma facção. Quando um partido político passa esta mensagem: "Você é branco, deve votar em uma pessoa branca e, se eu for eleito, garantirei que as pessoas não brancas não tenham poder", isso é muito diferente de "se você acredita no conservadorismo e deseja criar incentivos para as pessoas trabalharem duro, vote em mim porque essa é nossa visão de uma sociedade saudável".

Em seu livro e nesta entrevista, a sra. cita Bolsonaro como exemplo de político que degradou a democracia e aumentou o risco de guerra civil. Poderia explicar melhor? Os estudos sobre guerra civil mostram que elas são mais prováveis em países com democracias parciais e com partidos baseados em uma identidade. O que Bolsonaro fez?

Ele quer enfraquecer a democracia do Brasil, apela cada vez mais para a raça. Ele não tem uma plataforma realmente baseada em ideologia. Ele está criando uma facção de brasileiros que cada vez mais acreditam que imigrantes são ruins, que brancos devem governar, que eles precisam tomar o país de volta.

Se ele tivesse sido reeleito, o risco aumentaria? Ele dobraria a aposta em sua estratégia, de modo que as duas condições para a guerra civil —democracia parcial e apelos à identidade— teriam continuado. Sabemos que, a cada ano que passa dentro dessas condições, o risco de guerra civil aumenta.

A derrota dele significa que não existe mais risco? Não. A situação não depende de uma pessoa específica, mas sim da força da democracia e dos tipos de partidos políticos existentes. Nos Estados Unidos, temos sorte de ter um presidente que acredita na democracia e não piora a situação, mas ele não conseguiu implementar reformas institucionais.

Que reformas precisam ser feitas? A coisa mais importante é regular as mídias sociais.

Como fazer isso sem ameaçar valores democráticos? Líderes de grandes empresas de tecnologia, como Mark Zuckerberg, se escondem atrás da primeira emenda da Constituição americana e dizem que regulamentar as mídias sociais representa um ataque à liberdade de expressão.

Isso é besteira. Todas as outras mídias são regulamentadas. Sabemos como fazê-lo.

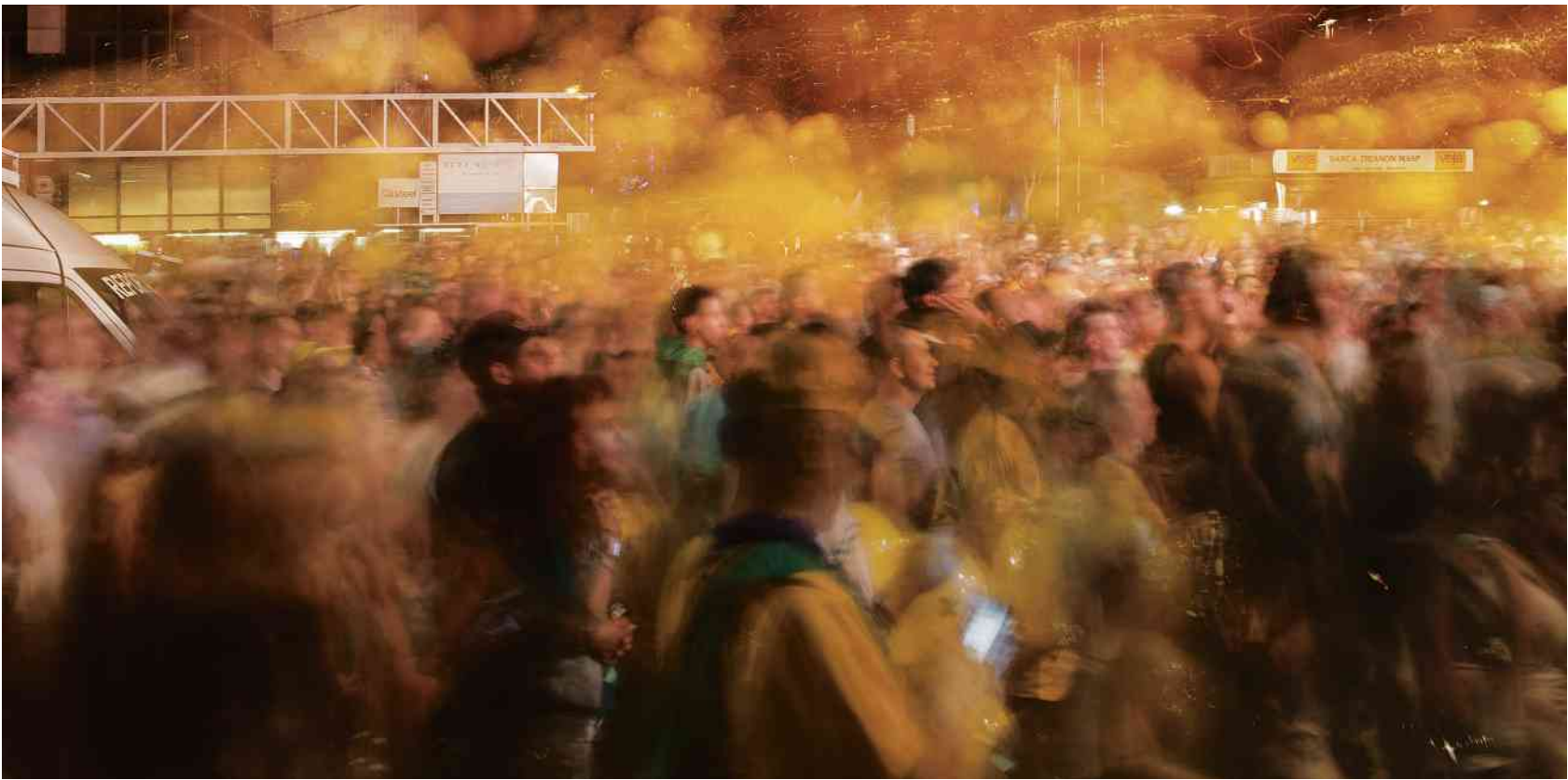
Mas vamos aceitar o argumento. Vamos deixar as pessoas colocarem o que quiserem na internet. É só regular os algoritmos. É só não permitir que as empresas projetem algoritmos que divulguem as informações mais odiosas, assustadoras e negativas.

O que os algoritmos fazem é selecionar informações específicas e disseminá-las quase instantaneamente para milhões de pessoas. Isso não é um direito protegido pela Constituição. É aquela citação: "liberdade de expressão não é o mesmo que liberdade de alcance". ←

Como as Guerras Civis Começam e Como Impedi-las
Autora: Barbara F. Walter.
Editora: Zahar. R$ 79,90 (320 págs.); R$ 39,90 (ebook)

Jurista de estimação

[RESUMO] Os golpes de Estado que se sucederam ao longo da história do país buscaram, com raras exceções, uma roupagem jurídica para legitimar a ruptura da ordem constitucional. Esse é o pano de fundo, argumenta o autor, da ideia de golpe 'dentro das quatro linhas' propagada por Bolsonaro e seu entorno, em que medidas flagrantemente ilegais são impostas em nome da lei

Por ***Lenio Luiz Streck***
Advogado, jurista e professor de direito constitucional na Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).
Autor de 'Hermenêutica Jurídica e(m) Crise' e organizador de 'O Livro das Suspeições: o Que Fazer Quando Sabemos que Moro era Parcial e Suspeito?', entre outros livros

Manifestação a favor do impeachment de Dilma Rousseff na avenida Paulista, em São Paulo, em abril de 2016 Michael Wesely/Divulgação

Em "As Viagens de Gulliver", houve uma longínqua guerra que vitimou 15 mil soldados. O motivo: como se devem quebrar ovos. Isso porque havia uma norma constitucional que dizia que todos deveriam quebrar ovos pelo lado certo.

Essa caricatura e crítica ácida feita por Jonathan Swift à realidade daqueles tempos (a obra é de 1726) mostra as múltiplas e, às vezes, bizarras possibilidades de interpretação de normas —e, claro, interpretações para justificar, muitas vezes, o contrário do que diz a lei. O ponto: a lei sempre pode ser usada para contrariar o seu "espírito".

Não há previsão em nenhuma Constituição de proibição de golpe de Estado. Claro, porque se der certo, os golpistas se instalam no poder. O máximo que a lei prevê é que a tentativa de golpe é crime. Questão de lógica: o vencedor do golpe não pode ser punido porque foi exitoso; o perdedor terá que ser punido porque sua tentativa de impedir deu errado.

O tema do golpe de Estado está na ordem do dia por duas razões: porque deu errado a tentativa que teve seu auge em 8 de janeiro e porque o presidente Lula trouxe à baila o episódio do impeachment de Dilma Rousseff. Ele reafirmou na Argentina recentemente que o mandato para o qual ela foi eleita foi usurpado por um golpe.

"Se depender de mim, vai continuar falando que foi golpe", disse o respeitado jornalista Hélio Doyle, indicado para comandar a rede pública de jornalismo, a EBC (Empresa Brasil de Comunicação). Difícil contestar. O consenso a que chegaram as elites e a oposição pesou mais que os 54,5 milhões de votos que Dilma recebeu em 2014. Na prática, sim, mas a ruptura institucional é irrebatível.

O "Valgate", revelado pelo senador Marcos do Val, mostra os muitos tons da criatividade golpista: gravar o presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), com suporte do serviço de inteligência do Planalto, para forjar uma prisão criminosa, atesta isso.

Olhando a história do Brasil, vemos que os diversos golpes —é possível contar pelo menos dez— sempre tiveram, com exceção talvez da Proclamação da República, uma roupagem jurídica. Trata-se de uma juscamuflagem e, em nome do direito, se rompe o direito.

Querem ver como se quebra um ovo do lado certo? Veja-se o que disse Pontes de Miranda, poucos dias após o golpe de 1964: "As Forças Armadas violaram a Constituição para poder salvá-la". Viram? Basta querer justificar. Sempre se acha um jeitinho brasileiro de disfarçar o golpe.

Funciona como "para o bem da nação e utilizando as leis tais e tais (algo que serve para qualquer coisa)", se derruba o governante. Há interessantes estudos sobre essa "camuflagem jurídica". Um, mais antigo, de Leonel Severo Rocha, outro mais recente, de Danilo Pereira Lima. Embora os autores se fixem nos períodos pós-golpes bem-sucedidos, em que mostram que mormente o regime de 64 buscou sempre uma pseudolegitimidade no campo jurídico, os estudos são úteis para mostrar como até mesmo os golpes de Estado buscaram se basear "na lei".

Antes da destituição de João Goulart, a base governista e os conspiradores chegaram a disputar a narrativa sobre quem se colocava em defesa da legalidade. Em 1961, durante a crise da renúncia de Jânio Quadros, os golpistas foram derrotados pela Campanha da Legalidade, de Leonel Brizola. Pouco tempo depois, a situação se inverteu. Com apoio de amplos setores da comunidade jurídica, a destituição de Jango passou a ser tratada como um ato de defesa da legalidade contra o espantalho do comunismo.

Talvez por isso o golpe de 1964, uma autêntica quartelada, ainda seja chamado por alguns de movimento. Acrescente-se a tese da posse de Ranieri Mazzilli, mas aí já é muita omelete. Lembrando que o presidente ainda se encontrava em território brasileiro no momento da manipulação.

A questão da legalidade foi um tema central para os generais após a destituição de Jango. Já nos primeiros dias da ditadura, juristas foram consultados para apresentar uma fórmula jurídica. Claro. Era preciso apresentar um fundamento no direito para deixar claro que a ditadura seria imposta em nome da lei. Depois de analisarem muitas propostas, os generais optaram pelo ato institucional de Francisco Campos e Carlos Medeiros Silva. Desse modo, os dois jurisconsultos asseguraram que a ditadura seria imposta "dentro da lei". Sempre em nome da lei.

Em 1968, os generais aprofundaram as medidas autoritárias em total conformidade com posições políticas já adotadas por Castelo Branco e instituíram o AI-5, que dava ao presidente poderes imperiais. Todos os atos do Executivo foram baseados no AI-5. Isto é, tudo de "acordo com a lei".

Tanto é que, em 1977, Geisel usou o AI-5 para "legitimar" o fechamento do Congresso, a suspensão das eleições para governador e a criação do senador biônico. Tudo de "acordo com a lei", até porque os atos institucionais tinham assumido o status de principal instrumento normativo da ditadura.

Veja-se: no entendimento dos militares, o uso da legalidade garantia um status diferenciado para a ditadura brasileira no ambiente latino-americano. Esse é o busílis. Os generais brasileiros não queriam ser confundidos com os chamados caudilhos da região, pois desejavam assumir ares de superioridade.

Queriam que o Brasil fosse visto como uma democracia, com alternância de generais na Presidência, com o STF e o Congresso Nacional aparentemente funcionando dentro da normalidade e com um bipartidarismo fictício (Arena-MDB) para dizer que existia pluralismo político. Assim funcionava a dupla face da legalidade autoritária brasileira: de um lado, o verniz da normalidade institucional; de outro, a repressão nua e crua.

Dá para entender melhor agora o argumento de Bolsonaro das "quatro linhas"? Ele sempre disse que fazia tudo dentro das quatro linhas. Pois esse é o conceito de golpe no Brasil. Dar o golpe segundo a Constituição para "salvar a democracia". Como se faz isso?

Temos um exemplo também interessante na Operação Lava Jato, ovo da serpente de tudo isso que está aí. Fazia-se "tudo de acordo com a lei". Todos sabemos como era esse "de acordo com a lei", inclusive com as delações superpremiadas que eram conduzidas pelo MP (Ministério Público), que vetava determinados advogados e escolhia outros para serem seus ex-adversos.

Isso é "fazer de acordo com a lei" no Brasil. As ilegalidades foram praticadas exatamente pelo "fiscal da lei" e pelo responsável por interpretá-la e aplicá-la. A legalidade nunca é ilegal, mas a ilegalidade pode ser legal. Se é que me permitem a nuance —e peço que permitam, porque é exatamente uma questão das nuances.

O impeachment de Dilma Rousseff pode ser um "case de sucesso" nas aulas de direito constitucional do golpe e de linguística. De um lado, o impeachment transformou o presidencialismo em parlamentarismo; de outro, todas as acusações restaram revertidas. Faltaram votos para impedir o impeachment, se diz, e isso seria um problema das "regras do jogo". "Tudo dentro das quatro linhas"! O problema é que o impeachment exige mais que maioria de votos para derrubar um mandatário. Mas a camuflagem fica bem visível, se é que camuflagem faz algo ficar suficientemente visível.

No entanto, para além disso, o golpe mais anunciado da história brasileira foi o 8 de Janeiro. O presidente e seu entorno, auxiliados por jornalistas, radialistas, jornaleiros, parlamentares e ex-jogadores de bingo lançavam mão de uma ultracamuflagem jurídica: o famoso artigo 142 da Constituição, que, para a tese camufladora, é um dispositivo que cria um gatilho de autoimplosão da Carta e do sistema democrático. Claro, tudo "dentro da legalidade", não é mesmo? Fosse verdadeira a tese, o Brasil seria declarado inimputável pelo constitucionalismo internacional.

O lema é "tudo dentro das quatro linhas", como se pode ver pelo rascunho encontrado na casa do ex-ministro da Justiça e pela declaração do presidente do partido do presidente da República, Valdemar Costa Neto, que disse que rascunhos de decretos de estado de defesa e afins rolavam aos quatro cantos. Ele disse mais: como o presidente não encontrou modo de alterar o resultado das urnas dentro das quatro linhas, desistiu do golpe. Pronto: eis o conceito. Golpe dentro das quatro linhas. Criação bem brasileira.

O clássico exemplo em teoria é bastante didático (se me permitem o parêntese). Age ou não age estritamente —ou supostamente?— na "letra da lei" um juiz que, diante da proibição de cães na plataforma, permite um urso e proíbe o cão-guia? O ponto é que esse juiz hipotético não está agindo (apenas) injustamente. Está praticando uma ilegalidade ao subverter a lei em seu próprio nome. Isto é: nenhum legislador é tão idiota para proibir cães e liberar ursos. Mas o juiz-intérprete pode se achar mais esperto e dar um golpe na lei. Golpes de Estado se dão assim (também). Ou seja: o sujeito pode levar ursos e jacarés "dentro da lei".

Wittgenstein traz o exemplo do jogo. Se eu peço para que alguém ensine um jogo para meus netinhos, preciso explicar antes que não se pode ensinar um jogo inapropriado para crianças, envolvendo dinheiro e apostas? É claro que não.

Assim como o golpe de Estado, que ninguém proibiu expressamente. Ideia genial: a partir de hoje, fica proibido o golpe exceto quando seguir um rito, formalisticamente. Aí pode, porque daí não é golpe. Será mesmo?

Outra lição: todo golpista chega ao poder dizendo que vai cumprir a lei. Cuidado: talvez ele cumpra mesmo. "Prometo manter, defender e cumprir a Constituição", disse Castelo Branco. Pronto. A junta militar disse isso também em 1968. Ora, a lei...

Aí vem mais uma das lições desse imbróglio: todo golpista sempre terá um jurista para chamar de seu, para dizer qual é o lado certo de se quebrar o ovo, para lembrar a ironia de Gulliver.

Tudo dentro da lei, pois. Circulando! Eis o nosso jeitinho brasileiro de dar outro nome às coisas. Até nisso damos golpes nas palavras. ←

Valdemar Costa Neto disse que rascunhos de decretos de estado de defesa e afins rolavam aos quatro cantos e que, como o presidente não encontrou modo de alterar o resultado das urnas dentro das quatro linhas, desistiu do golpe. Pronto: eis o conceito. Golpe dentro das quatro linhas. Criação bem brasileira

Perigo! Figuras de estilo!

Meios de comunicação têm a nova e higiênica prática de avisar indefesos

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Amigos chamaram a minha atenção para uma nova e higiênica prática de alguns meios de comunicação, levada a cabo com a admirável intenção de proteger as pessoas indefesas contra os malefícios do discurso não literal.

Como eu estava com dificuldade em acreditar, enviaram-me algumas provas.

Por exemplo, um post no Instagram do canal GNT.

Dizia assim: "Nossa querida Blogueirinha do Fim do Mundo estranhou a atenção que personalidades pretas têm recebido nos últimos tempos e protesta pela minoria branca".

*E por baixo vinha a legenda piedosa, entre conspícuos asteriscos: "*Atenção, este vídeo contém ironia*".*

Que sorte dos espectadores. Antigamente eles eram expostos a um vídeo irônico completamente desprevenidos. Tinham de ver o vídeo, avaliar a intenção de quem intervinha nele e tirar conclusões —tudo isso usando o próprio cérebro, arriscando exaustão e dores de cabeça.

Agora podem assistir ao vídeo com tranquilidade.

A minha dúvida é a seguinte: bastará uma mensagem desse tipo, semelhante à das embalagens que nos informam que determinado produto contém glúten? Não será melhor um aviso igual ao do tabaco, dizendo: "A ironia prejudica gravemente a sua saúde e a dos que o rodeiam. Deixe já"?

E por que distinguir apenas a ironia com o privilégio de ser precedida de avisos?

Outras figuras de estilo também podem ser igualmente ameaçadoras.

*(*Atenção, a próxima frase contém uma aliteração.*) A tal tática talvez tape os olhos a perigos maiores. Que sentido faz avisar para a ironia mas não alertar para estratégias oratórias que repetem o som ta-ta-ta-ta, tão parecido com o da metralhadora?*

*(*A próxima frase contém uma comparação.*) É como estar numa pocilga e avisar que alguém cuspiu para o chão.*

*(*As próximas duas frases contêm uma anadiplose.*) É preciso ter cuidado. Cuidado com todas as figuras de estilo, e não apenas com uma.*

*(*A próxima frase contém um zeugma.*) Os autores do aviso estão preocupados com uma figura de estilo; eu, com todas.*

*(*A próxima frase contém ironia. Avance por sua conta e risco.*) Somente quando estivermos prevenidos para todo o discurso não literal poderemos comunicar em segurança, sem medo dos graves prejuízos que ele pode causar.*

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Rihanna canta no intervalo do jogo Super Bowl após 5 anos sem palcos

Rihanna no Super Bowl
RedeTV!, Star+ e canais ESPN, por volta de 22h, livre

Os Kansas City Chiefs e os Philadelphia Eagles se enfrentam na final do campeonato de futebol americano em Glendale, no estado americano do Arizona. A partida começa às 20h30, mas a RedeTV! inicia sua transmissão às 19h e a plataforma Star+ e os canais ESPN, às 20h. Por volta das 22h, quando termina o primeiro tempo, Rihanna faz um show de menos de 15 minutos, no gramado do estádio State Farm. É a primeira vez que a cantora se apresenta ao vivo depois de mais de cinco anos longe dos palcos.

Abestalhados 2
Star+, 14 anos

Apesar do dois no título, este filme não é uma sequência. É uma comédia sobre quatro amigos que pretendem rodar um blockbuster de ação, sem os meios para tanto. O elenco conta com Paulinho Serra, Raul Chequer, Leandro Ramos e Felipe Torres, e a direção é de Marcos Jorge e Marcelo Botta.

Infiesto
Netflix, 14 anos

Uma dupla de detetives vai a uma cidade do interior da Espanha investigar o caso de uma mulher que reaparece depois de meses sumida. Mas o início da pandemia de Covid impede que eles descubram de imediato a verdade.

Graças ao Amor
Lifetime, 21h10, 14 anos

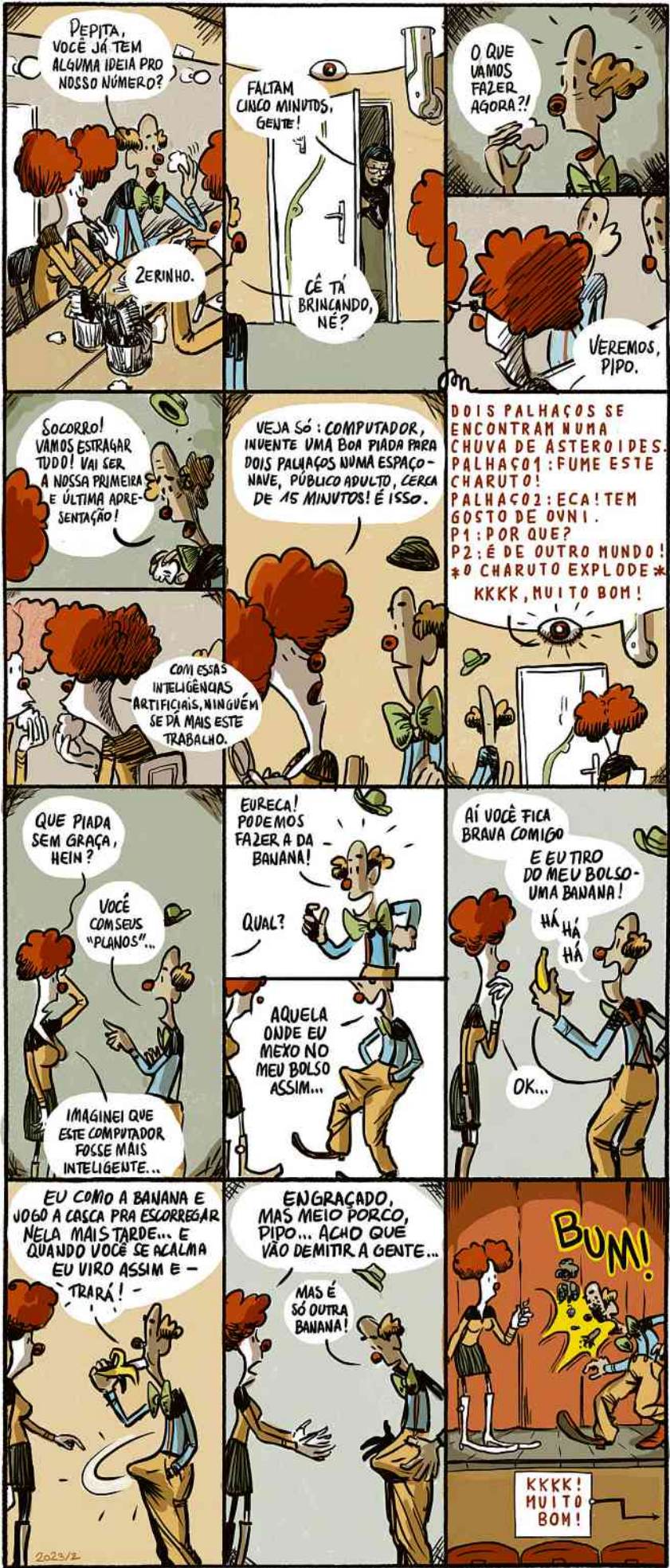
Neste filme romântico turco, um rapaz com pensamentos suicidas conhece uma moça que devolve ao jovem a alegria de viver. Mas, apesar do otimismo, ela sofre de uma doença terminal.

O Pagador de Promessas
Canal Brasil, 19h, livre

A "Mostra Oscar" do canal exibe, aos domingos, até 12 de março, filmes brasileiros que concorreram a prêmios da Academia de Hollywood. A estreia é com o clássico de Anselmo Duarte, que foi indicado a melhor filme em língua estrangeira há 60 anos.

Canal Livre
Band, 0h, livre

Um dos idealizadores do Plano Real e recém-nomeado para a Comissão de Estudos Estratégicos do BNDES, o economista André Lara Resende fala sobre o estado atual da economia brasileira e do embate em torno da taxa de juros.

QUADRÃO | *Jan Limpens*

| DOM. Jan Limpens, **Luiz Gê**, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Morre Hugh Hudson, diretor vencedor do Oscar por 'Carruagens de Fogo', aos 86 anos

SÃO PAULO O diretor britânico Hugh Hudson, conhecido pelo filme "Carruagens de Fogo", morreu nesta sexta-feira. Ele tinha 86 anos de idade.

A causa da morte não foi especificada, mas a família declara em comunicado que ele passou por um breve período de doença. Ele estava internado em um hospital de Londres, a capital britânica.

Lançado em 1981 no Festival de Cannes, "Carruagens de Fogo" não só renderia uma indicação ao Oscar ao diretor, como sairia como grande vencedor do prêmio da Academia no ano seguinte. Recontando histórias das Olimpíadas de 1924, o longa estrelado por Ben Cross e Ian Charleson levou quatro das sete estatuetas aos quais foi nomeado, incluindo o cobiçado prêmio de melhor filme daquele ano.

Além de "Carruagens de Fogo", Hudson ficou conhecido do público brasileiro por filmes de época como "Greystoke: A Lenda de Tarzan, O Rei da Selva" e "A Revolução", este último com Al Pacino.

Hugh Hudson começou a carreira na publicidade, trabalhando em comerciais até se tornar diretor de segunda unidade no filme "O Expresso da Meia-Noite", de Alan Parker, em 1978. Depois de produzir um documentário sobre o automobilista argentino Juan Manuel Fangio em 1980, ele seria alçado ao estrelato com a explosão de sua obra "Carruagens de Fogo".

O sucesso e reconhecimento do drama esportivo levaram o cineasta a Hollywood, onde produziu "Greystoke" e "A Revolução". Hudson ainda trabalhou como diretor nos filmes "De Volta Para Casa", de 1989, "Tempo de Inocência", de 1999, e "África dos Meus Sonhos", de 2000.

Seu último longa-metragem foi "Altamira", produzido em 2016 com Antonio Banderas e Rupert Everett no elenco. Seu último crédito criativo foi no roteiro de "O Menino e o Tigre", lançado recentemente nos cinemas brasileiros.

O diretor veio também ao Brasil em 2008, como integrante do júri da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Na ocasião, quatro de seus filmes fizeram parte da programação do festival.

Na década de 1960, Hudson morou na Europa e dirigiu documentários em Paris, chegando a chefiar uma produtora de filmes na capital francesa. A empresa lançou, entre outros, os filmes "A for Apple" e "The Tortoise and the Hare", que ganhou uma indicação para o prestigiado prêmio Bafta.

Cena do curta 'Canção de Amor', de Jean Genet
Reprodução

O Homero dos palestinos

[RESUMO] Autor reconstitui a trajetória do escritor francês Jean Genet, que presenciou o massacre de Sabra e Chatila em 1982 e teve sua vida modificada pela causa palestina. Há 40 anos, Genet, poeta maldito, de vida conturbada, escreveu sobre o episódio, condenado pela ONU como ato de genocídio

Por ***Carlos Adriano***
Cineasta e doutor pela USP, realizou pós-doutorado em comunicação e semiótica pela PUC-SP e dirigiu 'O que Há em Ti' (2020) e 'Santos Dumont Pré-cineasta?' (2010), entre outros filmes

Há 40 anos, o Journal of Palestine Studies estampava o último texto publicado em vida por Jean Genet, após uma década sem escrever: "Quatro horas em Chatila" (1982). As 20 páginas assombrosas são a virada de sua existência, humana e literária.

Versam sobre o massacre que a ONU condenou, em dezembro de 1982, como ato de genocídio. Com o comando logístico-moral de Israel e como vingança pelo assassinato do presidente eleito Bashir Gemayel, a milícia da extrema direita libanesa-cristã chacinou 4.500 civis palestinos e libaneses nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, entre 16 e 18 de setembro de 1982.

Em êxtase com a causa palestina, Genet chamou-a de "minha revolução". Quis ser "o Homero dos palestinos". Ao fim do derradeiro artigo, diz: "A luta por um país pode preencher uma vida bastante rica, mas curta. Foi essa, recorde-se, a escolha de Aquiles na Ilíada". Em seu "textamento", daria a deixa: "A fama dos heróis deve pouco à imensidão de sua conquista e tudo ao sucesso dos tributos que lhe são rendidos".

Depois de "Chatila", Genet fez o texto-testamento "Um Cativo Apaixonado" (1986), livro póstumo e inclassificável no rizoma de gêneros. A Palestina livre era árbitro de seu juízo. Volante da justiça e da justeza, que se tornou amigo de Derrida por causa do futebol, Genet escalou o time de França, Israel, Estados Unidos e países árabes reacionários contra o dream team de Panteras Negras, palestinos e ele mesmo.

A questão palestina é a questão da ocupação israelense do território palestino. Em maio de 1948, a fundação do Estado de Israel, baseada em atrocidades como o massacre de Tantura, converteu 750 mil palestinos em refugiados e condenou-os ao exílio —é a Nakba (catástrofe). Genet não reparou que "Quatro Horas em Chatila" foi impresso justamente nos 35 anos da Nakba.

Com a Nakba (75 anos em 2023), Israel instituiu e institucionalizou a limpeza étnica da Palestina e um estado de apartheid (em 1948, foi criado o mesmo sistema na África do Sul). Sionismo não é judaísmo, mas é um programa de "colonialismo por povoamento", cuja lógica de eliminação e desumanização dos povos nativos conduziria "naturalmente" ao genocídio.

A devastação segue em Gaza, Jenin, Nablus e outros territórios ocupados. Só em janeiro deste ano, 35 palestinos foram assassinados. Em 2022, 220 foram mortos por ataques de Israel. Os novos historiadores israelenses e árabes, que recalibraram ao contexto os conceitos de colonização e limpeza étnica, revogaram a "solução de dois Estados" como falácia do futuro, entrave para a paz entre Israel e Palestina.

Genet nasceu em Paris em 19 de dezembro de 1910. Órfão, exerceu a delinquência como profissão (também de fé). Com o gene do crime, fez da contravenção a versão idealizada da vida pelas vias do mal. Em prêt-à-porter de porte e impostura, foi ladrão, michê e vagabundo. Sempre do lado de párias e deserdados, o revoltado e radical artífice da língua francesa era uma bicha levada da breca barra pesada.

"Nossa Senhora das Flores" (1942) fez Jean Cocteau adotá-lo. É autor de romances ("O Milagre da Rosa", 1946), peças de teatro ("O Balcão", 1956), ensaios ("O Ateliê de Alberto Giacometti", 1958) e do filme "Um Canto de Amor" (1950). Sartre, o zarolho papa-pop do existencialismo, canonizou-o na hagiografia "São Genet: Ator e Mártir" (1952). Para Edward W. Said, "o desafio de sua escrita consiste no antinomianismo feroz" e ler Genet supõe o aceite da "singularidade indômita de sua sensibilidade".

Genet não usou o "keffiyeh" (lenço palestino) como cafuné na boa consciência ocidental. Seu destino foi trançado ao dos palestinos —o acaso o levou à ocasião do genocídio em Chatila. Segundo Edmund White ("Genet: uma Biografia", 1993), "sua mente fluida permitia-lhe associar o heroísmo das trocas de sexo à coragem suicida dos soldados palestinos". Ele até confessou sentir "atração erótica" pelo povo palestino.

Em 1968, na Tunísia, Genet viu poemas em iluminuras árabes louvando o Fatah, partido da OLP (Organização para a Libertação da Palestina). No Maio de 68, na Sorbonne, reviu as plaquetes na barraca de agitação da OLP. Em 1969, a equipe da Tel Quel o apresentou ao delegado da OLP em Paris. "Os Palestinos", seu texto-legenda para fotografias de Bruno Barbey, saiu na revista Zoom em 1971.

Após o Setembro Negro, passou seis meses na Jordânia (1970-1971), encantado na experiência com os fedayin (combatentes-mártires). Encontrou Yasser Arafat, que pediu para ele escrever um livro sobre a revolução palestina e lhe assinou um passe de acesso aos territórios da OLP, xodó que Genet exibia em Paris com garbo e orgulho. Questionado por um palestino sobre quando terminaria o livro, cravou: "Quando vocês terminarem sua revolução".

Com a amiga e embaixadora Leila Shahid, Genet chegou à capital do Líbano em 12 de setembro de 1982. Sabia da ameaça aos campos palestinos na periferia de Beirute, mas não imaginava a dimensão do horror que haveria. Na manhã de domingo (19), foi a Chatila, fingindo ser jornalista. Primeiro europeu a ver a catástrofe do massacre, vagou por quatro horas em vielas de cadáveres dilacerados —"andei sobre os mortos como quem salta sobre um precipício". Após dois dias trancado no quarto, rasgou as notas e deu descarga na privada: "Se a coisa não ficar na minha cabeça, não merece ser escrita".

No outubro parisiense de 1982, escreveu "Quatro Horas em Chatila". Ao contrário da prosa rasa de um informe estrito, o magnífico ensaio é anamnese poética do horror intolerável. Foi publicado no Journal of Palestine Studies, número 3, volume 12, na primavera de 1983 (quase três décadas antes do começo da Primavera Árabe). O texto justapõe os tempos de Amã e Beirute e lhe devolve "o ato de escrever". Sobre a beleza terrível, justificou à la John Keats: "Este texto é belo porque é verdadeiro, e o que é verdadeiro é sempre belo".

No outubro marroquino de 1983, começou "Um Cativo Apaixonado", que não veria em livro —o câncer na garganta o calou em abril de 1986. O corvo de Poe diria: Genet, não há bálsamo em Galaade (resina também chamada "bálsamo de Meca"). Diante das provas do livro terminal, quis designar, mallarmaico, os espaços em branco: "Só eu posso fazer tal programação gráfica".

Não muçulmano, foi sepultado no cemitério cristão-espanhol de Larache, com vista para a prisão e um bordel, típicos tópicos de seu imaginário. A cova foi orientada para Meca. "Três Pedras para Jean Genet" (2014, Frieder Schlaich) filma a jura peregrina de Patti Smith, poeta diva do punk-rock e devota do escritor, para quem compôs a balada "Wing".

A definição de Fernando Pessoa é boa ('gênio é inadaptação ao ambiente'), mas a de Genet é arrebatadora: 'O gênio é o rigor no desespero'. Chatila foi gatilho. Para Genet, poeta maldito, a Palestina foi signo de novos 'vislumbres de espanto e compreensão'

Cativo de ruminações mnemônicas, Genet investiga sua amorosa experiência palestina em vertiginosa montagem cinematográfica de conexões inesperadas. No livro digressivo e transgressor, a meditação sobre a escritura é crucial, junto à memória do massacre —Chatila "redux".

Uma imagem incomum: o corte de cabelo de Genet sob a luz do crepúsculo, com as mechas brancas ao chão sob o olhar dos fedayin e as estrelas. Uma passagem deslumbrante: "Tentar pensar a revolução é como despertar de um sonho e tentar ver sua lógica. Não há razão para, no meio de uma seca, pensar sobre como cruzar um rio que levou embora a ponte".

No "textamento", glosa Dylan Thomas: "A felicidade de minha mão no cabelo de um garoto já conhece outra mão, e se eu morrer essa felicidade continuará". Ele confia que "a revolução está no desafio de levar integralmente uma vida feliz". Em 1974, em Tânger, Genet se apresentou a Mohammed El Katrani (26 anos), seu último amante, não como francês mas como um fedayin.

Não se sabe o que os fedayin achavam de Genet, que, por seis meses de 1970-1971, dormiu em uma barraca com 30 soldados adolescentes. Ele relatou a camaradagem folgazã, o choque e a chacota deles ao se dizer gay e ateu. Certa vez, um soldado palestino que jamais lera Genet nem o conhecia foi indagado sobre o objetivo da revolução: "Criar um novo homem". Tipo? Falou e disse: "Jean Genet".

Genet talvez teria escrito o prefácio dos livros de Ilan Pappe, "A Limpeza Étnica da Palestina" (2006) e "Dez Mitos sobre Israel" (2017). Provavelmente apoiaria as intervenções de Banksy, como a grafitagem em 2005 no muro que Israel começou a erguer há 20 anos (em 2003) para separar a Cisjordânia e a doação em 2020 do tríptico "Vista para o Mar Mediterrâneo" para um hospital em Belém; mas não se hospedaria no Walled Off Hotel (o nome parodia o luxuoso Waldorf de Nova York), inaugurado em 2017 por Banksy, com "a pior vista do mundo".

"Estou do lado dos que buscam ter um território, ainda que eu me recuse a ter um." Suas duas últimas obras honram uma emergência-urgência coletiva e formam uma poética do libelo palestino. Foram tema de livro (1993, Jérôme Hankins) e filme (1999, Richard Dindo) homônimos: "Genet em Chatila". Para Said, a Primeira (1987-1993) e a Segunda Intifadas (2000-2005) seriam uma das razões para se querer Genet ainda vivo. Em "Um Cativo Apaixonado", fala-se do "levante metafísico dos nativos". Outra razão seria a Primavera Árabe (2010-2012). No Brasil, Genet usaria o boné do MST.

A definição de Fernando Pessoa é boa ("gênio é inadaptação ao ambiente"), mas a de Genet é arrebatadora: "O gênio é o rigor no desespero". Em "Os Biombos" (1961), onde argelinos seriam os futuros palestinos, propõe "uma deflagração poética". Chatila foi gatilho. Para Genet, poeta maldito e militante do não reconciliável, a Palestina foi signo de novos "vislumbres de espanto e compreensão".

Horrores de outras ordens teimam em coagular o cotidiano do mundo. Os genocídios dos povos yanomami e palestino chocaram os olhos de soslaio na aurora de 2023.

O asserto de Hölderlin no poema póstumo "Pão e Vinho" —"e para que poetas em tempo de pobreza?"— ecoa em Genet: "Não quero ser um intelectual. Sou um poeta. Defender os palestinos se ajusta à minha função como poeta". Amém, Genet. Salam, Jean. ←

EstúdioFOLHA APRESENTA

Decoração
Um lar personalizado para chamar de seu
Pág. 4

Vista de drone da Granja Vianna com a Paróquia Santo Antonio

REGIÃO DA GRANJA VIANNA:

Rubens Chaves/Folhapress

QUALIDADE DE VIDA EM MEIO À NATUREZA

Região oferece múltiplas opções de serviços e une tranquilidade, proximidade com o verde e fácil acesso à metrópole

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Emiliano Capozoli/Estúdio Folha

Templo Budista Zu Lai

UMA VIDA AO AR LIVRE

Rafael Roncato/Folhapress

Parque Cemucam

Viver junto à natureza com as facilidades da capital é o que encanta os moradores da Granja Viana, área nobre na zona oeste da Grande SP

Sonho de consumo para quem não dispensa as facilidades da metrópole, mas ama viver junto à natureza, a Granja Viana é uma das áreas mais valorizadas de São Paulo. O bairro é administrado pelo município de Cotia e faz divisa com Embu das Artes. Com cerca de 35 mil habitantes, atrai um público com alto poder aquisitivo.

O trajeto de 22,3 km até o centro da capital pode ser percorrido em cerca de 40 minutos de carro pela Rodovia Raposo Tavares. Para quem prefere usar a infraestrutura local, a Granja Viana oferece uma ampla variedade de comércio, serviços e lazer.

No quesito educação, há escolas de alto nível, como o Colégio e Faculdade Rio Branco e o Colégio Objetivo, entre diversas outras opções de ensino infantil, fundamental e de idiomas.

O shopping ao ar livre Open Mall The Square é uma opção de lazer para toda a família. Além de lojas, supermercado e cinema, dispõe de academia, laboratório e salão de beleza. Uma programação completa nos fins de semana inclui exposições, shows, festivais gastronômicos e de música. Para as crianças, playground ao ar livre e o maior circuito de arvorismo de São Paulo, com 12 metros de altura, 51 pontes e 6 opções de trajetos para radicais de todas as idades.

O Kartódromo Internacional Granja Viana tem um visual deslumbrante e sedia competições mundiais de kart, mas é também um programa para quem quer experimentar o esporte como piloto amador.

Em meio à natureza existem dois parques: Cemucam e Teresa Maia. São ótimos para caminhada, corrida, esportes, piquenique ou para contemplar a natureza e os bichos. Inaugurado em 2008, o Teresa Maia é fruto do empenho da comunidade e da subprefeitura da Granja, que transformaram uma área de 24 mil m2 em um parque charmoso.

Em breve os moradores da região contarão com um novo parque temático, o Animalia Park. Localizado no km 39 da Raposo Tavares, o complexo é dividido em duas partes – Zoológico e Parque de Diversões. Entre as atrações haverá uma montanha-russa spinning com roda de hamster, inédita no Brasil, e uma montanha russa infantil spinning.

Para completar os encantos da região, o Templo Budista Zu Lai pode ser visitado por quem busca conhecer uma nova cultura, praticar o budismo ou simplesmente encontrar um ambiente de tranquilidade e rara beleza.

Fotos Shutterstock

UM LAR PERSONALIZADO PARA CHAMAR DE SEU

Existem muitas formas para deixar a casa do seu jeito, com os seus valores, sua personalidade e seus pequenos mimos em cada espaço

Sentir-se em casa significa estar acolhido e seguro, e personalizar os ambientes torna a casa autêntica e aconchegante. Isso significa mais do que colocar fotos, quadros ou objetos pessoais. Significa escolher detalhes que trazem bem-estar aos moradores, de acordo com o seu estilo de vida.

Pode ser por meio de cores, textura, iluminação, mobiliário e na forma de arranjar cada espaço. Os valores do morador podem estar presentes em elementos que demonstrem seu cuidado com o meio ambiente ou com os afetos, por exemplo.

Contar com um profissional ajuda, mas quem vai definir se o ambiente será mais sofisticado ou despojado, intimista ou formal, com mais ou menos aconchego é o morador. Seu toque pessoal é o que fará da casa um lar.

ÁREAS EXTERNAS: PISCINA, JARDIM, QUINTAL, CHURRASQUEIRA

O tamanho importa pouco. Com o projeto e os elementos certos é possível unir jardim, piscina e área gourmet mesmo em pequenos espaços. Um espaço maior dá direito a forno de pizza, mesas grandes para muitos convidados, sofás, espreguiçadeiras, local para redes e assim por diante.

O limite é a sua imaginação. O que não pode faltar é o verde. O espaço pode ser personalizado do seu jeito: com sofás confortáveis e um projeto paisagístico que inclua plantas decorativas, flores e se possível algumas frutíferas para deixar o lugar mais atraente.

HOME OFFICE

A tendência de trabalhar em casa veio para ficar. A pandemia da Covid 19 acelerou o formato híbrido de trabalho: alguns dias em casa e outros na empresa. Segundo pesquisa da consultoria IDC Brasil em 2022, 56% dos trabalhadores já atuam assim. Destes, 73% o definem como a melhor forma de trabalho.

Entre as vantagens apontadas estão maior liberdade profissional, proximidade com a família, menos estresse com o trânsito, redução de custos para a empresa e para o funcionário.

DICAS PARA UM HOME OFFICE FUNCIONAL

Escolha um cômodo com boa iluminação natural, ventilação e pouco barulho. Isso aumentará sua concentração e produtividade.

Invista em móveis confortáveis e ergonômicos.

Mesa ou bancada devem ter tamanho suficiente para acomodar os materiais necessários, além do computador.

Um apoio lateral, que forme um "L", aumenta a funcionalidade. Se o espaço for limitado, baquetas e prateleiras fazem o papel da mesa lateral.

Uma cadeira de escritório confortável é fundamental. Invista nela.

A decoração deve ser agradável – além de ficar muitas horas no espaço, ele será pano de fundo para reuniões virtuais.

Plantas trazem aconchego. Escolha as de fácil manutenção (mini cactos e lanças de São Jorge são boas opções).

Fotos Shutterstock